

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA  
CARLOS HENRIQUE VARGAS PEREIRA**

**incoMUDE-se:**  
OS CIBERCAMINHOS DA POESIA DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL

Juiz de Fora  
2020

**CARLOS HENRIQUE VARGAS PEREIRA**

**incoMUDE-se:**

**OS CIBERCAMINHOS DA POESIA DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL**

Dissertação apresentada ao Centro Universitário Academia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira).

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Gervason Defilippo

Juiz de Fora

2020

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia**

P436

Pereira, Carlos Henrique Vargas,  
incoMUDE-se: os cibercaminhos da poesia de Pedro Antônio  
Gabriel / Carlos Henrique Vargas Pereira, orientadora Dr<sup>a</sup> Juliana Gervason  
Defilippo.- Juiz de Fora: 2020.  
177 p., il.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) –  
Centro Universitário UniAcademia, 2020.

1. Poesia brasileira contemporânea. 2. Mídias sociais. 3. Pedro  
Antônio Gabriel. 4. Visual witting. 5. Cibercaminhos. I. Defilippo, Juliana  
Gervason, orient. II. Título.

CDD: B869.1

PEREIRA, Carlos Henrique Vargas.  
**incoMUDE-se**: os cibercaminhos da poesia de Pedro Antônio Gabriel. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, da Unicademia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos, realizada no 2º semestre de 2020.

#### BANCA EXAMINADORA



---

Prof.ª Dra. Juliana Gervason Defilippo  
CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA (UNIACADEMIA)



---

Prof. Dr. Edmon Neto de Oliveira  
CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA (UNIACADEMIA)



---

Prof. Dr. Evandro Medeiros Laia  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)

Aprovada em 01/12/2020.

Dedico estes estudos aos meus filhos,  
Lucas e Thiago Vargas.

Em especial, *in memoriam*, aos meus pais  
Itamar e Lourdes, meus grandes  
incentivadores profissionais.

## AGRADECIMENTOS

Às pessoas que acreditaram na realização desta dissertação de Mestrado e que contribuíram de alguma forma na concretização deste sonho profissional.

Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Efésios 1:3.

Agradeço à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Gervason Defilippo, que ao longo do curso foi parte principal desse roteiro com sua experiência literária e paciência no lidar com o seu orientando. Obrigado “Ju”, por suas dicas de leituras e tranquilidade para enxergar, lá no início, a pedra bruta de todo esse potencial. Certamente essa parceria ainda produzirá muitos frutos!

Agradeço aos professores do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia, pelas contribuições ao longo desse processo acadêmico, em especial os professores Alex Martoni e Edmon Neto, pelas constantes provocações e ensinamentos.

Agradeço especialmente a Prof.<sup>a</sup> Dra. Valéria Pereira, que durante o Mestrado, além de ter sido uma grande amiga, também foi uma profissional competente.

Ao coordenador do Mestrado em Letras do UniAcademia, Prof. Dr. Altamir Andrade, por me receber e acolher sempre de portas abertas.

Minha gratidão ao escritor Pedro Antônio Gabriel, autor da página e das obras circunscritas no universo de **Eu me chamo Antônio**, sendo o ponto de partida para nos mostrar a grandeza de sua poesia e sensibilidade artística.

À gentil contribuição da Editora Intrínseca pelos dados fornecidos a esta pesquisa.

Ao Prof. Mário Werneck, que traduziu gentilmente um artigo em francês.

Às minhas amigas, Prof.<sup>a</sup> Aline Cardoso - que contribuiu em várias partes desta pesquisa com as traduções em inglês - e Prof.<sup>a</sup> Heliane Miscali - com as informações e indicações gramaticais.

Agradeço também à Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristiane Henriques Costa, da UFRJ, pela atenção dispensada, indicando uma tese de Doutorado inovadora e a qual engrandeceu profundamente nossas argumentações nesta dissertação.

Obrigado também ao Colégio Militar de Juiz de Fora pelo apoio dispensado, que de certa forma contribuiu para a concretização deste Mestrado.

Às minhas irmãs: Sônia, Vera, Rosa, Marlene, Tereza e Renata, que estiveram comigo em todos os momentos de minha vida e no apoio moral desta escrita.

Não posso deixar de agradecer às revisoras de texto e formatação técnica, Mariana Venâncio e Jennifer Celeste, as quais me concederam apoio pontual.

Por fim, a todos os meus amigos que diretamente – André Magalhães, Luciano Miranda, Edimar Magnavita, Délio Dias, André Lauria, Alexandre Pinhão, Alan Lima, Flávia Toledo e Lílian Gil – ou indiretamente torceram por esta realização pessoal.

Enfim, chegamos a uma marca significativa com o fechamento desses estudos – o sentimento de missão cumprida.

A todos, meu muito obrigado!

Pergunta-se, então, qual o espaço ocupado pelo poeta e pela poesia, hoje? Em que lugar ou não-lugar se encontra? Como começar a obter essas respostas? O que se fala, se fala de onde? Isso faz toda a diferença.

Sylvia Cyntrão



Pedro Gabriel

## RESUMO

PEREIRA, Carlos Henrique Vargas. **Inco-MUDE-se**: os cibercaminhos da poesia de Pedro Antônio Gabriel. 177 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

Esta pesquisa busca analisar o percurso desenvolvido pelo escritor Pedro Antônio Gabriel e apontar os caminhos poéticos da poesia contemporânea brasileira com base na revisão de literatura calcada em pesquisa bibliográfica específica, que visa compreender os fenômenos contemporâneos da literatura impressa e o ambiente virtual, de modo que tais facetas exploradas possam esclarecer questões relativas à Literatura e suas mutações. Além de uma pesquisa documental em *websites*, *blogs* e artigos digitais escritos por especialistas da área, a presente pesquisa é aqui apresentada enquanto fruto de uma investigação exploratória bibliográfica geral e específica dos temas abordados com registro, análise, classificação e interpretação de dados coletados, permitindo um melhor conhecimento do assunto. Objetivamos, assim, abranger as possibilidades de novos papéis para leitores e autores de poesia, partindo do ambiente digital e se deslocando, para o meio impresso, considerando, ainda, uma linguagem que converge diferentes mídias e promove diálogo artístico que aponta para o surgimento de um novo objeto, híbrido, interartístico e hipertextual – para o qual denominações tradicionais não seriam mais suficientes. Nesse sentido, diante da trajetória poética de Pedro Antônio Gabriel, iniciada nos guardanapos, presente na Internet e nos livros impressos, é possível perceber que sua poesia tem permitido espaço para uma mutação dos gêneros literários já estabelecidos, criando cibercaminhos para a produção poética brasileira contemporânea. O presente trabalho tem por finalidade justificar esse dinamismo contemporâneo que vivemos na era da revolução da *Web 2.0* e suas mutações decorrentes do ambiente virtual. Sendo assim, representa, para o mundo acadêmico, um olhar mais detalhado para a literatura contemporânea e seus processos criativos literários no ciberespaço. Com o advento da Internet, a literatura vem apresentando ao mundo histórias com palavras e imagens, poemas que são só imagens, poemas curtos com rima e sem rimas; enfim, uma pluralidade capaz de transformar e ressignificar nosso olhar poético diante da galáxia digital, dos hipertextos, da computação gráfica, levando-nos a entender o que a literatura poderá vir a ser amanhã ou depois. Antônio, personagem poético, cria a seu modo uma literatura inovadora e explora por meio de suas

páginas na Internet e em seus livros; desenhos, fotografia, legendas, poesias, contos, elementos gráficos e paratextuais, tipografia e diagramação, de modo que sua poesia busca inspirações conectivas; alcançando um público que compra materiais de sua marca e livros impressos, atingindo cada vez mais seguidores e leitores. Neste estudo, ainda apresentamos como centro do trabalho poético do autor Pedro Antônio Gabriel uma tendência literária chamada *visual witting*, onde sua escrita visual se integra aos textos, tornando-se híbridos. Logo, **incoMUDE-se** representa o centro do processo renovador por meio da qual a poesia brasileira se faz na contemporaneidade.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea. Mídias sociais. Pedro Antônio Gabriel. *Visual witting*. Cibercaminhos.

## ABSTRACT

This research seeks to analyze the path developed by the writer Pedro Antônio Gabriel and to point out the poetic paths of contemporary Brazilian poetry on the literature review based on specific bibliographic research which aims to understand contemporary phenomena of printed literature and virtual environment, so that such explored facets can bring to light issues related to Literature and its mutations. In addition to documentary research on websites, blogs and digital articles written by experts in the field, this research is presented here as the result of a general and specific bibliographic exploratory investigation of the topics covered with the registration, analysis, Classification and interpretation of collected data, allowing better knowledge of the subject. Thus, we aim to cover the possibilities of new roles for readers and authors of poetry, in order to point out a poetic path of contemporary Brazilian poetry, starting from the digital environment and moving, at the end, to the printed medium, considering, still, a language that converges different media and promotes artistic dialogue that points to the emergence of a new object, hybrid,interartistic and hypertextual - where traditional denominations would no longer be sufficient. In the standpoint of Pedro Antônio Gabriel's poetic history, initiated on napkins, present on the Internet and also in printed books it is possible to perceive that his poetry has allowed space for a mutation of the already established literary genres, creating cyber paths for Brazilian contemporary poetic production. This work aims to justify this contemporary dynamism that we live in the era of the Web 2.0 revolution and its mutations resulting from the virtual environment. Thus, for the academic world, it represents a more detailed look at contemporary literature and its creative literary processes in cyberspace. With the advent of the Internet, Literature has been presenting stories to the world with words and images, poems that are just images, short poems with rhymes and no rhymes; in short, a plurality capable of transforming and reframing our poetic gaze in the face of the digital galaxy, hypertexts, computer graphics, leading us to understand what Literature may become tomorrow or later. Antônio, a poetic character, creates innovative Literature in his own way and explores it through his pages on the Internet and in his books; drawings, photography, subtitles, poetry, short stories, graphic and paratextual elements, typography and layout, so that his poetry seeks connective inspirations; reaching an audience that buys branded materials and printed books, reaching more

and more followers and readers. In this study, we still present as a center of the poetic work of the author Pedro Antônio Gabriel a literary trend called visual writing, where his visual writing is integrated with the texts, becoming hybrids. Therefore, **incoMUDE-se** represents the center of the renewal process through which Brazilian poetry is made in contemporary times.

Keywords: Contemporary Brazilian poetry. Social media. Pedro Antônio Gabriel. Visual writing. Cyberspaces.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Pedro e o guardanapo .....	23
Imagem 2 –	Pedro e os clubes literários .....	26
Imagem 3 –	Sequência de produtos da <b>Caixa Filosofal</b> .....	28
Imagem 4 –	Sequência dos produtos do <i>site</i> <b>Poeme-se</b> .....	29
Imagem 5 –	Produtos oferecidos pelo <i>site</i> da <b>Pau Brasil</b> .....	31
Imagem 6 –	Produtos do <i>site</i> <b>UrbanArts - Posters</b> .....	32
Imagem 7 –	Produtos do <i>site</i> <b>Compactor</b> .....	33
Imagem 8 –	<i>Single</i> do grupo Versos que compomos na estrada com a ilustração visual da capa e música Eu me chamo Antônio .....	34
Imagem 9 –	Concepção visual das capas dos álbuns do grupo Versos que compomos I .....	36
Imagem 10 –	Concepção visual das capas dos álbuns do grupo Versos que compomos na estrada II .....	37
Imagem 11 –	Título do módulo do curso .....	39
Imagem 12 –	Dica de livro .....	56
Imagem 13 –	Primeiro <i>post</i> do <i>Instagram</i> : Ele sem legenda! .....	57
Imagem 14 –	Primeiro esboço técnico na plataforma do <i>Instagram</i> .....	58
Imagem 15 –	Esboços técnicos escritos e desenhos .....	59
Imagem 16 –	Sequência de postagens de suas faces, à procura de uma identidade .....	60
Imagem 17 –	Guardanapo Parisiense .....	61
Imagem 18 –	Guia de viagem desenhada .....	63
Imagem 19 –	Intervenção literal do livro .....	64
Imagem 20 –	A timidez eufórica .....	66
Imagem 21 –	Explosão Hídrica .....	68
Imagem 22 –	Esboço Interativo: autor – leitor – seguidor .....	69
Imagem 23 –	Os cílios gigantes para esconder a sua timidez: início e depois.....	70
Imagem 24 –	<i>Graphic Novel</i> : o início .....	72
Imagem 25 –	<i>Graphic Novel</i> : 2019 .....	75
Imagem 26 –	Infinito Particular do poeta .....	77

Imagem 27 –	Objetos na Estante .....	78
Imagem 28 –	Leminski .....	79
Imagem 29 –	Poesias de Leminski e Pedro Antônio Gabriel .....	80
Imagem 30 –	Tarsilantônio .....	83
Imagem 31 –	Homem do pescoço gigante .....	84
Imagem 32 –	As girafas e sua memória .....	85
Imagem 33 –	Dicas de leitura aos seus seguidores .....	86
Imagem 34 –	<i>Live</i> Pedro Gabriel e Editora Intrínseca .....	87
Imagem 35 –	Marca Oficial .....	89
Imagem 36 –	Tópicos de um roteiro .....	93
Imagem 37 –	A vista pela janela .....	94
Imagem 38 –	Galáxia Poética .....	96
Imagem 39 –	Liberdade de expressão .....	97
Imagem 40 –	Construindo Alicerces .....	102
Imagem 41 –	A sua rota .....	107
Imagem 42 –	A coleção completa de Pedro Antônio Gabriel .....	109
Imagem 43 –	O Primeiro Livro .....	111
Imagem 44 –	Labirinto do que sinto – processo de construção da capa do primeiro livro .....	112
Imagem 45 –	Iluminado Antônio .....	114
Imagem 46 –	Contracapa Iluminada .....	115
Imagem 47 –	Material de Trabalho .....	116
Imagem 48 –	Meu nome, meu personagem .....	117
Imagem 49 –	Estendendo as mãos .....	119
Imagem 50 –	Guardanapo do leitor .....	120
Imagem 51 –	Reconhecimento TV's .....	122
Imagem 52 –	<b>Segundo - Eu me Chamo Antônio</b> .....	123
Imagem 53 –	Poesia em movimento .....	126
Imagem 54 –	Projeto Gráfico .....	132
Imagem 55 –	Dedicatória e agradecimento .....	134
Imagem 56 –	Título <b>Segundo - Eu me chamo Antônio</b> .....	136
Imagem 57 –	Um convite ao leitor - Antônio na solidão .....	137
Imagem 58 –	Um olhar sobre o <b>Segundo - Eu me chamo Antônio</b> .....	138

Imagem 59 –	EnConto o meu amor .....	140
Imagem 60 –	Corazón .....	141
Imagem 61 –	A conexão de nós.....	142
Imagem 62 –	Ilustre Poesia .....	144
Imagem 63 –	Ilustre Poesia – Dedicatória .....	147
Imagem 64 –	Olhos Tristes - Olhos da realidade .....	149
Imagem 65 –	Labirinto de palavras – Parte I .....	150
Imagem 66 –	Parte I – À espera de uma colisão .....	151
Imagem 67 –	Dança do Universo .....	152
Imagem 68 –	A expansão da poesia .....	153
Imagem 69 –	Labirinto de palavras – Parte II – Infinito Mar .....	154
Imagem 70 –	Parte II – A força de um nó frágil .....	155
Imagem 71 –	Porto Seguro .....	156
Imagem 72 –	Parte III – O destino das palavras .....	157
Imagem 73 –	O Caminho .....	158
Imagem 74 –	Antônio o personagem .....	160

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>ELE SE CHAMA ANTÔNIO</b> .....	<b>18</b>
2.1	BIOGRAFIA DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL .....	21
<b>2.1.1</b>	<b>O poeta virtual encontra a matéria</b> .....	<b>25</b>
2.2	DE GUTENBERG A ZUCKERBERG .....	41
<b>2.2.1</b>	<b>As mídias sociais de Pedro Antônio Gabriel</b> .....	<b>51</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Inspirações conectivas</b> .....	<b>77</b>
2.3	AS MÍDIAS QUE CONVIDAM ÀS LEITURAS: UM LEITOR FORMANDO LEITORES .....	86
<b>3</b>	<b>OS LIVROS DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL</b> .....	<b>98</b>
3.1	EU ME CHAMO ANTÔNIO .....	110
3.2	SEGUNDO – EU ME CHAMO ANTÔNIO .....	123
3.3	ILUSTRE POESIA .....	143
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>166</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações intensas e diversas que estão ocorrendo no século XXI convidam estudiosos de todas as áreas a realizarem uma prática, quase que diária de reflexão e compreensão acerca do novo. As mudanças são muitas e constantes, o que torna desafiador o universo da pesquisa: isso porque os fatos, dispositivos e fenômenos transformam-se no momento exato em que os observamos. Há quinze anos, pesquisadores da área de Letras e Educação, por exemplo, debruçaram-se sobre a escrita e a leitura na Internet, buscando contribuir para os campos relativos às práticas de Ensino e Letramento. Essas descobertas e análises convidaram professores a ponderar o espaço virtual sob outras perspectivas – bem menos apocalípticas do que as que se vislumbravam naquele momento. A própria literatura passou por um período de trevas, no qual foi até mesmo considerado o fim do livro e da leitura.

Nos últimos anos, as mudanças foram muitas, e se antes pesquisadores se perguntavam “Por que *nickname* se escreve mais que *real name*?”<sup>1</sup>, hoje os questionamentos pairam sobre outros pontos, sobretudo porque os adolescentes estão produzindo e consumindo muito mais do que as gerações anteriores. Sobre isso, estudos realizados no GT **A literatura e os cibercaminhos**, sediado no Centro Universitário Academia - UniAcademia, sob a responsabilidade da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Gervason, atestam para otimistas previsões acerca da literatura no ciberespaço. Apontam, principalmente, que novas práticas de leitura e escrita estão surgindo com a literatura no ambiente virtual, atraindo um universo propício de propagação e interesse por parte do escritor em se comunicar com várias pessoas, o ser ubíquo, sujeito de uma nova geração com a Internet e o computador. A partir dessa interação entre escritor e leitor surgem novas conexões, relacionamentos e manifestações constantes, de modo que o público acompanha e participa de promoções que o artista constrói no dia a dia, com os trabalhos. Ou seja, não

---

<sup>1</sup> A referida pergunta é título de um dos capítulos do livro **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**, publicado no ano de 2005 e organizado pelos pesquisadores Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa. O capítulo, escrito pelas pesquisadoras Juliana Gervason Defilippo e Patrícia Vale da Cunha, discute questões que até a publicação do livro eram ainda frágeis no ambiente escolar. Na perspectiva das autoras, a escrita virtual sobrepunha-se àquela realizada em sala de aula em virtude, sobretudo, do caráter não avaliador presente no segundo caso. Sendo assim, as estudiosas concluíram que a escola estava se tornando um ambiente pouco acolhedor para estimular a produção escrita de jovens, principalmente quando comparada às diversas ofertas presentes no ambiente virtual.

estamos apenas lendo ou escrevendo mais, porém os escritores estão mais próximos dos leitores e, por outro lado, leitores veem-se diante de vastas possibilidades para se tornarem, eles também, escritores.

A presente pesquisa de Mestrado, inserida na linha de pesquisa “Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos” do Centro Universitário Academia, tem como um dos objetivos trazer ao ambiente acadêmico debates enriquecedores sobre temas da poesia fragmentada, das novas relações textuais criadas a partir do conceito de hipertexto, da relação entre texto e imagem, da interatividade, do texto literário no ambiente virtual e dos conceitos de ciberliteratura desenvolvidos no ciberespaço, denominados como cibercaminhos – conforme nomenclatura adotada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Gervason em seu GT A literatura e os cibercaminhos.

Diante dessa perspectiva, estamos propondo analisar a produção literária de Pedro Antônio Gabriel, que surgiu nas redes sociais, sobretudo no *Instagram* e foi posteriormente publicada de forma impressa em três livros. A partir dessa análise, iremos percorrer e ampliar alguns conceitos sobre poesia na modernidade até chegar à contemporaneidade. Dessa forma, buscaremos perpassar discussões acerca das tendências literárias através dos tempos, como dado recorrente e a pluralidade de formas na procura de uma identidade nessa estrada. Longe de tentar definir o fazer poético atual, o que buscamos na presente dissertação é ampliar nosso olhar diante de uma forma híbrida que surge no espaço virtual, repercute no ambiente tradicional do livro e amplia, cada vez mais, o público leitor e consumidor de poesia no atual cenário literário do país.

No desenvolvimento desta dissertação, abordaremos na seção dois, **Ele se chama Antônio**; que parte de uma reflexão do momento atual da poesia contemporânea e as propostas com gêneros cada vez mais híbridos, o ambiente virtual em relação à publicação e o consumo por parte dos leitores. Vamos também conhecer um pouco da biografia do autor Pedro Antônio Gabriel e as estratégias de publicação, bem como o cuidado com os guardanapos. Diante deste percurso cuja transformação de comunicar que saltou dos livros para as telas do computador e vice-versa, iremos refletir esses cibercaminhos que promovem a construção da obra poética. Conheceremos as mídias sociais, a criação narrativa, a poesia fragmentada, as imagens que marcam consideravelmente o trabalho artístico e de onde partem suas inspirações conectivas. Nesse fluxo interativo em que as propostas do autor

expandem e convidam os leitores às leituras, Pedro Gabriel procura entender o público e aproxima num espaço de trocas, produção e debates literários.

Ampliaremos nossa análise literária na seção três onde iremos apresentar e analisar os livros lançados pelo escritor Pedro Antônio Gabriel. Assim, refletir os livros é perceber os contornos, a originalidade da obra e das estratégias por ele utilizado; de modo que esse universo de criação é direcionado a um público-alvo cada vez mais sofisticado. Para entender a materialidade dos livros é perceber a oralidade por ele desenvolvida, a qualidade dos elementos paratextuais, que se percebe diante deste contexto e servem de guia e entendimento do conteúdo.

Iremos apresentar, ao longo das páginas que se seguem, um dos possíveis caminhos poéticos da nova poesia contemporânea brasileira para então compreender como o autor Pedro Antônio Gabriel aponta possíveis perspectivas e mutações, rompendo barreiras entre texto, visual, recursos gráficos, guardanapos, livros impressos, produtos comercializados, letras musicais, capa de discos e palestras; enfim, uma multiplicidade de produções e fazeres literários. Cabe a nós nesse momento abrir nossa capacidade multissensorial aos textos, as mídias sociais e aos livros, de modo que nosso olhar não perca um minuto de nossa atenção.

## 2 ELE SE CHAMA ANTÔNIO

Refletir a respeito da poesia brasileira contemporânea é pensar em um país plural e de vanguarda. É essa prática que Pedro Lyra (1985) procura conceituar ao afirmar que: “ela [a poesia] tem sido entendida como um fazer artístico experimental e inovador em relação às formas anteriores, situando seus produtos num estágio de cultura ainda não atingido pela sociedade à qual ela se dirige” (LYRA, 1985, p. 127).

Não pretendemos traçar um panorama acerca dos movimentos anteriores, ainda que muitos tenham influenciado a literatura do autor em estudo. Porém, cabe ressaltar que vários movimentos surgiram no Modernismo, exatamente pelo reconhecimento das “potencialidades formais da cultura brasileira” (BOSI, 2017, p. 326) que, de certa forma, possibilitaram um marco divisor, progressivo e inovador ao servirem como modelos europeus. Foi nessa época que a cultura brasileira foi apresentada aos movimentos que em muito modificaram o fazer literário, tais como a poesia concreta, a poesia práxis, a poesia processo, a produção poética da contracultura, o Tropicalismo e a poesia marginal. Muitos criaram ecos literários contemporâneos dos movimentos renovadores no Brasil. Diante de tantas inovações e após os tantos caminhos percorridos desde a formação da literatura brasileira, é comum que público e crítica esperem alguma novidade literária, aguardem uma produção que seja rica em valores poéticos, estilística livre, plural e com diversidade cultural no fazer artístico. Isso porque a literatura, assim como toda a arte, interfere e sofre interferência de todos os lados, estando, portanto, em ampla e constante transformação.

É na capacidade transformadora na qual vivemos – e neste mundo cada vez mais conectado – que vemos surgir novos autores com propostas e até mesmo gêneros cada vez mais híbridos e indefiníveis. Nesse cenário, nos deparamos com a poesia de Pedro Antônio Gabriel, cuja gênese ocorreu primeiro em ambiente virtual, mais especificamente nas redes sociais, para só então ganhar espaço nos livros físicos e nas livrarias. Talvez a produção de Pedro Gabriel não seja tão inédita, como pretendemos discutir ao longo desta dissertação, mas certamente estabeleceu-se como um marco na produção literária brasileira no século XXI, sobretudo no campo da poesia e, principalmente, no alcance em relação à publicação e ao consumo de poesia por parte dos leitores. Tanto é que a repercussão poética acelerada pela tecnologia midiática despertou o interesse do

mercado editorial para a publicação de seus livros e galgou um espaço entre público leitor bastante raro quando comparado a outros autores do mesmo gênero, sejam eles do passado ou do presente.

Muitos desafios ainda podem ser alcançados para a produção poética dessa nova era. A conectividade que estamos vivendo por meio dos meios tecnológicos tem despertado uma linha divisória desse pensar. Há muito mais novidades a serem exploradas, visto que as mutações do meio digital têm atingido em cheio as inovações literárias. Caminhamos por um terreno fértil, onde gerações poéticas têm feito cada vez mais da interatividade um modo singular de comunicação: “Nada autoriza a dizer (parodiando McLuhan) que, assim como Gutenberg nos transformou a todos leitores e a fotocopadora nos converteu em editores, o computador pessoal está fazendo com que todos sejam autores” (PLAZA, 2003, p. 25). É evidente que esse amplo e quase fácil acesso<sup>2</sup> é um divisor para um futuro ainda mais rico de possibilidades, cuja totalidade ainda não foi explorada pela literatura. Tais mudanças de rumos têm possibilitado o surgimento constante de novos acontecimentos e, ao mesmo tempo em que esse leque traz grande valor significativo, produz o confronto entre a famosa Galáxia de Gutenberg e a Galáxia de Zuckerberg, criando uma revolução *online* e em *real time* de maneira global, “exibindo-se como uma nova realidade contemporânea decidida a ser a nova face e a nova pele do cotidiano de pessoas comuns em suas vidas cotidianas” (MARIN, 2019, p. 10).

Neste cenário que envolve muitos números e curtidas, cabe a nós, de forma integrada e otimista, assumir que a literatura vai bem, obrigado. Isso porque, apesar das muitas crises – fechamento de livrarias, falências de editoras e questões outras que interferem diretamente na produção do mercado livreiro – a literatura *per se* está em constante estado de renovação, mutação e transformação, conforme apontam – ainda que de maneira apocalíptica – críticos como Leyla Perrone Moysés (2016). A atual produção poética brasileira é plural, é vasta e é, acima de tudo, mais acessível do que já fora. Mas há espaço para a apreciação de novidades que não cabe nos conceitos tradicionais, que ainda é visto com certo cuidado pela crítica e que, apenas nos últimos anos, tem sido verdadeiramente observado pela academia, afinal, conforme afirma Marisa Lajolo (2018, p. 14),

---

<sup>2</sup> Isso se considerarmos que há ainda uma parcela significativa da população brasileira vivendo em pobreza extrema e que, evidentemente, não tem acesso ao básico. Desconsideramos esses dados para a análise aqui empreendida, considerando dentro do recorte dos que têm acesso à Internet, hoje, no Brasil, aqueles que a utilizam para leitura e prática de literatura.

há histórias com palavras e imagens e histórias com imagens. Poemas que são imagens e imagens que são poemas, poemas curtos empilhando palavras, poemas compridos espaçando palavras, poemas com rimas, poemas sem rima (LAJOLO, 2018, p. 14).

Das muitas transformações pelas quais a poesia vem passando, optamos especificamente por transportar nosso olhar detendo-o ao percurso histórico que tem impulsionado a revolução que provém do advento da Internet. Sem dúvida, viver a contemporaneidade implica explorar a sociedade na qual estamos inseridos e seus meios de comunicação, assim como entender essa complexa rede que o homem faz parte, aumentando sua visão panorâmica de mundo e ampliando a nossa visão de literatura. O sociólogo Michel Maffesoli (2018) afirma que “em face da anemia existencial suscitada por um social racionalizado demais, as tribos urbanas salientam urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha de afetos” (CERVIÈRES, 2000 apud MAFFESOLI, 2018, p. XXVII). Então, refletir essa modernidade, ainda segundo o sociólogo em recente entrevista, faz crer “que as novas gerações privilegiam as comunidades, o que em outra época ele chamou de tribos; não mais o racional, mas o emocional; não mais o progressismo, mas o presente” (ANGIOLILLO, 2019, s/p).

De fato, partimos dessa visão panorâmica no sentido de reconhecer os desdobramentos dos usos tecnológicos na ascensão do projeto poético contemporâneo. Cabendo aqui os estudos artísticos e literários de Pedro Gabriel, seus meios de divulgação, desenhos, dispositivos gráficos, biografia, sua atuação na Internet, sua poesia; de modo que

o ato de ler passou a não se limitar apenas à decifração de letras, mas veio também incorporando, cada vez mais, as relações entre palavra e imagem, entre texto, a foto e a legenda, entre os tamanhos de tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação (SANTAELLA, 2012, p. 7).

Cabe a nós, nesse momento, investigar a importância de sua obra, as inovações que seu projeto literário tem despertado aos múltiplos tipos de leitores, principalmente daqueles do “texto escrito que, do papel, saltou para a superfície das telas eletrônicas” (SANTAELLA, 2012, p. 8), podendo significar para o mundo acadêmico um olhar mais detalhado para a literatura contemporânea e seus processos criativos que tem originado no ambiente virtual e estendido ao material

impresso, formando cada uma dessas partes e que caracterizam o projeto **Eu me chamo Antônio**.

## 2.1 BIOGRAFIA DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL

Exibindo um estilo marcado pela inovação literária<sup>3</sup> no ambiente virtual, Pedro Antônio Gabriel Anhorn é um poeta contemporâneo que atravessou as fronteiras do ciberespaço e ganhou notoriedade nos livros impressos. Segundo informações apresentadas na página da Editora Intrínseca<sup>4</sup> (que atualmente detém os direitos autorais de seus livros), o escritor nasceu no dia 26 de junho de 1984, na capital da República do Chade, região centro-norte da África. Enfrentou dificuldades com a língua portuguesa, uma vez que viveu na África até os 12 anos de idade. Por ser filho de uma brasileira e de um suíço, parte de sua educação foi realizada no idioma francês, embora seu primeiro contato com o português tenha ocorrido em virtude da formação materna. Porém, conforme afirma o poeta em entrevistas e biografias disponibilizadas em *sítes* e livros, sua alfabetização solidificou-se apenas quando se mudou para o Brasil. Logo, o contato mais efetivo e tardio com o português exigiu muita observação tanto dos sons quanto da grafia das palavras, criando, assim, um olhar singular por parte de Pedro Gabriel, visível na maneira sensível e singular com a qual escreve, por meio de um *jouissance* com as palavras e imagens que tornaram sua escrita peculiar:

Nasci em um país no sul do deserto do Saara, por conta do meu pai, que trabalhava com ajuda humanitária. Com 12 anos, voltei para o Brasil com a minha mãe, brasileira, mas falando apenas francês. Estudei em escola francesa e, aos poucos, fui aprendendo nossa língua. Mas não foi fácil! Com 13 anos, ainda não escrevia nenhuma palavra direito. Mas essa distância entre eu e a língua da minha mãe acabou me ajudando, pois comecei a prestar atenção na sonoridade e na grafia das palavras (GABRIEL, 2020, s/p).

Toda essa transição entre continentes criou um estilo particular em seus textos iniciais. Além disso, sua escrita ficou impregnada pelos desenhos que criava quando criança. Tal característica pode ser notada em seu primeiro livro, cujas páginas apresentam tanto desenhos e riscos, quanto palavras.

---

<sup>3</sup> Essa inovação literária será explicada ao longo da presente dissertação.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.intrinseca.com.br/eumechamoantonio>. Acesso em 20 set. 2019.

Pedro Gabriel cursou Publicidade e Propaganda na Escola Superior de Propaganda e Marketing (EPSM), na cidade do Rio de Janeiro, concluindo seus estudos em 2008, quando começou a trabalhar com *design* em uma empresa carioca. Segundo relatos do autor disponíveis em suas mídias e entrevistas, seus poemas surgiram de maneira totalmente informal, enquanto frequentava o Bar Café Lamas, ou ainda quando estava no ônibus, voltando do trabalho. Inicialmente, fazia rabiscos em um caderno ou nos próprios guardanapos do bar. Depois de um tempo, passou a fotografar os guardanapos para a posterior postagem nas mídias sociais. Em virtude disso, Pedro entende que sua formação acadêmica e sua experiência pessoal foram essenciais para suas criações, pois seu olhar diferenciado diante do texto tem como base sua formação em *Marketing*, possibilitando um tom ainda mais singular para suas publicações.

Segundo aponta a pesquisadora Regina Rosseti no artigo intitulado **Duas leituras do livro Eu me chamo Antônio**: análise da visualidade semiótica (2017), a inserção de Pedro Gabriel no ambiente digital esteve mais propensa ao sucesso em virtude de todo o seu percurso profissional e da grande recepção do público, fazendo com que o autor se tornasse “um fenômeno midiático, o que o levou a receber o convite para publicar o livro” (ROSSETTI, 2017, p. 55). Tal movimento pode ser visto de forma clara na produção literária brasileira contemporânea, conforme destaca Jennifer Celeste, em sua dissertação de mestrado intitulada **O livro nos tempos de #likes**: transfigurações na literatura brasileira contemporânea (2018)<sup>5</sup>.

Além do já diferenciado estilo do autor, o espaço de produção dos poemas interfere significativamente em sua escrita, já que Pedro Gabriel cita frequentemente a importância que o Café Lamas (tradicional no bairro do Flamengo, na Zona Sul do Rio de Janeiro) teve e ainda tem em suas criações. Isso porque o material que ele inicialmente utilizava para registrar os poemas e desenhos era o guardanapo timbrado do Bar. Segundo o autor, aquele espaço em branco presente materializava-se como um convite para a escrita lúdica e interartística. Até hoje o Café Lamas fornece pacotes fechados do guardanapo para que continue os utilizando como objeto de criação.

---

<sup>5</sup> A dissertação de Celeste foi defendida no Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia e fez parte dos estudos desenvolvidos no GT **A literatura e os cibercaminhos**, liderado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Gervason.

**IMAGEM 1:** Pedro e o guardanapo



Fonte: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/sucesso-na-web-com-poesias-em-guardanapo-quer-lancar-animacoes.html>. Acesso em: 11 out. de 2019.

Cabe destacar que a escrita em guardanapo não é inédita, fazendo parte, sobretudo, de uma prática comum aos escritores frequentadores da vida noturna. Mesmo Paulo Leminski, grande influenciador de Pedro Gabriel, já havia se utilizado desse material, conforme pode ser verificado no livro **Winterverno**, publicado por João Suplicy, no ano de 2001, pela Editora Iluminuras. O livro reúne rabiscos e desenhos feitos por Leminski nos encontros realizados em cafés curitibanos. Tais rabiscos, em papéis e guardanapos, foram recuperados e publicados de maneira fac-símile por Suplicy. No livro é possível encontrar guardanapos com poemas e desenhos de Leminski<sup>6</sup>. Porém, cabe ressaltar que, até esse momento, as editoras, e mesmo os escritores, não utilizavam do material com o mesmo critério adotado pela Editora Intrínseca e por Pedro Gabriel, desde a primeira publicação do seu livro.

---

<sup>6</sup> Um estudo mais detalhado a respeito das relações entre Leminski e Gabriel pode ser encontrado no artigo **De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel: diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea**, de autoria de Jennifer Celeste e Juliana Gervason Defilippo, publicado na Revista Miguilim no ano de 2017.

Isso porque ambos entendem o guardanapo como parte integrante do poema e não apenas um material exótico que pode ser recuperado a partir de manuscritos ou espólio da produção de um escritor. Conforme iremos explorar mais adiante, o guardanapo faz parte não apenas da estética do texto, mas do próprio conceito que o comporta.

Vale lembrar que a produção poética de Pedro Gabriel está inserida em um ambiente aqui denominado de cibercaminhos<sup>7</sup>, cujas novas perspectivas literárias estão se formando. Segundo Olinto e Schøllhammer (2002), o século XXI inaugura o momento pós-moderno no qual “novas experiências na narrativa podem ser interpretadas como uma procura estética e literária de uma realidade mais adequada ao momento histórico e cultural desse final de século” (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 79). Embora os pesquisadores não estejam se referindo a Pedro Gabriel, ou até mesmo à geração virtual de escritores que com ele compactua, cabe destacar que esses novos olhares, seguidos de novas aproximações e experiências, causaram um efeito imediato sobre os autores. Nessa seara, é possível perceber que o mesmo efeito se prolonga ainda em escritores como Pedro Gabriel, cujas transformações vêm sendo constatadas em seus poemas inovadores diante da escrita poética comumente veiculada pelas grandes editoras.

A participação de Pedro Gabriel em palestras e eventos tem sido constante, demonstrando que não apenas seus livros, mas também sua imagem enquanto autor, são importantes para os leitores. Ele participa de feiras literárias, concede entrevistas para *sites* e emissoras de televisão e ministra palestras em instituições de ensino<sup>8</sup>, por exemplo. Diante desse universo eletrônico digital, cuja característica marca uma nova identidade literária contemporânea, segundo Perrone-Moysés (2016):

os escritores de hoje têm uma visibilidade pessoal maior que em outras épocas anteriores porque são incluídos na categoria “celebridades”, e os mais “midiáticos” têm mais chance de vender livros, independentemente do valor de suas obras. Ao mesmo tempo, nos debates teóricos, assistimos à defesa da “literatura do entretenimento” (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 32, grifos da autora).

---

<sup>7</sup> O termo foi cunhado e é utilizado pela Profa. Dra. Juliana Gervason Defilippo.

<sup>8</sup> Nesta seara cabe citar, com destaque, a palestra intitulada: **Eu me chamo Antônio**: bate papo com o autor Pedro Gabriel, ocorrida em 29 de novembro de 2018, no Centro Universitário Academia, organizada pela coordenação do Programa de Mestrado em Letras. A presença do escritor na IES foi uma oportunidade singular para enriquecer, inclusive, as pesquisas desenvolvidas na presente dissertação.

O escritor Pedro Gabriel possui, até o momento, três livros lançados pela mesma editora. Uma estratégia que vemos na construção de suas publicações é exatamente o cuidado especial na seleção dos guardanapos e de suas poesias para publicar seus livros junto ao público leitor. No próprio *site* da Editora Intrínseca é feita uma apresentação do autor, explicando um pouco de sua história e de seus livros e também há a realização de “uma curadoria que reduziu mais de mil criações para as cerca de 100 peças que habitam as 192 páginas da obra, sendo 90% inéditas”<sup>9</sup>. Já no *blog*, no qual ele escreve para a editora, Pedro Gabriel reforça sobre as “reuniões demoradas (e fundamentais!), de todos os guardanapos descartados, de todas as noites em branco” (GABRIEL, 2016)<sup>10</sup>. Em suas palavras:

Todos os meus guardanapos, sem exceção, foram criados no Café Lamas, um tradicional bar do Rio de Janeiro. Hoje, são mais de 2 mil criações guardadas com muito carinho em álbuns de fotografia, como se cada guardanapo fosse, de fato, uma retratação do meu mundo interior. Muitas delas foram impressas nas páginas dos meus três livros publicados pela Intrínseca. Livros que me fizeram acreditar que era possível viver daquilo que amo: desenhar e escrever. Cada livro retrata um momento. O primeiro *Eu me chamo Antônio* (2013) foi marcado pela minha insegurança, um medo danado de não dar certo. O *Segundo* (2014) já demonstrava uma vontade — mesmo que tímida — de libertar as palavras para além das fronteiras dos guardanapos. *Ilustre Poesia* (2016) fecha um ciclo que começou a ser desenhado no fim de 2012 (GABRIEL, 2016, grifos do autor).

Na próxima subseção iremos explorar mais detalhadamente os desdobramentos advindos da produção poética do autor, mais especificamente no campo da assinatura de produtos, tendo como ponto de partida sua imagem ou marca registrada.

### 2.1.1 O poeta virtual encontra a matéria

A imagem de alguns escritores tem se tornado, na contemporaneidade, também objeto de desejo e consumo por parte de seu público leitor. Feiras literárias como a Bienal do Livro servem como exemplo a respeito dessa questão ao elencar autores ao campo de grandes celebridades. Nessa perspectiva, os leitores/fãs ultrapassam os limites do terreno literário e tornam-se consumidores de outros

---

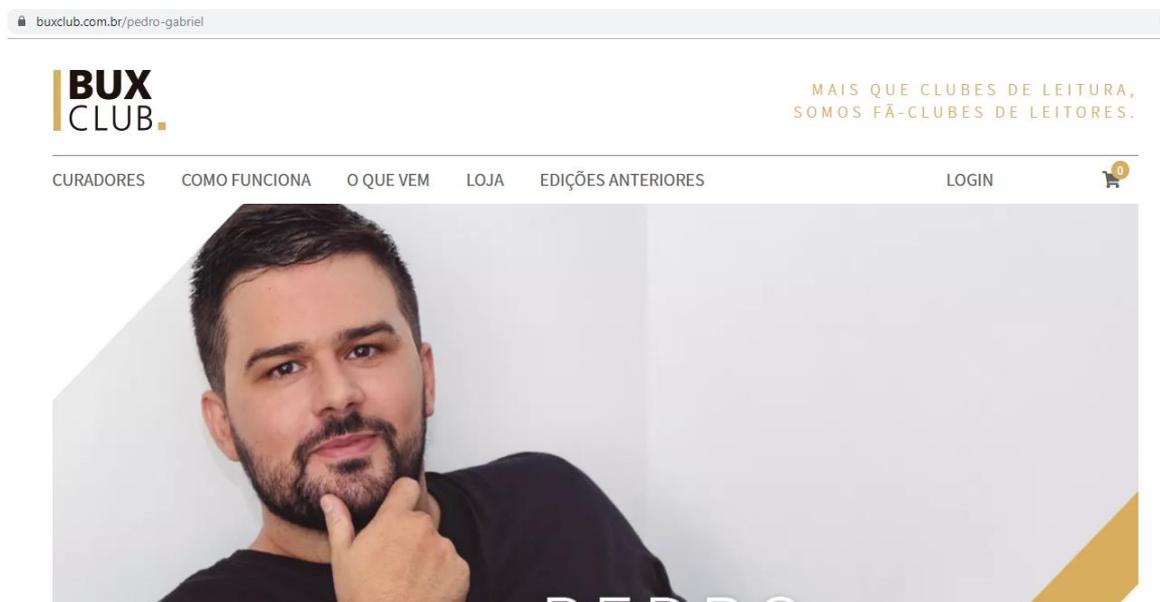
<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/autor/180>. Acesso em: 05 de mar de 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/08/o-verso-da-criacao-a-escolha-do-nome>. Acesso em: 05 de mar de 2020.

produtos vinculados aos livros ou ao autor. A título de exemplo e considerando atuações mais recentes, no segundo semestre de 2019, o escritor integrou a equipe de autores e personalidades famosas que participam do grupo de curadores do *Bux Club*<sup>11</sup>. Trata-se de um canal de assinatura de livros em que os assinantes recebem, mensalmente, um livro sugerido pelo curador por ele escolhido, além de um brinde e de um livreto explicativo. No *site* são oferecidas assinaturas vinculadas a 18 diferentes curadores e o assinante deve selecionar aquele de quem é fã, para realizar a assinatura. Entre os nomes disponibilizados, estão personalidades do meio literário como Pedro Gabriel; jornalístico, como Xico Sá; *booktubers*, como Isabella Lubrano; musical, como Fernanda Takai, e até mesmo da televisão, como Marcos Mion e Chris Flores. Todos os curadores indicam um livro por mês.

Esses clubes estão se tornando frequentes no Brasil desde 2016 e, agora, empresas estão vendo nesse tipo de serviço um nicho para a circulação do livro no país. A escolha do curador irá definir qual o tipo de gênero será oferecido na caixa mensal. No caso de Pedro Gabriel, as opções são: Prosa Poética, Poesia e Reflexão, segundo os dados do *site*. Na imagem a seguir, reproduzimos a página inicial do *Bux Club*, apresentando Pedro Gabriel como um dos curadores:

#### IMAGEM 2: Pedro e os clubes literários



Fonte: Reprodução da página inicial do *Bux Club*. Disponível em: <https://www.buxclub.com.br/pedro-gabriel>. Acesso em: 11 out. 2019.

<sup>11</sup> Em abril de 2020, em virtude da Pandemia provocada pelo Covid 19, o *Bux Club* suspendeu, provisoriamente suas atividades, sem previsão de retorno.

O Clube *Bux* de Leitores e a demanda dos assinantes pela curadoria de Pedro Gabriel demonstram que a poesia está sobrevivendo e tem sido cada vez mais acessada pelos leitores. Vale desenvolver um pouco mais a ideia de que a poesia, no meio editorial, não é tão bem vista quanto os outros gêneros. Basta verificar os catálogos das grandes editoras e os livros mais vendidos em destaque, tantos nas livrarias físicas quanto virtuais. Isso porque é dos gêneros literários o que menos atinge as altas vendas desejadas pelas editoras. O que percebemos, atualmente, é que com o advento da Internet, poetas estão ganhando mais destaque.

Sendo assim, os poetas lucram com produtos de seus versos, segundo matéria do Jornal O Globo<sup>12</sup>, e vão até os leitores dividindo e compartilhando suas inovações. Cabe destacar que Pedro também assinou produtos em parceria com outras marcas, tais como placas decorativas pela **Caixa Filosofal**; caderno, porta copos imantados e *ecobags* pela **Poeme-se**; cases de celular, carteira e marcador de livro pela **PauBrasil**; pôsteres para quadros pela **UrbanArts**; e mais recentemente um Kit pela **Compactor**<sup>13</sup>, com caneta multifuncional e bloco de anotações.

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/do-texto-ao-textil-poetas-lucram-com-produtos-de-seus-versos-22719752>. Acesso em: 21 set. 2019.

<sup>13</sup> Os referidos produtos estavam disponíveis para compra nas páginas das respectivas marcas, em 01 de outubro de 2019. Os *links* para acesso são, respectivamente:

<https://caixafilosofal.com.br/search?type=product%2Carticle%2Cpage&q=pedro+gabriel>

<https://www.poemese.com/eu%20me%20chamo%20ant%C3%B4nio>

<https://www.grifepaubrasil.com.br/eumechamoantonio/>

<http://busca.urbanarts.com.br/eu%20me%20chamo%20antonio>

<https://compactor.com.br/produto/kit-eu-me-chamo-antonio>

IMAGEM 3: Sequência de produtos da Caixa Filosofal



Fonte: Reprodução da página Caixa Filosofal. Disponível em: <https://caixafilosofal.com.br/search?type=product%2Carticle%2Cpage&q=pedro+ant%C3%B4nio+gabriel>. Acesso em: 13 out. 2019.

Os poemas tornam-se produtos e passam a despertar maior interesse por parte de um mercado atento a essas transformações. As marcas, nem sempre ligadas diretamente ao campo literário, criam então estratégias para oferecer produtos diferenciados, aproximando seu público consumidor e o relacionamento deles com o escritor e seus livros. A ideia da **Caixa Filosofal** é permitir, de maneira interativa, que o leitor selecione os poemas preferidos e intercale as imagens, possibilitando que o produto não seja apenas estático, mas um emissor de mensagens. A caixa torna-se, então, uma extensão do livro e pode ser utilizada como decoração em qualquer parte do ambiente, expandindo os limites da publicação impressa.

**IMAGEM 4:** Sequência dos produtos do site **Poeme-se**





Fonte: Reprodução da página **Poeme-se**. Disponível em: <https://www.poemese.com/eu%20me%20chamo%20antÔNIO>. Acesso em: 13 out. 2019.

A **Poeme-se** nasceu no ano de 2010 com a proposta de ser uma loja de camisetas e produtos literários para amantes do universo dos livros. No início, os produtos oferecidos no *site* restringiam-se, de maneira tímida, a camisas reproduzindo frases ou fotos de autores clássicos. Com o tempo, e a grande recepção do público, a loja passou a oferecer outros tipos de materiais e a explorar autores contemporâneos. No caso do autor em análise, a parceria ganhou destaque dentro do catálogo da loja, uma vez que possibilitou ao público não apenas “vestir-se” de poesia, mas possuir materiais assinados e personalizados pelo próprio autor. Aqui, para além de transpor os livros para outros tipos de produtos, o mercado explorou outra questão bastante cara: a obra de arte torna-se produto com o qual é possível se vestir, e como é oferecida de forma limitada, torna-se objeto de desejo e disputa por parte dos fãs/leitores.

**IMAGEM 5:** Produtos oferecidos pelo *site* da **Pau Brasil**



Fonte: Reprodução da página **Pau Brasil**. Disponível em: <https://www.grifepaubrasil.com.br/eumechamoantonio>. Acesso em: 13 out. 2019.

Na linha da sustentabilidade e explorando a seara de produtos mais finos e diferenciados, a loja **Pau-Brasil** também realizou uma parceria com o autor, dessa vez na oferta de *cases* para celular, marcadores de livro feitos em madeira e carteiras unissex. Os produtos oferecidos pelo *site* da **Poeme-se** buscavam uma linha mais lúdica e colorida, já os da **Pau-Brasil** dirigem-se para um público mais clássico.

IMAGEM 6: Produtos do site **UrbanArts - Posters**



Fonte: Reprodução da página da **UrbanArts**. Disponível em: <https://www.urbanarts.com.br/marca/2/0/1796/MaisVendidos/Decrescente/24/1/0/0/.aspx>. Acesso em: 13 out. 2019.

A **Urban Arts** é uma loja física e on-line que oferece diversos pôsteres para serem enquadrados pelo próprio cliente. A parceria com Pedro Gabriel tornou possível a compra dos poemas em tamanho diferenciado e com a devida autorização de comercialização. Isso porque, estando disponibilizados em ambiente digital, os próprios usuários podem realizar a impressão dos poemas. Nesse caso, trata-se de uma reprodução não autorizada. O material oferecido nessa parceria não teve caráter diferenciado com material inédito.

A **Urban Arts** é uma galeria de arte diferente. São acervos “do *pop art* ao surrealismo, do urbano ao infantil, do abstrato à tipografia, [...] todos os estilos para todos os gostos no tamanho e acabamento que você escolher”<sup>14</sup>. Diante dessa nova geração de conteúdos e de engajamentos, inovar, nos dias de hoje, é dar espaço para artistas independentes e, por meio de suas criações, espalhar arte acessível pelas casas e para a vida das pessoas. Essa união entre **Urban Arts** e Pedro

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.urbanarts.com.br/institucional/sobre-urban-arts>. Acesso em: 19 de jul. 2020.

Gabriel estabeleceu uma conexão com o público e possibilitou para a empresa, além de visibilidade, uma construção inteligente de seus produtos, visto que as redes sociais desse escritor atingem em torno de 1 milhão e 500 mil seguidores em suas comunidades virtuais – a parceria torna-se, portanto, profícua virtualmente para ambas as partes.

**IMAGEM 7:** Produtos do site **Compactor**



Fonte: Reprodução da página da **Compactor**. Disponível em: <https://compactor.com.br/produto/kit-eu-me-chamo-antonio>. Acesso em: 14 out. 2019.

A parceria de maior destaque foi realizada com a **Compactor**, marca já clássica no mercado brasileiro e reconhecida por seus produtos de papelaria. O nicho foi então explorado com a personalização inédita de uma caneta e um bloco de notas, vendidos de forma limitada a um preço significativo se comparado aos outros produtos ofertados até então.

Além dos produtos anteriormente apresentados, cabe destacar que em agosto de 2016 foi lançado um *single* nas plataformas *Spotify* e *YouTube*. Tratava-se de uma música escrita a partir das páginas iniciais do terceiro livro, **Ilustre poesia**. A letra do projeto é do próprio autor, interpretada pelo grupo musical **Versos que Compomos na Estrada**, com a produção de Lucas Mayer e com a participação especial de Gero Camilo, interpretando o próprio Antônio no meio da canção.

**IMAGEM 8:** *Single* do grupo **Versos que compomos na estrada** com a ilustração visual da capa e música **Eu me chamo Antônio**



Fonte: <http://www.tropi.press/2016/09/versos-que-compomos-na-estrada>. Acesso em 24 out. 2019.

Tendo os livros de Pedro Gabriel como inspiração, a música apresenta a seguinte letra:

**Eu me chamo Antônio**  
Versos que Compomos na Estrada

Eu nasci no bar  
E na alma do meu criador  
Preso neste guardanapo em branco  
Me tornei livre pra entornar o que sou  
Desenho palavras tão simples  
De complicado já basta o que passou

Falo também de coragem e rancor  
 É tão inútil só falar de amor  
 Eu me chamo Antônio  
 Eu bebo para esquecer meus poemas  
 E também lembrar um grande amor  
 Eu busco seus beijos aos berros nos becos  
 Espero seus erros o tempo que for  
 Eu me chamo Antônio  
 Eu me chamo Antônio  
 Eu me chamo Antônio  
 Eu me chamo Antônio  
 Não tenho nada a temer  
 Eu já quebrei a minha timidez  
 Rompi meu silêncio  
 Encontrei firmamento  
 No sonho de quem só me fez perder  
 Eu me chamo Antônio  
 E não me faço perguntas  
 Me desfaço nas sombras  
 De um grafite sem ponta  
 Aponto meu rumo  
 E de lá me apronto  
 E não traço destino  
 É ele quem traz  
 Saudade sentido, o amor é delito  
 O tempo o alívio, a dor o conflito  
 O cheio o vazio, o final o início  
 No verso eu existo.  
 Eu bebo para esquecer meus poemas  
 E também lembrar um grande amor  
 Eu busco seus beijos aos berros nos becos  
 Espero seus erros o tempo que for.<sup>15</sup>

Essa poesia transformada em letra de música reflete o caminho percorrido pelo escritor Pedro Gabriel que, ao compor, potencializa sua trajetória e permite expor sua participação em questões como poeta/artista. Interessante notar que as relações contemporâneas não circulam apenas textos, mas palavras, capas, títulos, *slogans*, imagens de representação. No caso da imagem 8, a reprodução do universo criado pelo poeta leva o leitor, consumidor da música, para um novo horizonte de compreensão, personificando ainda mais Antônio, livre do espaço de seus guardanapos.

O recorte até aqui apresentado, de mercadorias advindas de parceria do autor com outras empresas demonstra que na contemporaneidade:

Os próprios artistas estão investindo a sua imaginação criadora em outros e novos campos, isto é, estão descobrindo novos modos de ler uma produção cultural que não se manifesta pela escrita, como a indicar que existe na

---

<sup>15</sup> Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/versos-que-compomos-na-estrada/eu-me-chamo-antonio>. Acesso em: 24 out. de 2019.

disseminação massificada de simulacros um universo a ser investigado para que se tenha uma visão de mundo que finca o pé na atualidade (SANTIAGO, 1991, p. 150).

Isso, pois a poesia de Pedro Gabriel deixa de ser apenas visualizada nas mídias ou lida nos livros, para ser também vestida, ostentada ou distribuída em outros níveis de compartilhamento que não apenas os virtuais: para um leitor fã, fica a oportunidade de ser apresentado por um dos produtos, personalizando ainda mais as relações de mercado.

Essa abrangência de trabalhos que o escritor Pedro Gabriel explora em suas atividades permite observarmos manifestações de uma cultura plural, que por ora pode exercer influência e ampliar sua performance para diferentes públicos. Estar no mundo da *Cross media ou Crossmedia*, como é o seu caso, presente nas redes sociais, vídeos, mídia impressa, dentre outras plataformas, é uma forma contemporânea de atingir cada vez mais um público capaz de se interessar por suas histórias, alavancar a sua marca e manter-se constante nos veículos de comunicação de massa, de modo que o engajamento mantenha audiência – no caso da plataforma do *Spotify*, atingindo um total de 1.009.657 audições<sup>16</sup>.

**IMAGEM 9:** Concepção visual das capas dos álbuns do grupo Versos que compomos I.



Fonte: <http://amusicoteca.com.br/um-verao-qualquer-os-caminhos-visuais-e-poeticos-do-novo-disco-do-versos>. Acesso em: 24 out. 2019.

<sup>16</sup> Acesso em: 27 jul. 2020.

Após o primeiro álbum, que leva o nome do grupo (2014) e o lançamento do segundo disco, **Desate** (2016), e dos *singles* **Salinas** (2017) e **Cais** (2017), o *duo* **Versos que compomos na estrada** completa a tão esperada trilogia poético-sonora com um **Verão qualquer** (2019). O autor Pedro Gabriel foi convidado para realizar a concepção visual da capa e também a criação de duas músicas: **Lá se vão os dias** e **Minha voz**. Observamos nitidamente nessas últimas capas a influência de seus desenhos lançados em sua rede social a partir de 2016, bem como no seu terceiro livro, o **Ilustre poesia**.

**IMAGEM 10:** Concepção visual das capas dos álbuns do grupo Versos que compomos II.



Fonte: <https://open.spotify.com/artist/4rwTeEOLZKIPm6d8N4w5ME>. Acesso em: 24 out. 2019.

Podemos observar ao longo desta biografia e os produtos aqui apresentados, uma constante atualização diante da necessidade de criar uma estratégia comercial, voltada também para o lucro, com a venda de produtos com a sua assinatura. Sua atuação dinâmica e plural fez também com que ele se enveredasse pelo campo do processo de ensino e aprendizagem. No ano de 2019, ele participou de um módulo no curso de **Gestos de Escrita de Extensão Universitária**, d'**A Casa Tombada**, espaço localizado no bairro de Perdizes, na cidade de São Paulo. A casa é um lugar destinado à arte, cultura e educação. Conforme informações disponibilizadas no *site*, o curso teve como objetivo ser uma pequena introdução à história da escrita por

meio do conceito de gesto<sup>17</sup>. Pedro abordou o módulo **Escritos são ex-gritos: escrever à mão**, no qual explorou a questão da escrita à mão, em uma perspectiva de aceitar o erro percebendo-o como algo capaz de levar a outros caminhos textuais e criativos:

É a partir do contato das mãos com o traço das letras que viso percorrer esse encontro, com o objetivo de lembrar-se das memórias de escrever à mão, mas também, experimentar novas possibilidades, abrir outros gestos (GABRIEL, 2019, s/p).

Levar em consideração toda esta visão que o escritor Pedro Gabriel relaciona os produtos e bem como a este curso, requer de nós uma reflexão para a atualidade pela qual devemos nos preocupar com a técnica em suas diferentes formas. Assim, Lévy no seu livro **As Tecnologias da Inteligência** (1993), propõe que

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria (p. 4).

Perceber essa complexa teia da escrita e digitalização, a oralidade muitas vezes perde a qualidade que por ora são apresentadas, porém através das conexões de mídias, elas se libertam e transformam numa capacidade hipertextual. Criando assim, uma facilidade na organização, de modo que a informação escrita, imagética ou sonora; passam a serem passíveis de ajustes, ordenação e ou comentários diante destas modulações.

---

<sup>17</sup> Os dados a respeito do curso podem ser encontrados na página: <https://acasatombada.com.br/gestos-de-escrita/?fbclid=IwAR3dWiQH3BI6-Qg0bdEuMZkcTbOJWibH9VJJH0EkwnoNLImKMD5H0sFJJ0>. Acesso em: 07 out. 2019.

**IMAGEM 11:** Título do módulo do curso

Fonte: Página do autor no *Tumblr*, publicação de 01 de agosto de 2019.

O autor é muito solicitado no meio cultural e possui grande popularidade entre os leitores, sobretudo porque detém um expressivo número de seguidores nas suas mídias sociais: em sua conta no *Facebook* são 1.002.623 aproximadamente (nesse espaço não há registro de número de postagens), já no *Instagram*, são 498 mil seguidores<sup>18</sup> e quase doze mil postagens. Segundo estudos desenvolvidos por Aniceto e Nogueira (2019, p. 55), “o cuidado desse poeta em fazer poesia faz com que ele aposte nos impasses dramáticos contemporâneos que envolvem a tecnologia, o ciber caminho, o ciber espaço, a cibercultura e a ciberarte”. Os dados, seja de seguidores virtuais (que se convertem em leitores, como veremos mais adiante) seja de produtos à venda, demonstram que Pedro Gabriel tornou-se celebridade do mundo virtual, uma espécie de ícone<sup>19</sup>. Tal popularização reverte-se

<sup>18</sup> Dados atualizados em 07 de outubro de 2020.

<sup>19</sup> Celeste (2018), em sua já citada dissertação de Mestrado, realiza uma vasta discussão acerca da ideia de que celebridades digitais se tornaram referência significativa para uma grande geração de leitores. Embora o termo ícone possa, em um primeiro momento, parecer profundo demais para a relação aqui explorada, manteremos sua utilização com a licença poética de realizar um “pequeno exagero”. Exagero esse que contorna, inclusive, os números que hoje sustentam as questões digitais. Essas personalidades arrastam seguidores de forma virtual com uma força que ainda não foi

em um interesse por parte das editoras. Os três primeiros livros de Pedro foram publicados pela Editora Intrínseca e, segundo dados da própria editora, ultrapassam os cem mil exemplares vendidos. Segundo dados fornecidos por Thayane Massopust, no dia 25 de maio de 2020, a estatística de vendas do primeiro livro **Eu me chamo Antônio** chegou a 178.978 mil exemplares. A segunda publicação intitulada **Segundo Eu me chamo Antônio**, alcançou uma vendagem de 56.732 mil exemplares e, finalmente, **Ilustre poesia**, alcançou a marca de 12.596 mil exemplares vendidos. Ou seja, **Eu me chamo Antônio** já movimentou mais 250.587 mil exemplares, considerando os três livros publicados.

A partir das informações biográficas e de seus produtos, observamos a diversidade e pluralidade que são apresentadas e a abrangência de possibilidades que o mercado literário é capaz de alcançar na contemporaneidade. Na próxima seção, abordaremos o papel transformador dos meios de telecomunicação, entendendo e explorando um pouco mais a atuação de Pedro Gabriel nas mídias sociais para, mais adiante, analisar tal perspectiva diante de sua produção literária.

## 2.2 DE GUTENBERG A ZUCKERBERG

A transformação à qual o homem foi submetido após a invenção tipográfica atribuída a Gutenberg tem causado efeito no presente por intermédio de outras tecnologias marcadas em nossa época. Esse primeiro grande salto da invenção e expansão tipográfica fez surgir, desse novo meio de comunicar, a telecomunicação. Entender a história dessa passagem atribuída a Gutenberg marca decisivamente as artes no século XX, “pois cabia estudar os novos meios de composição, reprodução e divulgação das artes, em que os avanços da técnica se faziam perceber de modo claro” (BENJAMIN, 2019, p. 24).

Para tanto “oferece-nos uma explicação da transformação do homem da cultura oral e manuscrita no homem da cultura tipográfica e moderna, com um poder de penetração e imaginação não atingido por qualquer outro escritor” (TEIXEIRA, 1969 apud, MCLUHAN, 1972, p. 12). Com essa reconfiguração da Galáxia de Gutenberg, há 400 anos, a tipografia avançou, barateou o material escrito e novas redes foram estabelecidas. Mark Zuckerberg lançou no ano de 2004 o *Facebook*, na Universidade de *Harvard*, afirmando que queria criar uma grande comunidade global cujo objetivo era o de avançar o potencial humano e promover a igualdade.

Tais caminhos entre o passado e o presente ampliam o conceito de cultura e arte, e no caso da literatura, permitem divulgar nos meios de comunicação ideias em uma velocidade até então pouco vista. A produção de textos, folhetos, teses e escritos sagrados rompe, em cada época, a sua própria percepção e visão de mundo. Alguns triunfos foram visíveis e marcaram de antemão a sociedade moderna, como fotojornalismo, fotografia, cinema e rádio. A ordem global está sendo construída a cada *login*. Desse modo, consideramos “é claro, as mídias em questão: em vez da fotografia e do cinema, hoje falamos da computação e do universo da *web*” (BENJAMIN, 2019, p. 30).

A Internet hoje tem um papel fundamental enquanto meio de telecomunicação, pois é por meio desse labirinto de possibilidades que os computadores, *tablets* e celulares diversificam um pensar social. O virtual conectou pessoas, ampliando as capacidades culturais e artísticas presentes no mundo contemporâneo. Com o advento da Internet, a literatura tem presenciado o surgimento de promissores escritores que se utilizam das ferramentas das mídias sociais, como é o caso em destaque do escritor em análise.

Esse novo pensar de aparatos e ferramentas nos fazem, diante da mídia digital, perceber sobre o modo de ver e sentir o mundo. Benjamin (2019) investiga esses novos aparatos, segundo o qual tais experiências têm causado dificuldades, pois a “linguagem imagética ainda não atingiu a maturidade porque nossos olhos ainda não se adaptaram a ela. Ainda não há respeito nem culto suficiente para aquilo que nela é expresso” (GANCE, 1927, apud BENJAMIN, 2019, p. 70). Embora a afirmação de Benjamin date de um tempo já distante deste que aqui analisamos, vale destacar sua atualidade.

Uma informação ou um conteúdo com qualidade se espalha rapidamente pela Internet, e nessa ressonância, ganha simpatia entre seus membros. Essa proximidade e percepção às mudanças “estabelece uma relação entre o aperfeiçoamento da técnica da reprodução e o surgimento das massas: ambos os fenômenos se opõem à ideia de distância” (BENJAMIN, 2019, p. 32) e “em contrapartida na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público” (HAN, 2018, p. 12).

A xilogravura tornou a primeira técnica de artes gráficas reproduzível, e ainda segundo Hayles (2009, p. 20), a “literatura impressa está profundamente ligada à evolução da tecnologia do livro”, assim como a reprodução e inovações técnicas da escrita provocaram na literatura. Tal evolução de natureza humana busca lidar com novas forças produtivas desencadeadas, cujo objetivo é acelerar adaptações.

Diante deste momento em que a natureza e a cultura são bases do pensamento moderno, no entanto essa visão de mundo foi construída historicamente e existe um combate entre as sociedades modernas e não modernas, um grande divisor entre as idades das luzes e das trevas. A comunicação impressa traz uma nova “reconfiguração da galáxia em face dos novos meios de comunicação” (TEIXEIRA, 1969 apud MCLUHAN, 1972, p. 12).

O poder mágico das palavras torna-se mais visíveis e nesse sentido, as mídias sociais e a literatura no meio eletrônico ganham o mundo com mais interação, dinamismo e visibilidade, tornando o uso da palavra e o das imagens um trabalho artístico de performance. Inclusive, cabe a ressaltar que

a literatura eletrônica chega em cena após quinhentos anos de literatura impressa. Os leitores chegam a uma obra digital com expectativas formadas no meio impresso, incluindo um conhecimento extenso e profundo das formas de letras, convenções do meio impresso, e estilos literários impressos (HAYLES, 2009, p. 21).

De acordo com Hayles (2009), cabe à literatura desafiar as mutações adaptativas, sua natureza híbrida, no qual inclui a “zona de comércio em que diferentes vocabulários, especialidades e expectativas se reúnem para ver o que poderá resultar dessa ligação” (2009, p. 21). Conforme o verbete dicionarizado, **híbrido** é, um termo que, para os gregos

correspondia à desmedida, ao ultrapassar das fronteiras, ato que exigia imediata punição. A palavra remete ao que é originário de espécies diversas. Híbrido é também o que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos anormalmente reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. A pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de híbrido, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogêneos da modernidade e inserindo-se na movência da pós-modernidade, associa-se ao múltiplo e ao heterogêneo. O conceito já fora utilizado por Mikhail Bakhtin, em Estética e teoria do romance, referindo-se ao processo pelo qual duas vozes caminham juntas e lutam no território do discurso. Dois pontos de vista não se misturam, mas se cruzam dialogicamente. Ou seja, as vozes heterogêneas ficam separadas: estamos lidando com uma mistura não no sentido de fusão, mas no de justaposição (Verbetes disponíveis em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hibrido>. Acesso em: 20 fev. 2020).

O futuro está presentificado no meio literário, pois por intermédio do uso das ferramentas tecnológicas, percebe-se que “qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano” (MCLUHAN, 1972, p. 14). Entretanto, essa esfera do ciberespaço tem sido explorada por uma nova geração de escritores, fazendo-se assim um caminho veloz de comunicar ideias e comportamentos. Além disso,

na era da computação social, os conteúdos são criados e organizados pelos próprios utilizadores. Uma incontável quantidade de cadernetas pessoais – os blogs – apresenta sem complexos as ideias, as opiniões, as fotografias e os vídeos de seus autores na nova esfera pública mundial (LÉVY, 2010, p. 11).

Pedro Antônio Gabriel utiliza os recursos da *web 2.0*, com informações em suas redes sociais, aproximando os leitores, interagindo e compartilhando seus produtos e sua poesia. Sendo assim, as transformações assimiladas pelos escritores contemporâneos fizeram com que

a cibercultura, entendida não apenas como questão tecnológica, mas como atitude da sociedade contemporânea, capaz de gerar impactos

socioculturais ainda pouco estudados, manifesta-se por meio de uma linguagem sincrética, que opera com desenhos, gráficos, figuras, cores, palavras, sons, movimento, etc. Qualquer que seja o suporte em que se concretiza – telefones celulares, terminais bancários, telas de computadores, redes de segurança, tablets etc.-, a linguagem multissensorial dos novos meios passa a modelar e intermediar relações em que o corpo do homem se dobra aos efeitos, encantos e tentações da máquina (TEIXEIRA; CARMO, 2013, p. 7).

A literatura inspira e a utilização dos recursos audiovisuais tem derrubado barreiras, aproximando pessoas e as fronteiras da inovação e informação foram capazes de gerar impactos socioculturais importantes. Entretanto, conforme aponta Llosa (2013):

apresso-me a acrescentar que, embora acredite que a literatura deve comprometer-se com os problemas de seu tempo, e o escritor deve escrever com a convicção de que, escrevendo, pode ajudar os outros a serem mais livres, sensíveis e lúcidos, estou longe de afirmar que “o compromisso” cívico e moral do intelectual garantem o acerto, a defesa da melhor opção, a que contribui para deter a violência, reduzir a injustiça e promover o avanço da liberdade (LLOSA, 2013, p. 197, grifos do autor).

Da mesma forma como a Internet possibilitou o surgimento de escritores, também foi responsável, segundo Perrone-Moysés, “pelo aparecimento de novos leitores críticos, de competência variada, em *sites* e blogs” (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 68). Também segundo a pesquisadora,

mais do que em outros períodos históricos, nosso tempo de mudança de paradigmas e sentidos conflitantes tendem a produzir obras literárias muito diversas: as de significado simples, unívoco, facilmente legíveis, e obras que se oferecem a reflexão e questionamento. Estas últimas solicitam mais do que nunca o diálogo com a crítica, que ajudará os leitores a refletir sobre as questões levantadas e a atentar para a maneira como elas são formuladas. Ser crítico literário no século XXI é escolher entre a simples informação e a formação permanente de bons leitores (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 67-68).

Segundo Keen (2019, p. 14), a mídia antiga está ameaçada de extinção e “o que tomará o seu lugar, serão os novos e incrementados mecanismos de busca, os *sites* de rede sociais e os portais de vídeo da Internet”. Essa diversidade ao qual estamos nos referindo parte do princípio da “famosa Galáxia de Gutenberg que deu origem à cultura da página impressa e aos tipos gráficos que transformaram a cultura oral e manuscrita da Antiguidade e da Idade Média” (MARIN, 2019, p. 7). Estamos falando na verdade das transformações contemporâneas da cultura digital,

as realizadas nas mídias sociais, principalmente a do *Facebook*, a atual Galáxia de Zuckerberg. Significar essa passagem de tempo, passado e futuro, cria a rigor uma nova narrativa: o que se fala, o que se ouve e o que se vê, cuja transformação de uma postagem estimula o leitor a distinguir os momentos de convergências e divergências culturais. Atualmente, podemos perceber tais mudanças como um caminho gerador dos tipos que já estão sendo desenvolvidos, como é o caso do escritor Pedro Antônio Gabriel. Ele utiliza principalmente os canais sociais do *Facebook*, *Instagram*, *Tumblr*, *Twitter* e, conforme apresentamos anteriormente, mais recentemente, seus versos têm sido usados por compositores nas mídias musicais do *YouTube* e do aplicativo *Spotify*.

Essa diversidade de caminhos e manifestações da cibercultura, que se propaga a partir das redes sociais, significou ao escritor utilizar tais espaços para desenvolver seu trabalho artístico. Esse fato, por meio de suas poesias, imagens, caligrafias, jogos de palavras, fez do cultivo de sua arte uma oportunidade para construir e desenvolver seu talento junto ao mercado editorial. Entre nós,

somos desprogramados por meio dessa nova mídia, sem que possamos compreender inteiramente essa mudança radical de paradigma. Arrastamos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto (HAN, 2018, p. 10).

As diferentes formas e dispositivos utilizados para comunicar se fazem presentes em nosso meio. O *Facebook* tornou-se uma das primeiras e mais populares mídias utilizadas no ambiente virtual, desde a popularização da Internet. Globalmente, existiam 2.5 bilhões de usuários ativos mensais (MAUs) no *Facebook* em 31 de dezembro de 2019, com um aumento de 8% a cada ano<sup>20</sup>. Hoje, a rede controla e agrega outra série de redes virtuais, comprando as que se destacam. Embora hoje em dia já não seja a mais popular, perdendo cada vez mais espaço para o *Instagram*, soube manter-se nesse ambiente de rápidas mudanças ao comprar as novas redes da moda, incluindo aí, inclusive, o próprio *Instagram*. Segundo o site *Internetworldstats*, os dados estatísticos<sup>21</sup>, observamos que 57,3% da população da América Latina ou 26,3% da população mundial utilizam a ferramenta do *Facebook* como acesso à rede de informações. Diante do fato

---

<sup>20</sup> Dados disponíveis em: <https://www.websitehostingrating.com/pt/facebook-statistics>. Acesso em: 15 set. 2019.

<sup>21</sup> Dados disponíveis em: <https://www.Internetworldstats.com/facebook.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.

exposto, a Internet tornou-se um local de grande visibilidade de informação. Sendo assim, os escritores têm feito desse canal de comunicação um ambiente favorável para divulgação de seus trabalhos literários.

Desde a sua criação em 2004 até os dias de hoje, o *Facebook* tem como característica principal a comunicação entre as pessoas, incluindo a troca e o compartilhamento de mensagens no mural ou *feed* de notícias. Permite, ainda, divulgar calendário de eventos, publicação de fotos e criação de álbuns, dentre outras formas de interação que o transformaram desde um ambiente de amigos e a uma vitrine de negócios.

O *Facebook* foi a primeira rede oficial utilizada por Pedro Gabriel para a divulgação de seus textos (a primeira publicação data de 02 de outubro de 2012). Segundo a explicação do próprio autor na biografia da página, o espaço de **Eu me chamo Antônio** no *Facebook* tem o objetivo de

compartilhar o que rabiscava com caneta hidrográfica em guardanapos nas noites em que batia o ponto no Café Lamas, um dos bares mais tradicionais do Rio de Janeiro. Hoje, tenho mais de 2.000 criações guardadas cuidadosamente em álbuns de fotografia (GABRIEL, 2012).

Diante desse percurso, iniciado com os guardanapos fotografados e postados em sua página recém-lançada no *Facebook*, o autor atingiu um sucesso significativo entre seus seguidores e em poucos meses já havia se tornado uma celebridade na Internet. Com todas as possibilidades de comunicação entre as pessoas, é preciso entender que surgem novas possibilidades para atrair novos negócios e angariar um novo público. O público de seguidores/amigos do escritor Pedro Gabriel reúne-se no espaço virtual para receber do autor mensagens cujo conteúdo gira em torno da poesia, da leitura, da música, do desenho, da palavra, da ilustração, do verso livre e da crônica. O autor explora seus pensamentos ao longo das postagens e interage diretamente com seus seguidores, o que percebemos ser parte estratégica de um universo literário contemporâneo que cresce cada vez mais: o da relação entre autor e leitor.

Da mesma forma, para ele, a poesia não é só felicidade, mas também pode e deve incomodar. Pode e deve mudar ou, ao menos, fazer refletir sobre a existência. Não obstante, não deve ser confundida com mensagens de autoajuda. Inclusive, nota-se que hoje “não somos mais destinatários e consumidores passivos de

informação, mas sim remetentes e produtores ativos [...] somos simultaneamente consumidores e produtores” (HAN, 2018, p. 36). Diante de uma escrita transparente, seu projeto estético e a modernização dos caminhos poéticos no ambiente virtual, verifica-se que tal apropriação de suas técnicas promove certo diálogo, dominada pela presença e pelo presente. Vivenciando essa interlocução entre seguidor e autor, criou-se “um contato direto com seu público, que interfere, interage e opina em seus textos literários” (SANTOS, 2019, p. 180). Sendo assim, fica evidente que

a obra *Eu me chamo Antônio* foi determinada pela massa, com a intensa participação do público. Percebe-se que não há uma interação na arte em si, o público não modifica o conteúdo da obra, mas, nesse caso, o ato de compartilhar é criar para a sua rede um conceito da arte de determinado público (ROSSETTI, 2017, p. 54).

Pedro Gabriel afirma que não criou o **Eu me chamo Antônio** para a Internet. Nem mesmo o livro nasceu no *Facebook*, mas sim de uma necessidade de quebrar sua timidez e romper seu silêncio. Antônio, o personagem, nasceu no meio disso tudo, de forma espontânea, logo, sincera. Segundo Failla (2014), vivemos a era do acesso e informação. Nesse cenário,

a tecnologia e a mídia assumiram papel central ao promover novas capacidades e modos de pensar e se relacionar, além de criar “ondas”, celebridades e seguidores estranhos à grande mídia. Essas mudanças na tecnologia e no acesso à cultura digital, a mobilidade e a conexão contínuas e o compartilhamento em rede, além de gerarem uma mudança de paradigma nas relações, na produção e no acesso à cultura, devem impactar também nas formas de leitura, em seus suportes e no acesso à informação; portanto, na aprendizagem e na construção do conhecimento (FAILLA, 2014, p. 81).

Isso se dá principalmente pelo fato de que o autor faz parte desse dispositivo comunicacional e pelo modo como ele gera essa informação, explorando todos esses recursos em fluxo. O mundo virtual permite mutações de textos, imagens e sons, permitindo um amplo conceito de contemporaneidade, integrando nesse percurso um caminho de escrita em potencial. Pois a verdadeira

expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os

motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LEVY, 1999, p. 130).

As formas de se comunicar na contemporaneidade trazem um novo olhar para a literatura e reconhecer essa faceta, na qual os recursos estéticos e interartísticos extrapolam a liberdade de seu criador, proporciona soberania para ampliar novas formas de pensar. O cruzamento de fronteiras entre as mídias produz, de fato, fenômenos transmidiáticos, assim como o surgimento de diferentes perspectivas ou discursos em uma variedade de mídias diferentes. Logo,

de fato, estudos de intermedialidade incluem tanto a perspectiva de pesquisa sincrônica, que desenvolve uma tipologia de formas específicas de intermedialidade, quanto à perspectiva diacrônica de uma história intermidiática das mídias (DINIZ, 2012, p. 19).

Mais recentemente, em uma de suas publicações, Pedro Gabriel abriu a possibilidade para os seguidores que desejassem acompanhar sua criação e os bastidores de seu quarto livro, de receberem os esboços da nova produção pelo *e-mail* particular. Isso demonstra não apenas que na contemporaneidade talvez não haja mais a morte do autor – segundo problematizou Roland Barthes e aqui retomamos de forma arrazoada apenas a título de exemplo – como comprova que o leitor (consumidor) está cada vez mais vivo e é importante no processo de criação literária. Aliás, em muitas oportunidades, Pedro Gabriel afirma que prefere acreditar que sua poesia são os olhos de seus seguidores e leitores. Viável ou não, factual ou não, a estratégia de proximidade proporcionada pelas mídias digitais, tais como o *Facebook*, exploradas por escritores como Pedro Gabriel, tem galgado números extremamente lucrativos para as grandes editoras. Também, no caso específico da história por detrás do autor, tem propiciado um caminho diferente dentro do mercado editorial: primeiro o público leitor elege e impulsiona o escritor, depois a editora aparece para cumprir o seu papel de publicar a obra e gerar os lucros.

O percurso iniciado por Pedro Gabriel para divulgar sua poesia foi no *Tumblr*, no final de 2011. Segundo o autor, a escolha da plataforma não foi feita por meio de critérios pensados, mas por ignorância do uso de outras redes, à época. Depois, em 2012, migrou para o *Facebook* porque sentiu que ali era mais fácil interagir com os seguidores, bem como para saber de qual localidade eles estavam comentando. Atualmente, o *Instagram* é a mídia que ele tem mais utilizado e que mais tem

funcionado no contato com os leitores. Como a poesia é visual, o autor considera que ali sua proposta combina mais com a mídia. Independente desse ciber caminho, o *modus operandi* de manter contato vai além do uso das redes sociais. Inclusive, “essas convenções geram um conjunto de expectativas que podem ser controversas ao invés de satisfatórias, mas permitem que a obra seja inteligível ao leitor” (ABRAMS, 1985 apud SADOKIERSKI, 2010, p. 10)

Os dispositivos gráficos, como fotografias, desenhos e tipografia experimental estão cada vez mais presentes nos livros e ambientes de mídia, estando integrados ao texto escrito. Dentro de romances híbridos, palavra e imagem se combinam para criar um texto que não é puramente escrito nem puramente visual. Em uma tese de doutorado realizada na Universidade de Tecnologia na cidade de Sydney, no ano de 2010, a pesquisadora Zoë Sadokierski analisou autores que pudessem comprovar essa tendência dos livros publicados, pois a princípio parecia para ela que esses escritores estavam trabalhando de maneira criativa:

examinando exemplos descobertos no início da pesquisa, reconheci que esses livros são o que os semióticos chamam de textos "multimodais": o texto é composto por um modo verbal (palavras) e um modo visual (imagens). No entanto, eu prefiro o termo "híbrido" a "multimodal". 'Multimodal' implica que palavra e imagem coexistem lado a lado, em seus modos originais. 'Híbrido', por outro lado, implica na junção de palavra e imagem para produzir uma nova criatura. Esta tese argumenta que palavra e imagem podem se combinar para formar um tipo de experiência de leitura que não é puramente verbal, nem puramente visual. Então, eu as chamo de romances híbridos. É importante notar que embora, à primeira vista, os romances híbridos pareçam semelhantes aos mais familiares tipos - como livros ilustrados, histórias em quadrinhos ou livros de artistas - eles são claramente categorizados como romances. Esses livros híbridos são rotulados como romances pela editora e são arquivados como romances nas livrarias. Isso é importante enfatizar porque revela que esses livros não são um novo tipo de literatura, ou um novo subgênero ficcional. Em vez disso, eles demonstram uma mudança nas convenções do romance - os escritores estão compondo suas histórias em palavras e imagens (SADOKIERSKI, 2010, p. 3, grifos do autor).

Aliás, a evolução digital gerou mudanças na relação textual com a tela do computador, bem como inaugurou um novo diálogo, um novo modo de cooperação entre autor e leitor, da mesma forma que “para outros, é uma empolgante experiência de leitura interativa, familiar aos leitores de textos de novas mídias” (SADOKIERSKI, 2010, p. 31). O fato é que esse contato à distância que tanto o autor Pedro Gabriel estabeleceu com os seus seguidores não só aproxima como também altera a forma escrita e linguística. Em algumas de suas postagens, é nítido

o seu agradecimento pelas interações, por algum presente recebido ou mesmo a emoção com uma simples correspondência de um leitor mais jovem. Talvez esse seja seu diferencial significativo, um olhar mais apurado ao que está a seu redor – inclusive seus leitores – e uma vitrine cuidadosa de apresentação de suas criações por meio das plataformas digitais.

O *Instagram* é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. Foi criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O serviço rapidamente ganhou popularidade, com mais de 1 bilhão de usuários ativos em março de 2020<sup>22</sup>, tendo sido adquirido pelo *Facebook* em abril de 2012 por cerca de 1 bilhão de dólares em dinheiro e ações. Grandes celebridades podem ser patrocinadas para produzir fotos ou vídeos de promoção em relação a um dado produto.

Diante dos números apresentados, os serviços disponibilizados atualmente pela Internet e a ambiência digital exigem um olhar crítico que seja capaz de observar como lidamos com os textos na era midiática. Sendo assim, segundo Olinto e Schøllhammer (2002), é importante afinar esse limiar no contexto de como

opera com sistemas de produção, transmissão e recepção de textos radicalmente novos, a partir de possibilidades inovadoras da organização do saber – o hipertexto – e de novas qualificações para a ficção – o ciberespaço (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 68).

Assim cabem estudos literários contemporâneos para compreender

os papéis e conceitos tradicionais atribuídos ao leitor, ao autor e ao texto, como componentes desse circuito comunicacional precisam ser reajustados quando passamos da estrutura discursiva linear da tecnologia impressa da escrita – preto no branco – para a forma multimidiática na era da tecnologia eletrônica digital (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 69).

Essa pluralidade à qual a sociedade está exposta na atual e nova galáxia midiática, com seus vastos campos de atuação, exige uma direção do olhar na tentativa de compreender, conforme aponta Lemos (1997):

os impactos das novas tecnologias na cultura e na comunicação contemporâneas [...] de modo a perceber a sociedade enquanto processo

---

<sup>22</sup> Dados disponíveis em: <https://business.instagram.com>. Acesso em: 26 fev. 2020.

complexo e sempre inacabado entre formas e conteúdos (LEMOS, 1997, p. 15).

Contudo, canalizar os benefícios da *web 2.0* em nossa sociedade de maneira construtiva, permitiu maior interatividade e colaboração na utilização da Internet e essa arquitetura participativa é um incentivo à inteligência coletiva<sup>23</sup>. Tudo isso pelo simples fato de que essa nova plataforma cria serviços contínuos, algo que nos dá meios para partilharmos conhecimentos e que também “tornou-se a tecnologia digital inescapável da vida no século XXI” (KEEN, 2009, p. 173).

A questão para compreendermos a socialidade abordada por Maffesoli em seus estudos ajuda a abranger os fenômenos da cultura eletrônica global, demarcada por agrupamentos urbanos contemporâneos que formam a cultura do sentimento (LEMOS, 1997).

Desconstruir passado e presente é perceber que as novas tecnologias estão em evidência no cotidiano das pessoas. Somente a partir desse olhar poderemos refletir como os cibercaminhos podem, de alguma forma, comunicar no mundo real e como construir as possibilidades de diálogo por meio de poesia, sabedoria e conhecimento. Para isso, desnudar e identificar o desenvolvimento de uma linguagem livre e capaz é promover a interação do saber. Assim, abordaremos na próxima subseção os caminhos percorridos pelo trabalho poético do autor Pedro Gabriel nas mídias sociais, exemplificando a construção de sua obra poética.

### **2.2.1 As mídias sociais de Pedro Antônio Gabriel**

É difícil definir as intenções por trás da criação de uma mídia social. Um usuário pode criar uma conta para que seja acessada apenas por familiares, sendo então restrita e fechada, e nessa conta, ainda assim, pode definir como irá compartilhar o seu conteúdo. Ela pode ser uma ponte entre um familiar que está morando longe e os demais membros de sua família, fazendo-se, então, um diário de viagem. Ou pode, embora hoje haja uma grande diversidade de aplicativos para esta intenção, utilizar as mídias para criar relações pessoais mais específicas e encontrar não apenas amigos, mas amantes. Com o advento da profissão do

---

<sup>23</sup> Compreendemos que há autores como Andrew Keen que discordam ser a Internet um espaço democrático no sentido positivo do termo. Mas não entraremos nessa via de discussão, já que na presente dissertação nosso ponto de análise se refere especificamente a um tipo de produção virtual literária cujo valor, para nós, deve ser evidenciado.

influenciador digital, um usuário pode ainda assim criar sua conta com a intenção de tornar-se referência em alguma área e fazer daquele espaço virtual sua fonte de renda: vender-se como um produto do mercado, tornando a sua opinião referência para as empresas e seus seguidores – nesse caso, o caminho é longo e nem sempre profícuo. Inclusive, dentro das estratégias de *marketing* das grandes empresas, essa ferramenta já está sendo utilizada com perspicácia: o influenciador digital é inserido no espaço para tornar-se garoto propaganda de uma marca. Há aqueles que buscam alimentar os números de sua profissão e fazer clientes no espaço virtual, ampliando o seu nicho de alcance.

Os caminhos são diversos e as oportunidades ainda mais vastas: há muito que a Internet tem deixado de ser um espaço amador – como profetizou Keen (2009) ao generalizar sua abrangência e reduzir sua importância – e tem se tornado mais uma possibilidade em um mercado capitalista cujos recursos se esgotam e precisam de renovação constante. Aliás, o ano de 2020 foi um divisor de águas para essa nova realidade, obrigando, no período da pandemia<sup>24</sup>, que as empresas e pessoas se adequassem ao virtual para então sobreviver. Nesse sentido, os estudos acerca dos cibercaminhos ganharam mais força e novos contornos após este que se tornou um ano no qual o mundo virtualizou-se de verdade. Mas antes disso, antes dessa data, os caminhos eram outros e um pouco mais tímidos.

Pedro Antônio Gabriel, conforme dissemos anteriormente, criou as suas primeiras mídias no ano de 2011. Influenciadores digitais ainda conquistavam seu espaço sem muitas definições, sobretudo, sem a consciência de que esta se efetivaria como profissão legitimada tanto pelo público quanto, e principalmente, pelo mercado. Paralelamente, escritores ainda não exploravam esses espaços com a mesma consciência com a qual o fazem na atualidade – estavam ainda restritos às ações dos fãs e leitores que se utilizavam das mídias para criar fãs clubes ou *fanfictions* de obras já consagradas pelo público. Dessa forma, o movimento empreendido por Pedro Gabriel, ainda que aqui não nos caiba discutir intenções, não pode ser considerado como um risco calculado, já que no Brasil, pelo menos,

---

<sup>24</sup> O ano de 2020 ficou marcado pela grave pandemia do Coronavírus que afetou a vida em sociedade, colocando populações de vários países em quarentena para evitar a contaminação. Os números em torno deste evento são numerosos quando comparados com outros, as cidades precisaram parar, as pessoas foram obrigadas ao isolamento, o número de mortos atingiu a casa dos milhões. Tais mudanças afetaram o mundo em todos os campos, sobretudo na economia de muitos países. E, neste ínterim, as pessoas se viram obrigadas a mudar seus hábitos e, sobretudo, as empresas se viram obrigadas e se inserir no ambiente virtual para manter as relações de comércio.

deu-se de forma inédita. Em outras palavras, ainda não tínhamos no país um autor que tivesse primeiro se destacado de maneira ampla e significativa no campo virtual para depois tornar-se fenômeno de vendas de livros impressos. Alguns *youtubers* ou blogueiros já haviam explorado o nicho a partir de seu sucesso em seus canais e mídias, de suas áreas de atuação: moda, maquiagem, culinária, *life style*. Mas até então não tínhamos um escritor, muito menos de poesias, que tivesse conquistado um espaço significativo nas mídias, atraído uma legião de fãs e leitores e, então, chamado a atenção das editoras. Em outras palavras, sua obra impressa, ao ser lançada pela editora, já havia sido legitimada pelo público.

Partindo do contexto apresentado, propomos uma análise mais detalhada do ambiente virtual no qual Pedro Antônio Gabriel está inserido. Sua conta do *Instagram* possui aproximadamente 498.000 seguidores<sup>25</sup> e observamos que nas mais de 11.600 mil publicações feitas, ele apresenta, na maioria das postagens, os guardanapos desenhados com um pequeno poema cotidiano. Quem entra em seu perfil percebe também uma preocupação estética, visual e interartística que ajuda a pensar na organização ou na sequência dos guardanapos. É possível que sua formação publicitária tenha influenciado nesse processo, inclusive para criar uma ideia boa, amarrada por um conceito consistente para trilhar o melhor caminho e a melhor forma de divulgar sua poesia em qualquer plataforma. Podemos citar Bosi (2017) quando o autor se refere a outros escritores, atualizando esse mesmo movimento de criação ao que hoje chamamos de cibercaminhos. O escritor “pode [...] preferir e aprofundar uma vertente e experimentá-la até o fim, sem que a sua escolha implique o fechamento de outros caminhos” (BOSI, 2017, p. 516). Isso, observamos em suas postagens e no grau de solicitação a que é sempre submetido para a realização de novos trabalhos e performances.

Ser poeta na atualidade do *Instagram* é ser instantâneo, ou seja, ser desse tempo. Pedro Gabriel, em publicação no *Facebook* feita na data de 23 de outubro de 2019, considera “que esse tempo inclui também o digital, as redes sociais, o instantâneo, o impresso, o sonoro. A poesia está mais híbrida do que nunca!” (GABRIEL, 2019, s/p, grifo nosso). A este respeito, o opositor das mídias digitais, Andrew Keen (2009) afirma que:

---

<sup>25</sup> Dados atualizados em 07 de outubro de 2020.

Um escritor profissional passa anos empenhado em dominar ou refinar sua arte, num esforço para ser reconhecido por um universo maduro de editores, agentes, críticos e consumidores como alguém que merece ser lido e é digno de atenção (KEEN, 2009, p. 63).

Os meios digitais servem para compartilhar suas criações com seus leitores, criando assim, além do vínculo com sua comunidade de seguidores, uma vitrine para o universo criativo. Diante dessa complexa teia que move esse ambiente, cabe refletir que

nesta perspectiva, as experiências que nos permitem as novas tecnologias midiáticas não conduzem necessariamente à despedida ou a substituição do real, mas permitem uma reavaliação e uma revalidação da realidade cotidiana e a formação de novas comunidades (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 73).

O algoritmo<sup>26</sup> do *Instagram* é um recurso que pode deixar *social medias* e pessoas que trabalham com a rede social em evidência por meio dessa tecnologia. Tem um objetivo claro: fazer com que o usuário encontre exatamente aquilo o que deseja. Também permite que alguns perfis conquistem maior engajamento. Por isso, é maior a chance de *posts* com muitas curtidas e, principalmente, comentários, serem exibidos para mais usuários, principalmente *posts* que recebem muito engajamento nos primeiros instantes de sua postagem. Assim fica claro como esse recurso leva em consideração que os usuários querem ver conteúdo novo e recente a cada vez que usam o aplicativo<sup>27</sup>.

Partindo desse princípio – que esta mídia entende o quanto seu usuário se interessa por um assunto –, a forma como o internauta se comporta dentro da ferramenta, o que curte e comenta em fotos e vídeos, faz com que o algoritmo elenque as suas prioridades e divulgue material que esteja relacionado a um tema específico em seu *feed*. Nada mais é que uma sequência lógica, finita e definida de instruções que devem ser seguidas para resolver um problema ou executar uma

---

<sup>26</sup> Os **algoritmos** contribuíram para a evolução tecnológica vista nas últimas décadas e são cada vez mais complexos, com o objetivo de entender o comportamento humano na Internet, em especial, nas redes sociais. Conhecê-los pode contribuir para melhorar a estratégia digital. Eles datam de tempos babilônicos, mas tornaram-se mais conhecidos na modernidade, principalmente, quando associados aos computadores e às estratégias de otimização para buscadores. O termo pode ser entendido como uma sequência de raciocínios, instruções ou operações para alcançar um objetivo, sendo necessário que os passos sejam finitos e operados sistematicamente. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/algoritmo>. Acesso: 27 fev. 2020.

<sup>27</sup> Vale destacar que a forma como o algoritmo funciona nesta mídia específica vai se alterando. No momento de escrita desta dissertação, esse era o funcionamento padrão.

tarefa e os usuários utilizam desse recurso tecnológico para reconhecer o conteúdo das imagens em *posts*, a temporalidade e o potencial engajamento das postagens, bem como as pessoas que você mais se relaciona a partir das suas interações.

É preciso entender de todas essas particularidades para se aproximar de uma marca e de seus usuários. Assim, criar impactos junto aos aspectos visuais e estéticos no *Instagram* serve para deixar suas postagens com mais interação e audiência. Compreender essa constante busca pela narrativa poética e visual do uso das novas tecnologias é assumir um viés que o autor Pedro Gabriel, no fluxo midiático das redes, vem incorporando ao cotidiano do mundo contemporâneo.

É nesse imaginário que a rede mundial promove, nas mídias sociais, um debate cultural de momentos compartilhados e que significam uma experiência de seguidores, leitores e fãs de poesia. Segundo Compagnon (2003, p. 252-253), “nada garante que a valorização de uma obra seja definitiva, que sua apreciação mesma não seja um efeito da moda”. Mas,

na medida em que sua obra é exata, i.e., fiel à consciência humana e à natureza do homem, como é exata na formulação do desejo nessa medida ela é duradoura e, assim, útil; quero dizer que conserva a precisão, a clareza do pensamento não apenas em benefício de alguns diletantes e amantes da literatura, mas conserva a saúde do pensamento exterior aos círculos literários e na existência não-literária, na vida do indivíduo de modo geral e na vida da comunidade (POUND, 1931 apud HAMBURGER, 2007, p. 60).

Parece justo que a criação poética aqui apresentada crie alicerces com seus seguidores/leitores e as estratégias de divulgação desse comunicar, potencializem os caminhos escolhidos pelo autor; fixem raízes em alguma relação de existência. Até pelo simples fato de que sua influência e o que envolve e propaga entre seus seguidores deixe marcas reflexivas à luz de sua poesia. Na imagem a seguir, percebemos nitidamente que seu pensar comunicativo gera ações práticas entre os sujeitos que se renovam nos processos contemporâneos na construção da cidadania. Aqui, sua seguidora @franclaas posta no dia 30 de junho de 2020, no *Instagram*, dicas do livro **Ilustre poesia**, criando uma audiência com mais de 30 comentários e o compartilhamento do autor, gerando um ciclo: ela o divulga, ele a divulga, divulgando-o:

**IMAGEM 12:** Dica de livro



Fonte: Publicação no *Instagram* em 2020.

Olhar a contemporaneidade “é tornar visível o que estava oculto, é revelar os indícios de uma história por contar, é desdobrar ‘marcas’ e ‘sinais’ recompondo-as em novas leituras” (NÓVOA, 2001, p. 5, grifos do autor). Diante desse contexto apresentado, a delimitação das fronteiras do aceitável, do verossímil e do verificável, ainda que a história contenha “uma dimensão narrativa (literária ou gráfica) não implica negar o estabelecimento de verdades, ainda que contextualizadas e provisórias” (NÓVOA, 2001, p. 4).

O centro de todo esse processo de excelência está no planejamento de suas ideias poéticas e publicitárias. De modo que todo esse processo produtivo estaria nos resultados criativos agregando valores, projetos inovadores quebrando barreiras em seus múltiplos espaços inseridos em sua realidade. Segundo Perrone-Moysés (2016, p. 149), “a literatura vive um interregno, aquele momento em que as regras antigas já não existem e outras, na melhor das hipóteses, ainda estão em gestação”.

Pedro Gabriel encara o tempo de criação e produção em rede como um processo natural de nossa realidade atual. Parafraseando a música **Os Bailes da Vida**, de Milton Nascimento e Fernando Brant, o artista tem que ir aonde o povo está! O povo hoje está principalmente e cada vez mais na Internet, nas mídias sociais. É natural que surjam cada vez mais escritores, poetas ou artistas utilizando-

se dos recursos na rede *web 2.0* para se expor/vender. Encarar a realidade literária é passar por esses momentos, é falar algo novo para o mundo. E

“comprometer-se” para o escritor não pode significar renúncia à aventura da imaginação, aos experimentalismos da linguagem, nem a buscas, audácias e riscos que tornam estimulante o trabalho intelectual, nem pode significar ojeriza ao riso, ao sorriso ou à brincadeira, por se considerar o dever de entreter incompatível com a responsabilidade cívica. Divertir, cativar, deslumbrar foi o que sempre fizeram os grandes poemas, dramas, romances e ensaios (LLOSA, 2013, p. 204-205, grifos do autor).

Tradicionalmente mais utilizadas como redes de relacionamentos, o *Instagram*, o *Facebook* e o *Tumblr* são os espaços em que Pedro Gabriel tem maior atuação. É no *Facebook* que o número de seguidores atinge sua melhor performance, chegando a 1.002.623 aproximadamente, contra os 498 mil seguidores do *Instagram*. A abrangência de divulgação de seus trabalhos inclui o *Twitter*, no qual o autor ingressou em janeiro de 2013, possuindo 11 mil seguidores e 1.160 *tweets* (postagens) em sua página pessoal. Apesar de possuir o *Pinterest*, nesse campo virtual o autor possui apenas 53 seguidores e 3 *pins* de divulgação. Por ser um buscador de imagens, ele estende a busca a outros *links*, criando assim uma intertextualidade de informações e de abrangências ao autor em destaque<sup>28</sup>.

**IMAGEM 13:** Primeiro *post* do *Instagram*: Ele sem legenda!



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 17 de fevereiro de 2012.

<sup>28</sup> Conforme já apontado anteriormente, os números aqui apresentados referem-se a dados coletados no ano de 2020, quando da finalização da escrita da presente dissertação.



remetem à sua história e ao seu passado publicitário. Segundo Perrone-Moysés (2016), “a literatura de ficção da modernidade tardia é assombrada pelo espectro da alta modernidade. [...] Carrega esse pós-moderno como um fardo do qual deseja se livrar, mas que a condiciona de maneira persistente” (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 149).

**IMAGEM 15:** Esboços técnicos escritos e desenhos



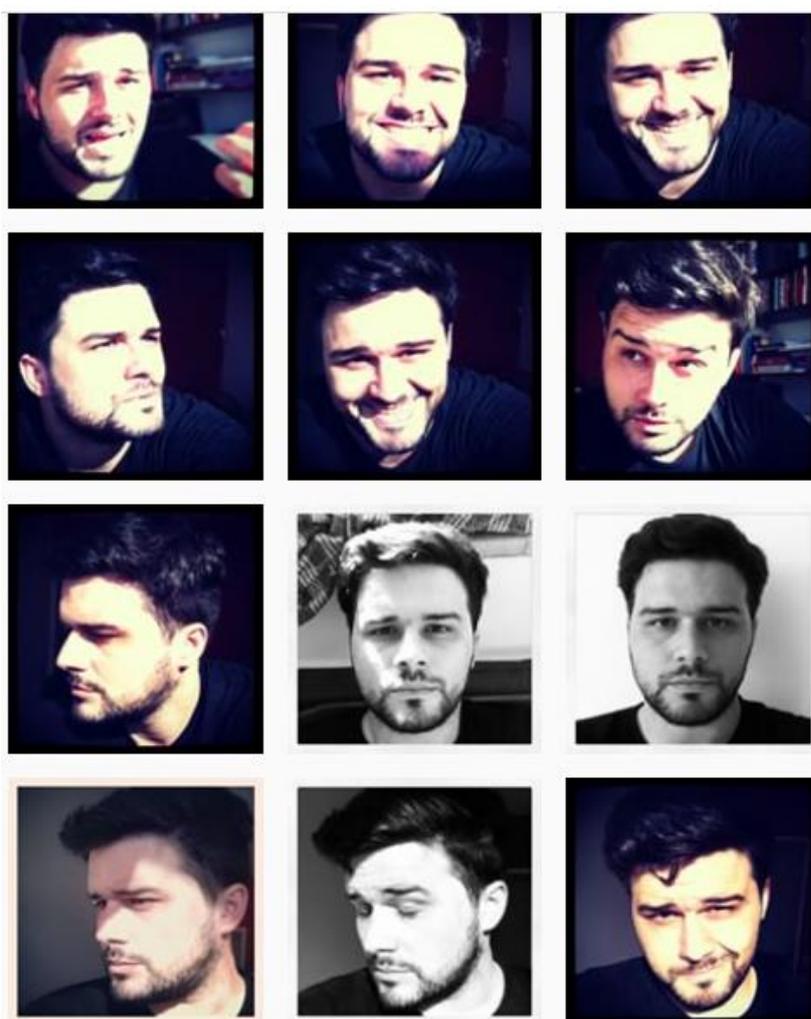
Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 24 de fevereiro de 2012.

Nota-se, nessas postagens iniciais, uma gestação de seu *Instagram*, um nascimento de ideias publicitárias, um esboço fragmentado, como se elas entrassem em uma incubadora. O centro de todo esse processo de excelência estaria nos resultados criativos agregando valores, projetos inovadores, quebrando barreiras em seus múltiplos espaços inseridos na realidade.

Tais manifestações da literatura contemporânea geram uma constante construção e um aparecimento de estruturas não lineares, de modo que o mundo globalizado e os seus mais variados temas sejam capazes de registrar essa nova situação em uma “incrível sucessão e simultaneidade de técnicas de comunicação e de reprodução prometeram que encontraríamos textos e literatura nos mais inesperados suportes” (LAJOLO, 2018, p. 150).

As fontes de inspiração e a criação dos caminhos, principalmente nas plataformas do *Instagram*, *Tumblr* e *Facebook*, vão acontecendo naturalmente na busca pelo seu personagem, seja por fotos, seja por desenhos ou palavras. Sua verdadeira face mostra momentos com semblantes alegres e tristes. O percurso de suas postagens nas redes sociais sinaliza tal busca e serve de guia para a compreensão de sua obra.

**IMAGEM 16:** Sequência de postagens de suas faces, à procura de uma identidade



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 26 de maio de 2012.

Esse olhar atento para com as palavras pode ter sido o grande referencial do sucesso que Pedro Gabriel faz nas redes sociais. O ciber caminho afetivo e íntimo de Antônio, seu personagem, ganha amplitude e atinge milhares de pessoas. Sendo assim, a partir da entrevista concedida à Revista Trip, a jornalista Moraes considera o autor com “capacidade de desenhar e eternizar palavras, cheias de sacadas delicadamente engraçadas em algo tão prosaico e efêmero quanto o guardanapo de papel, é o que provavelmente conquistou milhares de seguidores de suas redes sociais” (MORAES, 2013, s/p)<sup>29</sup>. Na mesma entrevista, Pedro Gabriel afirma que “quando desenha ou escreve sobre saudade é essa infância que volta e também a sua formação publicitária que o ajudou a ter contato com um mundo incrível de referências visuais e textuais” (MORAES, 2013).

Em um curto espaço de tempo, desde a criação de sua rede social, Pedro Gabriel vem ampliando o estilo de sua fonte de escrita, assim como os desenhos e formatos de seus personagens. Na imagem 17, percebe-se que seu experimento no guardanapo aconteceu primeiro em sua viagem a Paris, ainda em março de 2012. Já no Brasil, no final de 2012, só utilizou o guardanapo novamente porque havia esquecido seu caderno de bolso quando estava no Café Lamas. Ou seja, sua primeira experimentação poética com o guardanapo aconteceu em sua língua materna.

**IMAGEM 17:** Guardanapo Parisiense



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 09 de março de 2012.

<sup>29</sup> A entrevista completa pode ser encontrada em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/eu-me-chamo-antonio>. Acesso em: 18 mar. 2020.

A mudança de configuração vivenciada na era da galáxia digital eletrônica trouxe para a sociedade um parâmetro mais atual de se comunicar, no qual as publicações ganham audiência “enquanto a narrativa se transforma em simples postagem cifrada na sua extensão e nos seus estereótipos vocabulares” (MARIN, 2019, p. 7). Além disso, se as linguagens fossem impostas, segundo Llosa, “nunca teria nascido a liberdade e nem teria havido evolução histórica, nunca teria brotado a originalidade literária e artística” (LLOSA, 2013, p. 80).

As ações do poeta contemporâneo incluem potencializar novas linguagens, principalmente as que são advindas do ambiente virtual, de modo que o seu papel entre indivíduos e grupos se torne mais eficiente no presente e encontre fecundidade futura. Nesse trilhar pela liberdade, encurtam-se distâncias entre leitor e autor, construindo seu mundo por vivências concretas ou jamais imaginadas. Segundo o que o autor publicou em seu *Facebook*, no dia 02 de junho de 2019, esse modelo de criação literária produz efeito como um

casamento da palavra com o desenho [que] funciona muito bem na *Internet* e, sem dúvida, ajudou muito a viralizar o conteúdo da minha página. Além disso, a poesia que faço é acessível a todos os públicos e a todas as idades. A minha poesia é uma poesia propositalmente simples que brinca com a língua portuguesa e fala de sentimentos comuns de um jeito diferente. Isso também contribuiu para popularizar a página. Outro fator se deve à minha presença constante em todas as minhas redes: sou eu quem administra, posta, responde e comenta cada novo conteúdo. Os meus leitores e as minhas leitoras sabem que eu estou ali do outro lado da tela preocupado com a opinião de todos os envolvidos nessa troca poética diária (GABRIEL, 2019).

Romper as regras, os temas e as formas de sua obra variam em uma narrativa casual e cotidiana nas quais os versos em branco, as canções rimadas e metrificadas, frases curtas e metáforas ocupam seu lugar nos poemas até sem rimas. Muitas delas falam por meio da criação de suas imagens confeccionadas, fotografadas e/ou expandidas por *design* gráfico, ganham maturidade e desenvolvem o seu mundo imaginário.

Sua forma de pronunciar a poesia está longe de revelar um método ou até mesmo uma visão coerente da arte. Em alguns momentos, o autor toma a consciência quanto possível e em outros se interessa por coisas que produz um estado construído por palavras e temas que geram sensibilidade formadora de ideias atualizadas e formadoras de expressão.

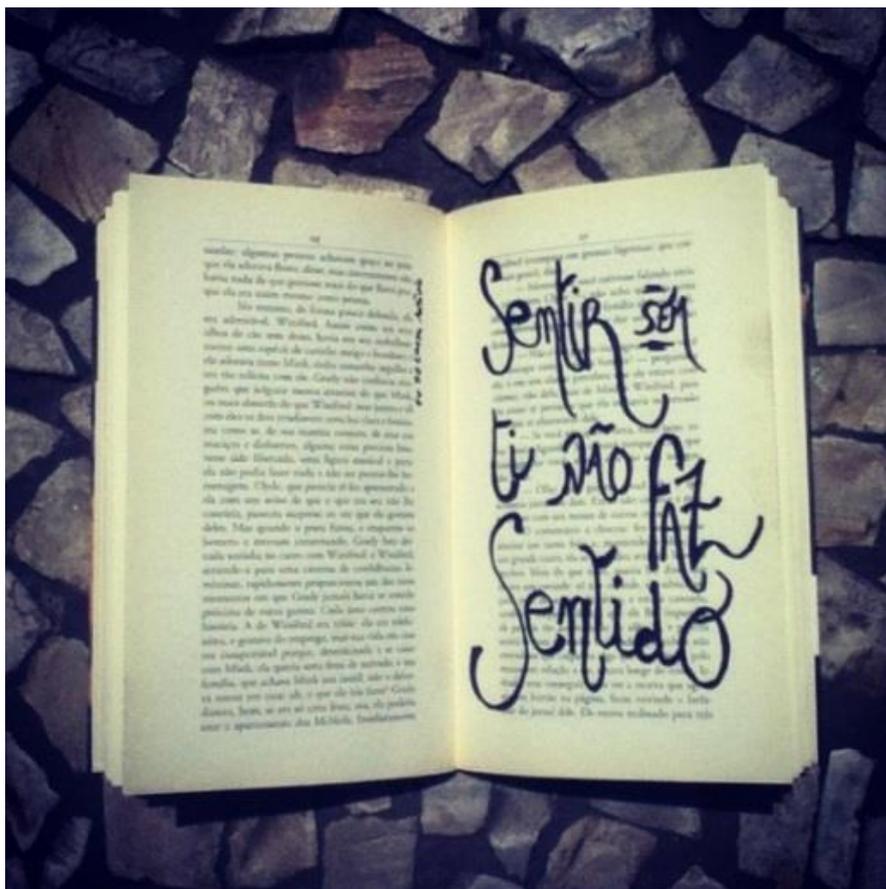
IMAGEM 18: Guia de viagem desenhada



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 11 de março de 2012.

Dessa liberdade com a qual o poeta Pedro Gabriel movimentava suas redes sociais, fica mais evidente que o desenvolvimento do *layout* da sua página pessoal do *Instagram* vai evoluindo em nova estética artística em cores e formatos, acompanhando, na mesma velocidade, o processo criativo de letras, tipo de papel, faces e jogos de palavras. Essa capacidade de criar e o percurso iniciado no guardanapo significam uma maneira de dizer e inovar em variados suportes de sua escrita midiática, despertando o interesse e chamado a atenção do público virtualmente consumidor.

**IMAGEM 19:** Intervenção literal no livro



Fonte: *Tumblr*, publicado em 11 de outubro de 2012.

Dos três livros lançados por Pedro Antônio Gabriel, consideramos o primeiro livro, **Eu me chamo Antônio** (2013), como o mais próximo de suas publicações no ambiente virtual. Nas imagens 18 e 19, observamos essa experiência de seu universo real, sua mania de fazer rabiscos, não poupando nem mesmo um guia de viagem. O autor não perdeu a oportunidade de deixar ali suas ideias, como no caso também do que ele publicou no *Tumblr* sob o título de **intervenção literal do livro**<sup>30</sup>. A semelhança com as mídias sociais foi expandida em seu primeiro livro. Vamos explorar um pouco mais os livros na próxima seção, mas cabe aqui observar que as postagens publicadas nas mídias sociais fizeram surgir o primeiro livro e atraíram o interesse do público seguidor, que se tornou seu leitor.

A criatividade de Pedro Gabriel evidencia-se como um dos fatores mais importantes de aproximação com seu público leitor, criando vínculos. Segundo

<sup>30</sup> Disponível em:

<https://eumechamoantonio.tumblr.com/search/interven%C3%A7%C3%A3o+literal+do+livro>. Acesso em: 20 maio 2020.

Todorov “a obra impõe o advento de uma ordem em estado de ruptura com o existente, a afirmação de um reino que obedece às leis e lógicas próprias” (TODOROV, 2010, p. 38). Analisar a poesia contemporânea brasileira é um exercício arriscado e ser contemporâneo, na atualidade, é desenvolver um panorama contextualizado regado de tendências e ideias. Dessa forma, esse exercício poético requer uma atenção ao que é contemporâneo. É preciso que a produção do presente faça sentido no seu entorno: interpretar o passado e suas particularidades é uma necessidade.

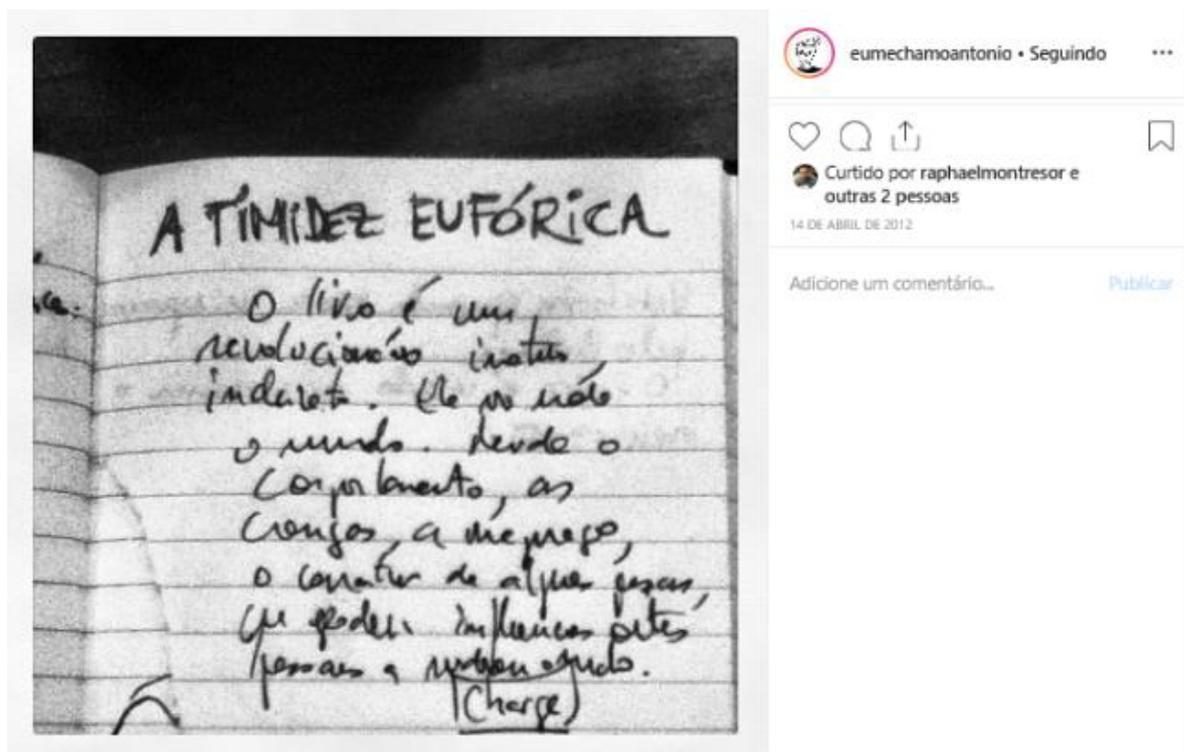
Tais construções margeiam ou causam efeitos conflitantes que bloqueiam pensamentos nessa diversidade de novos sentidos, causando divergências com um novo modelo que se apresentou às tradições poéticas do passado. Para tanto, os desejos de construir e de expressar, de romper as fronteiras do cânone e de explorar os limites do papel são preocupações que visam compreender um pouco melhor o chamamento dessas aspirações.

Esse olhar de volta significa respeitar literalmente a poesia e o nosso respeitar implica compreender sobre conceitos literários e seus novos paradigmas. Constitui emitir opinião e desenvolver uma reflexão, de modo que

é preciso que fale aos outros, numa certa linguagem. Essa simples observação de um grande leitor define o essencial para que um relato pessoal se torne literatura: “falar aos outros”: o texto literário não é monológico, inclui outras vozes e se destina a outros ouvidos. “Numa certa linguagem”: o texto literário é linguagem submetida a uma forma, isto é, o texto literário é arte (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p. 210, grifos da autora).

Tais vínculos comunicacionais entre autor, seguidor e leitor têm estabelecido uma nova prática literária capaz de interagir, abordar e envolver, como uma forma essencial de mediação do relacionamento. Essa maneira de enxergar o mundo nos tempos modernos, as recepções sociais e as práticas cotidianas tendem também a despertar as questões visuais e as informações verbais para uma nova criação poética.

IMAGEM 20: A timidez eufórica.



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 14 de abril de 2012.

Organizar uma página nas mídias sociais requer certo planejamento e implica também vencer, de certo modo, a timidez do poeta. É necessário, a partir deste ponto, analisar um plano estratégico, construindo no caminho os conteúdos a serem postados, medindo os resultados alcançados e, sem dúvidas, moldando os objetivos em cima do plano que se tem em mente.

Muitos pesquisadores vêm analisando o papel das mídias sociais atualmente e os estudos sobre esses assuntos requer ainda um olhar contínuo e transformador sobre perfis e plataformas, criando entre si estratégias geradoras de resultados. De acordo com o artigo<sup>31</sup> **Investimento na materialidade do conteúdo digital de blogueiros e youtubers**: perspectivas para a Literatura Brasileira Contemporânea, as autoras discutem que “as novas formas de registro facilitaram o fluxo de atividades administrativas e econômicas, além de documentar a história vivida por tais sociedades” (DEFILIPPO; CELESTE; NASCIMENTO, 2018, p. 62). A Internet tem modificado as formas de escrita e de leitura, pois a mudança de suporte possibilitou maior fluidez de espaço entre as palavras e certa autonomia, tanto para

<sup>31</sup> O referido artigo também é produto das reflexões do GT **A literatura e os cibercaminhos**, liderado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Juliana Gervason.

os autores quanto para os leitores, contando ainda com a vantagem de expandir as leituras e publicações de textos a outros suportes.

A evolução da escrita na contemporaneidade tem atraído os jovens para a literatura brasileira e, de fato, observamos no nosso dia a dia a quantidade de novos escritores que se utilizam da Internet como forma de divulgação de seus trabalhos. Estimular a leitura vai ao encontro que diz o historiador Tzvetan Todorov, em **Literatura em perigo** (2010), ao encorajar os jovens a buscarem todos os meios de leitura, pois “as leituras posteriores se encarregarão de tornar mais complexas e nuançadas” (TODOROV, 2010, p. 82).

Segundo Santos (2019, p. 183) “o fato é que com a ciberliteratura uma nova forma de criação literária vem surgindo totalmente oposta ao que prega o cânone literário”. Todorov defende ainda que libertar a literatura do espartilho asfixiante em que está presa, “é proporcionar a ela a abertura para o grande debate de ideias do qual participa todo o conhecimento do homem” (TODOROV, 2010, p. 89). Pedro Gabriel observa, em postagem no *Facebook* de 11 de agosto de 2019, que diferentemente do livro impresso, os

*posts do Instagram* tem alguma influência na hora da produção de seus poemas? Na produção, não. Mas me ajuda a pensar na organização ou na sequência dos guardanapos que publicarei no meu *feed*. Quem entra no meu perfil do *instagram*, vai perceber que há uma unidade visual e uma preocupação estética com o conteúdo. Acho que uma ideia boa, amarrada por um conceito consistente encontra sua melhor forma de ser divulgada em qualquer plataforma. Talvez minha formação publicitária – ainda que eu nunca tenha exercido diretamente essa profissão – tenha me ajudado a entender melhor todo esse processo (GABRIEL, 2019).

Sendo assim, o processo criativo que Pedro Gabriel utiliza nos suportes das mídias sociais vai ganhando um caráter híbrido e alcança um ponto em que suas ideias se aproximam à publicação dos livros, na construção de seus personagens, caligrafia, cores e estética.

Vem daí o fato de que as justaposições presentes nos textos produzidos por Pedro Gabriel, movendo-se, inclusive, em diferentes mídias e suportes, colocam-no em um frágil lugar de definições. Seus livros são autoajuda, poesia, ficção, prosa poética, romance. O mesmo texto (ou guardanapo) conforme o suporte no qual é inserido (compartilhado) altera o território de seu discurso poético e visual.

IMAGEM 21: Explosão híbrida



Fonte: Compilação de postagens no *Instagram* do autor Pedro Gabriel.

As diferentes formas de interação com seus seguidores junto aos *blogs* administrados por ele viabilizam uma linguagem dinâmica de construções textuais e imagéticas, “dialogando com a fotografia, os sons e os vídeos, produzindo conteúdos híbridos e que atraem esta geração cibernética” (SANTOS, 2019, p.183). É nesse vasto campo de possibilidades que

o mundo digital já está modificando a disciplina de História ao propor novas formas de publicação, transformar os procedimentos para demonstração e técnicas de provas e nos permitir uma relação nova, mais bem informada e mais crítica entre o leitor e o texto (CHARTIER, 2014, p. 14).

A própria relação estabelecida entre o seguidor e o autor, nas mídias nas quais seus textos estão inseridos, ratificam essa mudança sinalizada por Chartier (2014) na medida em que leitor não é apenas um termômetro editorial para sinalizar o sucesso ou fracasso de uma obra, mas sobretudo porque a relação de leitura estende-se às ações de compartilhamento, curtidas e comentários os quais participam criando um novo dialogismo, possibilitando uma nova unidade de interação social na qual o poema tem muito mais a ganhar do que perder.

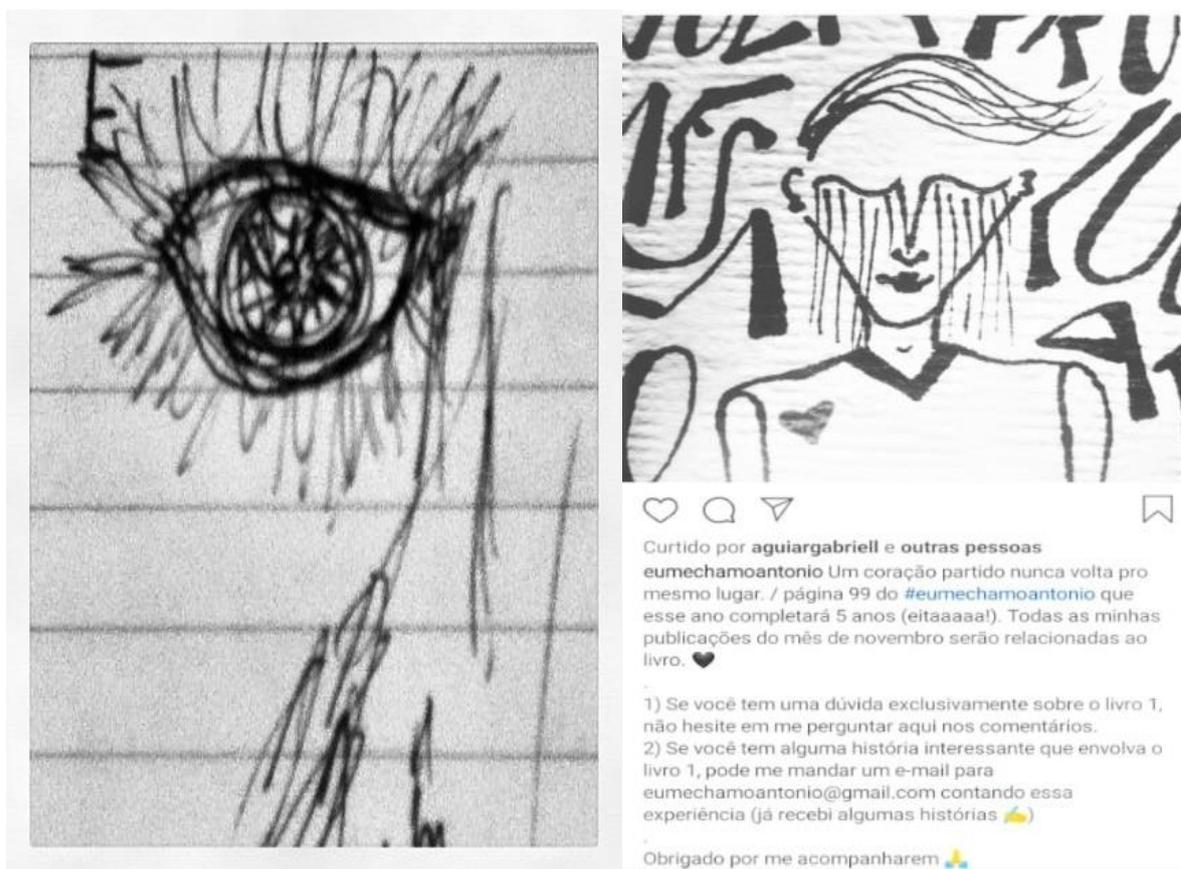
**IMAGEM 22:** Esboço interativo – autor – leitor – seguidor


Fonte: Postagens no *Instagram* e comentário de leitor/seguidora. Publicado em 21 de abril 2020.

Embora nessa pesquisa não tenhamos o objetivo de discutir questões relacionadas à crítica genética, cabe destacar que as mídias do autor, sobretudo o *Instagram*, permitem uma vitrine de sua produção cujo acesso extrapola espaços os quais as publicações editoriais não alcançam: o leitor torna-se íntimo inclusive do processo de criação do autor. Nesse viés cabe destacar o estudo de Flora Süssekind, **Até segunda ordem não me risque nada**, sobre desenhos, rascunhos e poesias de Ana Cristina Cesar, definindo-a como uma literatura que se constitui "via rascunho, burburinho" (SUSSEKIND, 1995, p. 60). Nesse caso, porém, os rascunhos e burburinho são o segundo plano da criação poética de Ana Cristina. Já no caso de Pedro Gabriel, os rascunhos e rabiscos tornam-se parte da produção poética original, aquela que é acessada e comentada por seus leitores, conforme é possível perceber no comentário de uma seguidora/leitora (@saracomh) na imagem anterior.

A riqueza das postagens com as quais diariamente o autor Pedro Gabriel disponibiliza em seus mais variados ambientes extrapola as expectativas de seus seguidores. É importante frisar que dessa riqueza fazem parte os vídeos produzidos pelo autor os quais optamos por não analisar na presente pesquisa em virtude de inserirem-se em outro campo de análise.

**IMAGEM 23:** Os cílios gigantes para esconder a sua timidez – Início e depois.



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada nos dias 14 de abril de 2012 e 30 de agosto de 2018.

Nas primeiras postagens de sua mídia social, o autor permite entrever o processo inicial de criação de seu personagem/sujeito poético chamado Antônio. Até chegar ao momento de existir vida, muitos sentimentos foram sendo construídos na solidão da noite. Segundo Pedro Gabriel, essa solidão incluía “não querer revelar se há alegria ou tristeza da minha expressão” (GABRIEL, 2016, p. 207) ou, em outros momentos, com amigos, de se fazer amado ou desnudar a sua arte para revelar seu personagem: “é preciso usar os olhos da imaginação, interagir com a inconsciência, dialogar com o inexplicável” (GABRIEL, 2016, p. 208). Por isso o olhar com longos cílios foi, durante um tempo, a marca registrada e constante de Antônio em seus poemas, imagem que explorava, inclusive, a própria ambiguidade de interpretação: são longos cílios ou é um longo choro? Assim, nesse

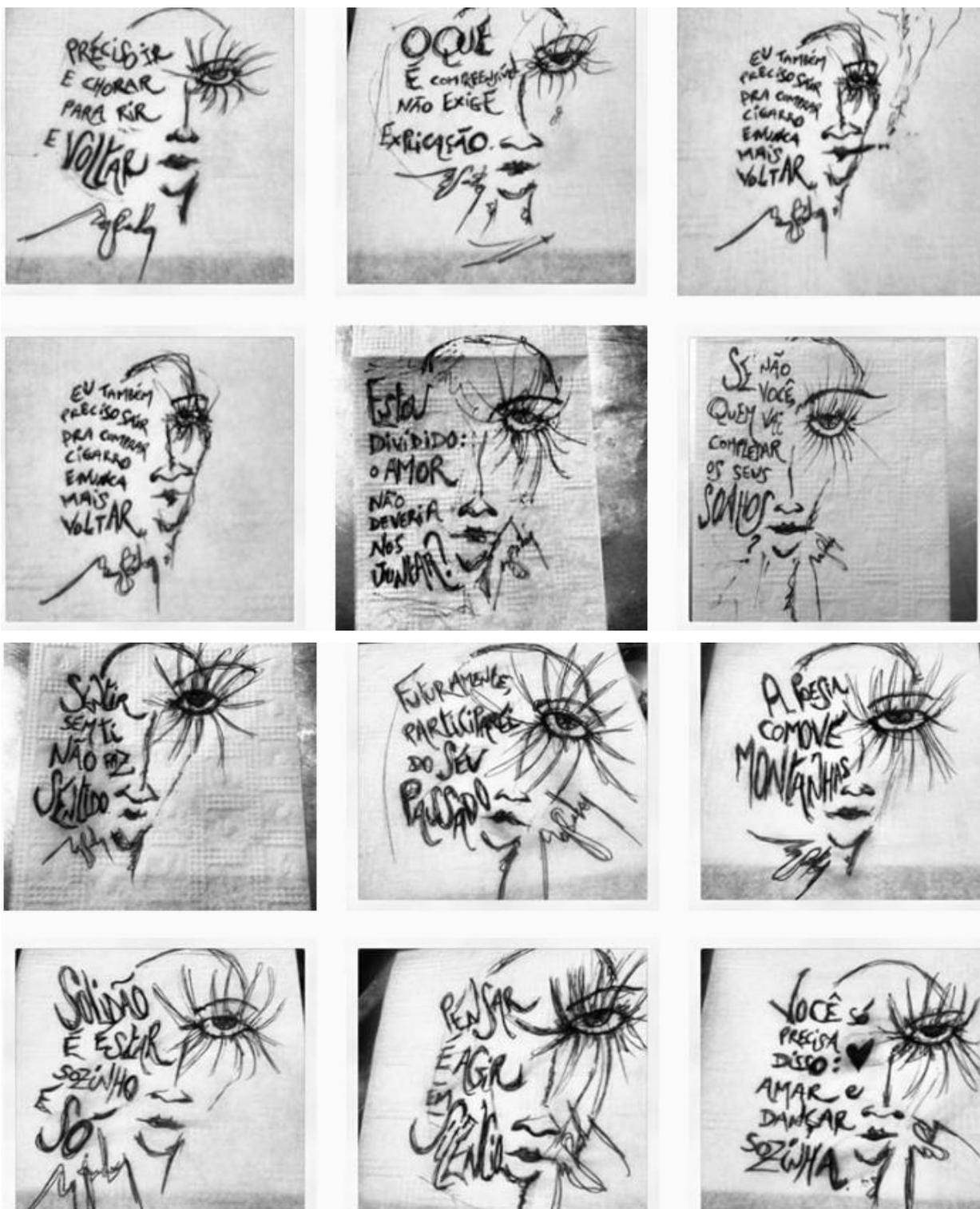
Começo, havia me desenhado de olhos fechados e cílios longos [...]. Só aceitei sair do esconderijo – o verso do guardanapo [...]. Talvez essa fosse uma forma poética (menos dolorida) [...]. Os cílios compridos são caminhos líricos que tentam alcançar o destino das minhas palavras [...]. As letras

mais confusas são palavras – ondas – que ainda não quebraram (GABRIEL, 2016, p. 207, grifo do autor).

Esse retrato da modernidade que passa pelas transformações do ciberespaço, tem criado assim a literatura, por meio de recursos próprios que geram laços e identidades entre seguidores, leitores e autores. Tais características são fundamentais para identificar a marca de um produto, seu personagem e conseqüentemente sua poesia. Segundo Marisa Lajolo (2018), são conceitos de literatura que correspondem ao contexto de produção de seu tempo, aos horizontes dos leitores, às práticas de leitura em vigor naquela época. A pesquisadora afirma, em seu livro **Literatura: ontem, hoje, amanhã**, “que literatura não tem apenas uma definição. [...] Há tanta gente pensando no assunto (aliás sempre houve) e tantas e tão diferentes são as respostas sugeridas que não dá para dizer que uma delas é correta e descartar todas as outras” (LAJOLO, 2018, p. 33-34, grifo da autora).

Bem como Lajolo afirma que “a literatura está sempre inovando, ganhando uma cara nova” (LAJOLO, 2018, p. 13), gradativamente Pedro Gabriel busca uma renovação estética, bem como a identidade de um personagem e vai transformando seu processo criativo. Algumas postagens vão ganhando certa representação, focalizando uma imagem de mulher, a descoberta de um olhar e a disposição textual, provocando o efeito de um quadro com a união dos guardanapos.

IMAGEM 24: Graphic Novel - O início



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 14 de julho de 2012.

Essa linguagem artística e poética, caracterizada por imagens e traços específicos, sistematiza de uma maneira geral o olhar de sua produção literária. Acompanhar a forma dinâmica de sua escrita e suas variações não ignora a riqueza

por meio da qual os seus textos são produzidos. Suas palavras alcançam horizontes inimagináveis e dividem com seus leitores a sua voz a partir de seu personagem/sujeito poético.

Eis o hibridismo ao qual nos referimos ao tentar buscar uma definição que abarque os movimentos vários empreendidos por Pedro Gabriel nas mídias as quais utiliza para compartilhar seus textos: versos, *graphic novels*, fotografias, desenhos, são alguns dos caminhos por ele explorados para formar/criar/escrever seus poemas:

Na poética, na estética, na ética prática intensifica-se a vontade de abrir. Abrir o verso, abrir o poema, abrir o livro, abrir o sentido, abrir a própria língua para novas experiências de tradução, de que poetas mais jovens saem à cata, sensor à mão. Uma ideia na cabeça, uma caneta-câmera na mão, nos desvãos da linguagem. Abrir a língua, também quando submetida ao ato poético, é campo de forças, arena de pulsões contraditórias, dialogando ou disputando espaço entre si, uma dinâmica cujos resultados pontuais configuram relações de hegemonia em cada instância de texto e/ou de assinatura (MORICONI, 2013, p. 82).

E, conforme ainda afirma Moriconi (2013), a forma do verso deixou de ser apenas acentos e métricas e passou a ser a distribuição tipográfica na página branca. Adicionalmente, e diante das imagens que aqui elencamos para ilustrar exemplos da poesia de Pedro Gabriel, diríamos que não apenas da página em branco (limitada *per se*), mas das infinitas possibilidades que os suportes digitais oferecem ao autor.

No entanto, com os recursos da informática, “os caracteres passam a ser impressos na tela à velocidade da luz. Se a criação é facilitada, essa agilidade também induz a um texto mais curto e de leitura mais rápida, com eventuais supressões de letras e expressões, dando origem a novos dialetos” (COSTA, 2005, p. 159). Com o advento da era midiática, tal efeito tem causado bastante interesse em leitores e estudiosos e que ainda carecem de estudos acadêmicos relevantes, sendo oportuno para novas configurações literárias contemporâneas, mas não explicam suficientemente como os dispositivos gráficos funcionam como parte do texto.

As novas formas de narrativas do autor em estudo partem muitas vezes do ambiente virtual criado pelos seus guardanapos e fotografados onde as possibilidades exploradas ganham os

recursos de hipertexto, combinando *design*, texto, foto, vídeo, arte, infográficos, animação, *slide shows*, áudio, *links*, facilitando a atualização e permitindo a interatividade por meio de *chats*, *blogs*, *quiz*, *polls*, *games*. Ao contrário da mídia tradicional, é possível conciliar formas lineares e não-lineares na narrativa multimídia. E atribuir ao mesmo indivíduo as funções de autor, editor, divulgador e distribuidor (COSTA, 2005, p. 159, grifos do autor).

Inclusive podemos destacar que a visualidade é uma característica de nosso tempo e as narrativas tomam forma e ganham uma variedade de possibilidades. Ainda mais “quando um novo meio, uma invenção tecnológica ou uma prática cultural emerge, em meio a sintomas de pânico ou euforia (normalmente ambos) sobre a visualidade” (MITCHELL, 2006, p. 11, grifo do autor).



Na conta pessoal do escritor Pedro Gabriel no *Instagram* é possível observar várias situações com essa visualidade ganhando uma pequena história em romance gráfico, com as miniaturas das postagens diárias, dispostos sequencialmente numa associação entre discurso e imagens dinamizando a evolução imagética do enredo.

Até aqui podemos perceber nitidamente os recursos utilizados pelo escritor Pedro Gabriel aos ambientes na Internet, e na representação anterior, reparamos uma combinação de imagens e palavras que se combinam para formar uma experiência de leitura para a nova realidade da literatura contemporânea. A escrita visual “é por si só um texto híbrido; uma combinação de dispositivos gráficos e escritos que fazem parte do argumento” (SADOKIERSKI, 2010, p. IX).

Nem autor nem editora estão sozinhos, pois a conexão pública e os ambientes que outrora eram apenas o jornal como referência, hoje se encontram em resenhas, *blogs*, *sites* de mídias sociais, revistas, os quais, inclusive, servem de retorno e demonstram intensa curiosidade a este fenômeno. Para tanto, a sua voz ecoa na intensidade em que comunica com seus seguidores um arranjo estético que se encontra no olhar do sujeito criado, cuja intenção reflete o alcance de suas experiências pessoais. Sendo assim:

Reconhecer que os outros existem tão plenamente quanto eu é ao mesmo tempo um ato de conhecimento (isso é verdadeiro) e um ato moral (isso é bom). A grande obra serve de testemunho do efeito moral necessário para o seu nascimento, ao mesmo tempo em que produz conhecimento. O horizonte do escritor não é a sinceridade, mas a verdade – um modo de fazer que privilegia o mundo em detrimento do si (TODOROV, 2012, p. 31, grifos do autor).

Ora, ainda é Moriconi (2013, p. 89, grifos do autor) quem afirma que “quem quiser escrever o capítulo sobre a poesia literária brasileira na virada dos séculos XX/XXI terá que necessariamente pesquisar nos *sites* e *blogs*”. Exatamente nessa ambiência é que se encontram poetas e leitores, fazendo com que a poesia abarque multiplicidade de características e mistura de estilos literários. É nessa capacidade de expansão que as inspirações poéticas criam movimentos artísticos e ganham conexões para expressar a sua arte. Na próxima subseção, poderemos esclarecer melhor como sua interpretação literária atinge o grande público.

## 2.2.2 Inspirações conectivas

No decorrer deste estudo em que apresentamos os caminhos percorridos pelo escritor Pedro Gabriel, observamos que sua capacidade abstrata e sua linguagem simbólica, possibilitam a seus leitores e seguidores uma riqueza cultural com uma vasta interpretação, da mesma forma que tal sensibilidade de expandir a arte literária os surpreende com momentos de grande imaginação. Sendo assim, suas conexões partem em grande medida do seu universo particular, bem como as origens com sua terra natal, seus objetos na estante e o seu escritor favorito, Paulo Leminski.

**IMAGEM 26:** Infinito particular do poeta



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 28 de fevereiro de 2012.

Nas reproduções em destaque, é possível observar a expressão do universo particular do poeta em seus momentos domiciliares. Em um primeiro contato com a produção do autor, é possível perceber que seus objetos e suas imagens, em geral, “tinham transparência que obviamente está ligado àquilo que é representado, ao referente real ou imaginário” (GAUDREULT; MARION, 2004 apud, DINIZ, 2012, p. 110). A literatura, segundo Ribeiro (2019), se relaciona com outras artes e, por meio desse diálogo, há “uma nova roupagem de elementos, que às vezes estão numa estante ou num filme, e de repente se tornam consumo. Não é mais só ir à biblioteca, ao cinema, ao teatro, mas você estar respirando isso tudo” (RIBEIRO,

2019)<sup>32</sup>. Nesse ponto de partida, seus objetos estabelecem conexões, têm sua própria lógica, marcam sua obra e proporcionam respostas à sua escrita e à criação de seu personagem.

Eu me chamo Antônio e é aqui que nascem todos os meus silêncios. Aqui, onde tudo gira, gira, gira, e se evapora calmamente feito a fumaça das mais belas lembranças. Aqui nesse meu mundo mudo onde girafas falam de amor, bailarinas beijam palhaços, marinheiros oram por um deus qualquer e poetas, ah poetas!, escrevem rimas bonitas em guardanapos imundos e mudos. Aqui gritos grudam no concreto à espera de afeto. Sonhos dormem na cama ao lado e esperam uma fina camada de realidade para ouvir a renúncia exata de cada palavra. Meu silêncio cresce entre quadros e paredes (GABRIEL, 2014, p.7).

Nesse processo criativo, observamos certa relação entre suas postagens e suas palavras, que têm início na estante de sua biblioteca e passam pelos livros e objetos que rodeiam as prateleiras, fazendo valer sua escrita de maneira criativa e singular. Os livros e objetos que Pedro Gabriel traz para seu público leitor (como memórias de um passado) fazem circular, com responsabilidade de testemunhar as suas experiências de vida, como forma de conservar sua história e avançar da atualidade ao futuro, criando uma relação mais pessoal e direta com seu público leitor que *voyer* passa também a ter acesso ao campo pessoal e íntimo que o circunda.

**IMAGEM 27:** Objetos na estante



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 02 de abril de 2012.

<sup>32</sup> Reportagem completa disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/05/como-literatura-se-relaciona-com-outras-artes>. Acesso em: 02 de mar de 2020.

Pedro Gabriel, em postagem do dia 24 de agosto de 2019 no *Facebook*, aponta que o livro de autoria de Paulo Leminski, **Toda poesia** (2013), “continua mais vivo do que nunca na minha estante, alimentando constantemente os meus novos espasmos criativos” (GABRIEL, 2019).

**IMAGEM 28:** Leminski



Fonte: *Instagram*, publicada em 04 de agosto de 2019.

As redes sociais ajudaram a popularizar a literatura e, segundo Malini (2014), “a rede se tornou um manancial de novos críticos, novos mediadores da literatura, por onde as obras da nova geração e dos autores ‘mortos’ ganham vida e sobrevivência” (MALINI, 2014, p. 7, grifo do autor). Isso significa também que “para os autores

mortos, eles têm um papel de reavivar um certo tipo de leitura que até então não se tinha”<sup>33</sup>. Percebendo esse poder de troca das redes sociais, como no caso de autores consagrados que já morreram, a exemplo do poeta Paulo Leminski, em recente pesquisa publicada, Celeste e Defilippo (2017) procuraram estabelecer diálogos entre a obra de Pedro Antônio Gabriel com alguns poemas de Paulo Leminski: “Os escritores possuem características de utilizarem as palavras de maneira leve e fluída, promovendo criativos jogos sonoros e visuais, também muito se assemelham no que concerne aos temas contemplados em seus poemas” (CELESTE; DEFILIPPO, 2017, p. 142).

**IMAGEM 29:** Poesias de Leminski e Pedro Antônio Gabriel



Fonte: Poesia do livro **Winterverno** (LEMINSKI, 2001, s/p) e poesia de Pedro Gabriel no **Segundo - Eu me chamo Antônio** (GABRIEL, 2014, p. 75-77).

À luz dessa reflexão, as pesquisadoras Aniceto e Nogueira (2019) entendem que o sujeito poético contemporâneo de Pedro Gabriel

Possui relação com o tempo, contudo tal relação não deve obrigatoriamente coincidir plenamente com sua época, pois ele é contemplado pelos preceitos de liberdade de expressão e de produção artística que afrontam o cânone e rompem com os paradigmas estéticos literários e culturais do passado sem, contudo, insistir numa renovação estética (ANICETO e NOGUEIRA, 2019, p. 56).

Em face dessa aceleração da modernidade, do capitalismo e da indústria cultural, cabe destacar que a literatura não está omissa a esse tempo e a poética na

<sup>33</sup> Matéria completa disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/redes-sociais-ajudam-a-popularizar-a-literatura/>. Acesso em: 18 mar. 2020.

contemporaneidade vem inclusive resgatar e atualizar a importância da trajetória de um passado recente, como é o caso do poeta Paulo Leminski, que mesmo com uma vida “breve e acidentada trouxe luz as fraturas de toda vanguarda pós-68” (BOSI, 2017, p. 522). Assim, Pedro Gabriel estabelece alguns diálogos com suas poesias e aponta os caminhos deixados por Leminski nessa inovação de uma escrita visual.

Em recente artigo publicado intitulado **De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel**: diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea, as pesquisadoras Celeste e Defilippo (2017, p. 138) apontam que “este dedicado olhar, permeado por paciência e sutileza, atribui aos artistas um caráter peculiar. E àqueles que se destacam e permanecem no mercado, transcendendo modas e demandas passageiras, cabe ainda um olhar mais atento”.

Essa multi percepção ajuda o leitor a pensar o texto poético e as publicações de suas mídias sociais e suas técnicas modernas de comunicação, nos quais, “a imagem [torna-se] um modo da presença que tende a suprir o contato direto e a manter, juntas, a realidade do objeto” (BOSI, 2000, p.19) inclusive levando os leitores “a acreditarem que também são capazes de criar e difundir arte assim como os artistas que apreciam” (CELESTE; DEFILIPPO, 2017, p. 139).

Ainda sobre essa caracterização de um novo tempo e segundo Perrone-Moysés (2016), as principais formas que a literatura contemporânea tem assumido são dependentes desse passado recente. Podemos dizer que o atual campo da poesia literária brasileira se encontra no campo da diversidade e pluralismo na convivência de diversas pulsões. Vários segmentos surgiram como uma nova linguagem literária, mas um ponto de partida para tal transformação, “o texto de Mallarmé *Um coup de dés jamais n’abolira le basard* (1897)” (BOSI, 2017, p. 510). Sem dúvidas, filósofos e literários pontuam Stéphane Mallarmé (1842-1898) como o principal marco de ruptura com a poesia pregressa. Seus poemas foram objetos de reflexão e o poeta

Inaugurou questões e possibilidades para a poesia, tão profundas, que ainda não plenamente decifradas pela crítica literária contemporânea. Precursor da poesia concreta, influência decisiva para os poetas futuristas e dadaístas, Mallarmé é, sobretudo, conhecido como um escritor cuja prosa e poesia primam pela musicalidade e experimentação gramatical (GAGLIANONE, 2015)<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Matéria completa disponível em: <https://obenedito.com.br/filosofos-e-literatos-que-pontuam-mallarme-como-o-principal-marco-de-ruptura-com-poesia-pregressa>. Acesso em: 29 ago. 2020.

Entender essa trajetória significa que ao “adentrarmos o novo século, novas ondas poéticas, desejos, vocabulários, tendências brotadas das anteriores emergiram, estenderam-se, consolidaram-se” (MORICONI, 2014, p. 82). Cabe perceber essa atividade e novas linguagens surgindo:

Depois de Mallarmé, o futurismo de Klebnikov, de Maiakóvski, de Marinetti, de Apollinaire, de Soffici, o imagismo de Ezra Pound, de Marianne Moore, a desintegração sintática-semântica de Joyce, de Gertrud Stein, de Cummings e, em língua portuguesa, [...] de Fernando Pessoa, de Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto, constituem a linhagem mais próxima a que se filia o projeto concretista (BOSI, 2017, p. 510).

Esses poemas comunicativos propõem uma estrutura verbo-visual, traçando “um olhar panorâmico, movido por vontade de ver abrangente, descrevendo/avaliando as cenas projetadas por poemas, obras em progresso, assinaturas. [...] torna-se inviável chegar ao sistema conclusivo” (MORICONI, 2014, p. 82). E assim, alguns modelos trabalhados ainda na visão de Moriconi, “vão além dos modelos trabalhados pelas chamadas gerações de 90 e 00, marcadas pela volta a formas fixas e por um certo desejo generalizado de formalização, depois do improviso casual típico da poesia marginal dos anos 70”.

Por isso, o atual presente permite vislumbrar utopias passadas renovadas de valores em vigência e de pensar nesses anos 10 do novo milênio. Nesse jogo, por outro lado, aprendemos a ver a literatura como um espelho que se intensifica com o tempo, concentrando-se ainda mais forte diante dos nossos olhos.

IMAGEM 30: Tarsilantônio



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 30 de março de 2020.

Alguns exemplos que remetem a essa história e às obras do passado se encontram na citação, reescritura, fragmentação, colagem e na metaliteratura. Na imagem anterior, é possível perceber um simulacro da famosa tela **Operários** de Tarsila do Amaral, que marca o Modernismo Brasileiro, considerado o melhor registro do período de industrialização (especialmente do Estado de São Paulo). Assim como Tarsila, Pedro Gabriel imortaliza nessa postagem as várias feições de seu personagem **Eu me chamo Antônio** e suas faces, substituindo a dos operários.

Em suas postagens no *Facebook*, é frequente que Pedro Gabriel cite, como na publicação de 24 de agosto de 2019:

Paulo Leminski, em mim, é para sempre. Quando leio seus livros me sinto livre. Sem as amarras acadêmicas. Sem as algemas métricas. Sem o rigor da poesia tradicional. Toda Poesia me acompanhou tantas vezes nas idas e vindas ao trabalho (GABRIEL, 2019).

Interessante notar que essas formas de narrativas, por imitação e intermédio de uma representação imagética – e no caso em que Pedro Gabriel, mostra sua admiração pelo trabalho de Paulo Leminski – estabelecem o efeito entre um texto literário e o horizonte que este se expande a tradição cultural, “como força ativa do passado categoria sempre em movimento que se constrói de forma dinâmica ao longo do tempo” (SOUZA, 2002, p. 86).

**IMAGEM 31:** Homem do pescoço gigante



Fonte: Postagens do *Instagram*. Publicadas em 09 e 13 de dezembro de 2019, respectivamente.

Além de referências aos escritores que significam muito para sua formação poética e, também, aos objetos na sua estante, talvez algumas de suas explicações remetam às suas lembranças da infância e isso é o que observamos em suas palavras, imagens e postagens. Muito delas vem de um princípio fundamental de sua linguagem poética, entretanto, essa analogia da lógica poética traz à luz uma fala inovadora de suas raízes. Por meio dessa forma de pensamento analógico, suas metáforas, histórias e *haikais* revelam uma visão global da sua existência, tanto

que em uma de suas postagens no *Instagram*, datada de 09 de dezembro de 2019, afirma que

Comecei a ler por causa de uma girafa! Desde pequeno, tenho uma relação poética (profética?) com este animal tão estranho quanto fascinante que, infelizmente, está ameaçado de extinção. Sempre contemplei este mamífero artiodátilo e ruminante, que muitos têm apenas a oportunidade de ver em zoológico ou em fotografia, com os olhos férteis da imaginação. Eu tive o privilégio de observá-las em liberdade no Parque Nacional de laundê, capital dos Camarões (África). Elas são realmente hipnotizantes! No reino dos animais, o leão pode até ser rei, mas a [#girafa](#) é poeta. Poeta é ser em extensão! Suas manchas são reservas de tinta que o pescoço – esse lápis amarelo e gigantesco – usa para rabiscar e viver com cabeça mergulhada nas nuvens: o mundo da inspiração. Sua língua – a ponta – aponta para as folhas dos galhos mais altos. Uma árvore é uma coletânea de poemas à espera da nossa sensibilidade. Suas folhas alimentam o mundo. A girafa, assim feito o poeta, se alimenta não só do que escreve, mas também no que escreve. Portanto, hoje, quando olho para uma girafa, eu revejo a minha infância. Ou seja, a minha origem. E é ali, na minha história embrionária, que eu busco a minha originalidade. Para mim, ser girafa é ser sensível. É o símbolo que representa a busca constante pela criatividade, pela palavra, pela imagem (GABRIEL, 2019, grifos do autor).

**IMAGEM 32:** As girafas e sua memória



Fonte: Postagens do *Instagram*.

Uma vez que essas conexões se mantem coesas com suas palavras e imagens, ele cria uma referência e se reinventa, de tal modo que sua identidade

ganha fôlego e assim transita por meio de mudanças no cotidiano de determinada época. Refletem suas histórias com a sociedade em geral e fazem com que os movimentos artísticos se alterem, com aspectos característicos de cada período.

### 2.3 AS MÍDIAS QUE CONVIDAM ÀS LEITURAS: UM LEITOR FORMANDO MAIS LEITORES

A rede social do autor possibilita um grande espaço de troca, pois além da sua produção poética, compartilha e sugere leituras, bem como propõe encontros com os leitores para debater literatura. O autor tem feito também a curadoria, como uma forma mais presente de divulgar obras literárias de vários artistas ou até selecionar as favoritas de sua própria estante. Conforme apontamos anteriormente, sua participação destaca-se não apenas no *Bux Club*, mas também no *site da Estante Virtual*.

**IMAGEM 33:** Dicas de leitura aos seus seguidores.



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 12 de agosto de 2012.

Estar conectado em um mundo globalizado como o da Internet fez com que Pedro Gabriel, por meio de seus canais sociais, estabelecesse uma relação mais próxima com seu leitor/seguidor. Nesse paradigma de leitura e de escrita poética que estamos vivendo no ambiente virtual, criou-se uma experiência na rede, a partir da qual os autores foram requisitados para a participação em entrevistas, feiras literárias, cursos, mesas redondas.

Para contextualizar, cabe aqui informar que no ano de 2020, durante o momento de pandemia em virtude do Coronavírus, Pedro Gabriel fez uma *live* passando dicas e recursos técnicos para aprimorar métodos de escrita e expandir as palavras. A *live* foi veiculada pelo recurso de *stories* do *Instagram*, em conjunto com a Heloísa Daou, integrante da equipe de *marketing* da Editora Intrínseca. A transmissão foi realizada no dia 07 de abril de 2020.

**IMAGEM 34:** *Live* Pedro Gabriel e Editora Intrínseca



Fonte: Postagem do *Instagram*, publicada dia 07 de abril de 2020.

O mundo digital tem criado técnicas de linguagem em suas narrativas e provoca em seus seguidores uma profunda reflexão. Diariamente, o autor publica em média até quatro vezes na mesma mídia social. Tais postagens de publicações ganham, em uma sequência macro, uma pequena história com uma temática sobre amor, solidão, saudade, liberdade, enfim, temas amplos com características híbridas e que se renovam culturalmente perante novos paradigmas estéticos. Tais desafios diários requerem do público seguidor/leitor um conhecimento prévio, cujo “significado do texto não está somente nas palavras que nele constam, tampouco na mente do autor, mas inegavelmente quanto à sua interação no ato de ler” (KRUG, 2016, p. 22). Para Chartier,

A textualidade eletrônica desafia a ordem do discurso. Um suporte – neste caso a tela do computador – confronta o leitor com vários tipos de textos, no mundo da cultura manuscrita e, por razão ainda maior, na cultura impressa, estavam distribuídos entre objetos distintos. Agora todos os textos o que quer que sejam, podem ser produzidos ou recebidos no mesmo suporte e numa forma usualmente escolhida pelo próprio leitor. Isso cria uma continuidade textual que não mais diferencia gêneros com base na sua inscrição material. [...] ler na tela do computador é geralmente uma leitura descontínua que usa palavras-chave ou pistas temáticas para encontrar os fragmentos desejados [...] e isso é feito sem que o operador necessariamente tenha qualquer conhecimento da identidade daquele fragmento ou de sua inerente coerência dentro da totalidade textual da qual ele é extraído (CHARTIER, 2014, p. 123-124).

Entretanto, a compreensão desse universo digital no qual estamos inseridos, “depende tanto da inteligência cuidadosa daquele que fala ou escreve como da inteligência criativa daquele que ouve ou lê” (MANGUEL, 2017, p. 13). Esse é um desafio particularmente marcado deste século XXI e cujos jovens promovem diante do computador. Há também a

Descoberta do mundo por meio da leitura e de sua exploração, à certa retirada do mundo e, por fim, à uma voracidade na leitura que, por vezes, o deixará inflado de palavras. A partir dessas referências, pode-se imaginar que a materialidade dos livros, das bibliotecas e livrarias cria objetos e códigos reconhecíveis de acordo com cada grupo de leitores. Assim, uma teia de conexões se estabelece entre pessoas que, amiúde, encontram nos textos o ponto de partida e encerramento de sua singular identificação (MANGUEL, 2017, p. 8).

Sem dúvidas o século XXI possibilitou, a partir da tecnologia, uma “incrível sucessão e simultaneidade de técnicas de comunicação e de reprodução [as quais] prometeram que encontraríamos textos e literatura nos mais variados suportes”

(LAJOLO, 2018, p. 150). Essa nova linguagem da Internet, não exclui os suportes anteriores, eles convivem e continuam existindo como é o caso do livro impresso.

Desse modo, uma destas técnicas utilizadas por Pedro Antônio Gabriel é explorar o recurso de ter ao invés de seu nome e sim uma marca em suas redes sociais e nos seus livros impressos; tal como pode ser visto na imagem a seguir. Trata-se de um logotipo, formado pela representação gráfica, em letras de traçado específico, fixo e característico (logomarca) e seu símbolo visual (figurativo ou emblemático) de forma estilizada, representado por um desenho ou ícone. Ele cria, assim, definitivamente, uma forma de divulgação de seu nome.

**IMAGEM 35:** Marca oficial



**Fonte:** Postagem do *Instagram*, publicada dia 03 de setembro de 2016.

E nessa sucessão criadora de comunicar, que inspira e expande a capacidade de enxergar uma fonte de reprodução técnica, levando para dentro da casa de seus leitores o que anteriormente era encontrado nos mais variados locais

públicos, a cidade moderna funciona como um gigantesco livro, coletivamente escrito e lido.

Essa capacidade de transformação da linguagem completou o homem. Segundo Marisa Lajolo (2018),

Nessa faculdade de simbolização, vem a possibilidade de conhecimento e de domínio. [...] Lendas e histórias que contam o poder mágico de certas palavras revivem o fascínio pela linguagem, a intuição do poder que ela nos confere (LAJOLO, 2018, p. 44).

Para a autora:

Talvez a literatura possa ser concebida no registro dessas suspeitas de identidade entre nome e coisa. [...] o homem vive e se move entre palavras, ora fortalecendo, ora atenuando o vínculo destes dois mundos: o original dos seres e o simbólico da linguagem (LAJOLO, 2018, p. 46).

O ponto de partida para que o escritor tivesse uma trajetória diferenciada no campo literário ocorreu de maneira espontânea no Café Bar Lamas, na cidade do Rio de Janeiro. Conforme o autor narra em diferentes entrevistas, o início se deu a partir de um dia chuvoso quando voltava para casa e resolveu parar no Café Lamas. O único objeto que tinha em mãos para escrever suas poesias era um simples guardanapo. Essa variada forma de linguagem e código que cruzou o seu caminho como uma brincadeira de bar, com amigos e garçons, ganhou, de certo modo, cores, frases com dizeres curtos e desenhos que traduziram aquele local, sua fonte de inspiração poética. Essa forma de fecundação literária marca, sem dúvida, a última década de produção literária:

De tal maneira que o olhar crítico histórico já não pode sequer pretender emitir conceitos totalizadores, na tentativa de fixar marcas, hierarquias, linhagens fechadas nos marcos bem estabelecidos de um quadro panorâmico, a servir de antessala para a consagração canônica pelas instituições de regulação da linguagem (MORICONI, 2014, p. 82).

Interessante notar que a perspectiva do criador tem refletido como tais dispositivos podem se estender aos suportes e às novas mídias, de tal forma que os espaços de interação com a literatura estão no ar livre, no metrô, nos postes e *outdoors*. A cidade moderna estimula o *flâneur* a se enovelar nas variadas linguagens que observa, da mesma forma que o resultado e criação do personagem,

torna uma característica que se faz presente na construção descritiva de seu trabalho literário. A interpretação de olhar surge como uma metáfora capaz de contribuir para uma literatura emergente, em que palavras, imagens e tipografia, amalgamam a compreensão diante de um valor cultural deixado para trás.

As primeiras publicações no *Instagram* foram mais casuais e, com o passar do tempo, suas ideias foram surgindo a medida em que a construção poética e estética foi cronologicamente evoluindo. Os caminhos percorridos por Pedro Gabriel, desenhando sua trajetória, foram desenvolvidos em grande parte mantendo o contato constante com seus leitores e extrapolando esse contato para além do uso das redes sociais.

Os dois primeiros livros são uma compilação dos textos disponibilizados em suas mídias sociais, nos quais a maioria de suas páginas são seleções de postagens de seus tradicionais guardanapos. O segundo livro difere um pouco do primeiro, pois existe um miniconto espalhado nas páginas do livro. A partir das postagens do *Instagram*, ao reproduzi-las de forma impressa, o autor cria uma nova narrativa. Já o terceiro, de forma mais inédita, traz imagens e poemas explorados em *graphic novels* com prosa, formando uma trilogia de um pré-romance, mantendo o lado visual do escritor que é a marca tradicional de sucesso com seus seguidores/leitores.

Com um espaço significativamente grande desde a última publicação, atualmente a editora ainda não dá indícios de que lançará um novo livro do autor. Isso nos coloca diante de um questionamento que será retomado mais adiante: o mercado estaria saturado do estilo de poemas por ele inaugurado ou o escritor pretende traçar outros caminhos?<sup>35</sup>. Tais questionamentos a respeito da vendagem de seus livros apenas o autor ou a editora poderiam responder em uma análise mais profunda. Afinal, por que houve a queda de vendagem, ainda que 12.596 mil exemplares seja um número alto para os parâmetros editoriais do mercado brasileiro? A esse respeito, Pedro Gabriel faz um *mea culpa* no *blog* da Editora Intrínseca, publicado no dia 27 de dezembro de 2016:

Queridos leitores, queridas leitoras, tudo em paz com vocês? Aproveitei estas últimas semanas de 2016 para fazer alguns testes nas minhas redes

---

<sup>35</sup> Cabe destacar que desde o início da escrita da presente dissertação o autor perdeu seguidores em todas as suas mídias. No *Instagram*, por exemplo, em 2018 contava com 560 mil seguidores, no momento de finalização deste texto (outubro de 2020), o número reduziu a 499 mil.

sociais, principalmente no *Instagram* e no *Facebook*. Por isso, muitas publicações ficaram sem ordem, meio desorganizadas — uma verdadeira bagunça, admito. Mas uma bagunça necessária. Precisei pisar em vários atalhos até encontrar o caminho que mais me agradava. Acho que finalmente encontrei uma trilha bacana para me renovar sem perder minha essência. Acho que finalmente consegui programar meu GPS criativo para essa nova estrada que começará a ser percorrida em 2017<sup>36</sup> (GABRIEL, 2016).

Seguindo essa linha de raciocínio comentada por Pedro Gabriel, conseguimos enxergar que sua trajetória nas mídias sociais realmente ganha mais força exatamente na época em que ele faz essa afirmação.

Paralelamente ao lançamento de seus livros, o autor segue reunindo mais de um milhão de seguidores em todas as mídias e, independente do interesse da editora, já anunciou para seu público a escrita de um quarto livro. Na postagem, convidou os interessados para acompanharem os bastidores da criação do que chamou de “futura obra literária”. Além disso, prometeu enviar um relato via *e-mail* sobre o avanço do processo de concepção do **Eu me chamo Antônio 4**, em publicação de 26 de agosto de 2019, no *Facebook*. Na postagem feita no dia 17 de setembro de 2019, compartilha a seguinte mensagem:

Pessoal, estou reconstruindo meu *blog*, meu *site*, minha vida (risos!). Dentre essas obras, quero dividir com vocês os bastidores de criação do meu novo livro (ainda sem data para ser publicado). Quem quiser receber essas novidades, me manda um e-mail para eumechamoantonio@gmail.com (colocar no assunto: Notícias do quarto). A ideia é começar em novembro e enviar conteúdo quinzenalmente. Se você já me enviou e-mail, desconsidere essa informação que seu contato já foi salvo na minha lista! No meu coração, seu nome faz parte desde 2011 (GABRIEL, 2019, grifos do autor).

A era digital, acelerada, embala uma leitura de livro e/ou até mesmo desenvolve uma escrita, e requer concentração à escrita de uma nova história a ser contada, exigindo dos escritores a entrada em ritual sagrado. São muitas variáveis a serem pensadas e cujo enredo deve ser planejado não somente nas histórias que falam sobre nós, mas também temas que se alinham com nosso cotidiano. Temos observado que o designer dos livros já publicados de Pedro Gabriel possui uma preocupação com a estética, o tipo de folha, o cheiro, a capa, a lombada, a orelha, os enfeites, bordas coloridas, páginas que se comunicam lado a lado ou até de

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/12/uma-estrada-chamada-2017-ou-eu-me-chamo-2017>. Acesso em: 26 fev. 2020.

início, meio e fim de livro. Esse conjunto de elementos que emolduram, paratextos, tipografia, título da obra; são extremamente necessário para que um conteúdo originado na mente do autor possa se materializar para as mãos dos leitores.

**IMAGEM 36:** Tópicos de um roteiro



Fonte: Postagem do *Instagram* publicada dia 26 de agosto de 2019.

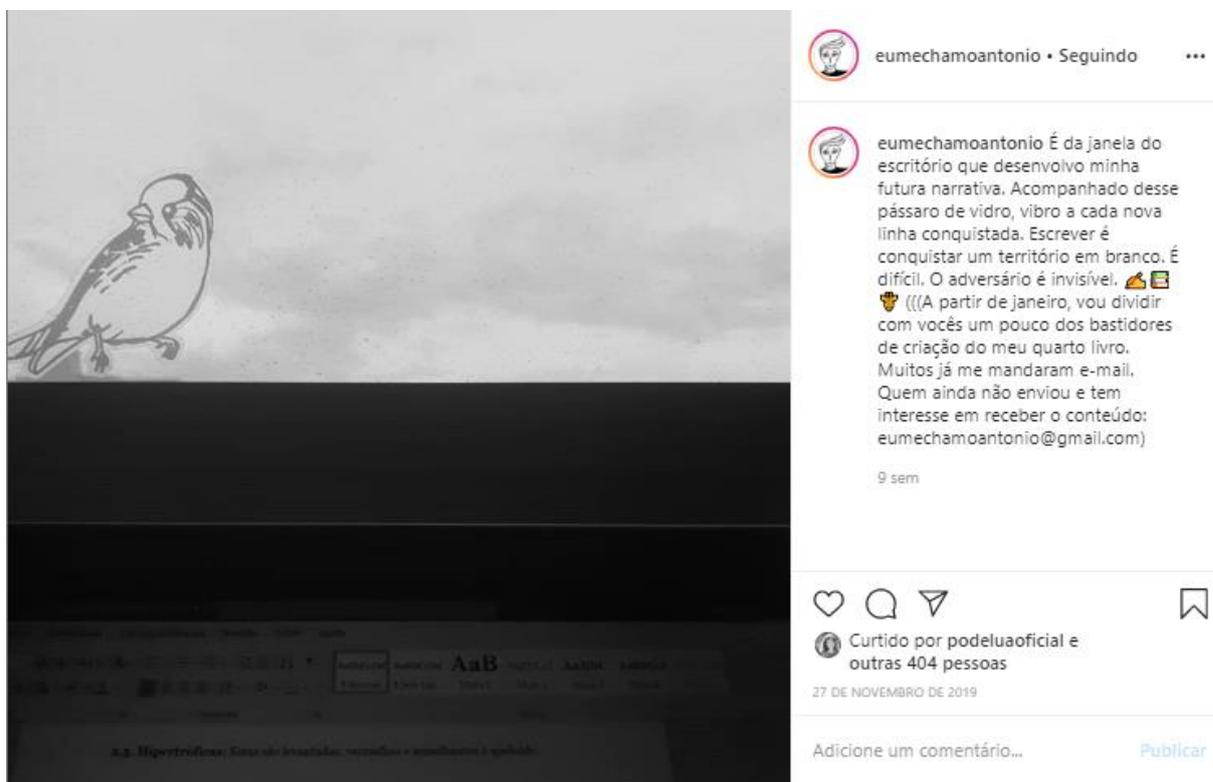
O longo período sem escrita pelo qual passam os escritores integra o processo de criação. É denominado por T. S. Eliot como “preguiça receptiva ou receptividade preguiçosa” (ELIOT, 1951 apud CICERO, 2017, p. 25). De fato, a Internet tem diminuído o tempo livre das pessoas e grande parte das tarefas diárias produtivas e administrativas na verdade parecem ter encolhido muito.

Diante dessa ociosidade, em *post* datado de 27 de novembro de 2019, em sua página do *Instagram*, o autor reconhece a

Janela do escritório [...] sua futura narrativa, fugindo da janela do computador, acompanhado desse pássaro de vidro [imagem 39], vibro a cada nova linha conquistada. Escrever é conquistar um território em branco. É difícil. O adversário é invisível (GABRIEL, 2019).

Pela janela de seu escritório, o processo criativo vai ganhando forma e levanta para nós, leitores, expectativas para tornar seu trabalho inteligível. Enquanto espera que novas histórias sejam contadas, o poder de imaginação gera ideias e expressões.

**IMAGEM 37:** A vista pela janela



**Fonte:** Postagem do *Instagram* publicada dia 27 de novembro de 2019.

Antes de ser escritor, o autor também é um leitor. Nesse processo criativo, em que as palavras se tornam imprecisas, esse ato de adquirir novas experiências passa pela abrangência de leituras, de modo que é importante para o surgimento de novas histórias e escritas. É preciso saber diferenciar os diversos tipos de leitores, como definiu Manguel (2017):

Hoje o leitor na torre de marfim tornou-se emblemático de ainda uma outra posição. Numa época em que os valores de nossa sociedade apresentados como desejáveis são os da velocidade e da brevidade, o lento, intenso e reflexivo processo de leitura é visto como ineficiente e antiquado (MANGUEL, 2017, p. 104).

O ato de escrever poemas, textos, contos, ou qualquer outro gênero literário que será priorizado pelo autor, irá caracterizar, de certa forma, a continuidade da história que o artista vem construindo junto aos seus leitores ao longo de seus três livros em uma inovação literária renovadora. O lançamento do quarto livro de Pedro Gabriel vem criando muita expectativa quanto ao conteúdo e à temática que irá desenvolver, pois ele já conquistou um público fiel e seguidor. Naturalmente, o longo período de inércia do poeta, assim como o afastamento momentâneo entre a obra e o seu público, gera um vazio compreensivo no qual tal diálogo é momentaneamente rompido pelo poder criativo, vazio este que é parcialmente preenchido por sua presença diária nas mídias e seus diálogos com os seguidores/leitores, promovendo, então, uma via de mão dupla: mantém o mercado vivo à espera de uma publicação e permite que o autor, tendo alçado um sucesso ímpar no mercado editorial já no primeiro lançamento, mantenha-se, também, criativo e ativo.

Entretanto, pelo fato desse contato ser tão próximo com seus seguidores, o autor tem postado constantemente em suas mídias sociais sobre o possível quarto livro, gerando um *marketing* que seja capaz de estimular os leitores a desejar/comprar o livro que será futuramente lançado. Ou, ainda, serve de termômetro para autor/editora verificarem se haverá recepção dessa nova publicação – “Isso talvez aconteça quando a organicidade das coisas cede lugar à abstração, quando a razão sensível se transforma em racionalismo abstrato. Isso acontece quando não se sabe mais perceber a inefável fecundidade própria da lei do silêncio” (MAFFESOLI, 2019, p. 21).

Essa nova geração poética tem se adaptado à caracterização de uma lógica, capaz de transformar o próprio tempo e o espaço. Aliás, o uso das tecnologias tem tornado o escritor contemporâneo um reinventor de novos desafios, basta ver o quanto as próprias mídias digitais de Pedro Gabriel estão se transformando desde as primeiras publicações. Diante desse momento, o pesquisador Marin (2019) coloca no centro da nova galáxia a formação do narrador eletrônico, cujo confronto entre as duas galáxias

evidenciou que a passagem da primeira para a segunda, apresentava, como variável determinante, a mudança na caracterização do tempo, passando-se da conhecida cronologia para a dimensão do tempo real que substitui a sequencialidade pelo presente que elimina o passado e o futuro, limitando-os ao presente que, a rigor, passa a transformar o próprio conceito de tempo. Nessa mudança, a mídia social passa a patrocinar outro narrador, agora auto-referente que fala para ouvir-se, enquanto a narrativa se transforma em simples postagem cifrada na sua extensão e nos seus estereótipos vocabulares (MARIN, 2019, p. 7,8).

Levar em consideração essa visão esquemática que surge do planejamento de criação de uma obra literária e um novo tipo de narrador das redes sociais gera fatores de *feedback* para a construção de um lançamento literário, ainda que ele esteja oculto. Podemos relacionar o simples fato de que surge, daí, uma quantidade destacada de *likes* em razão de suas publicações, grande número de compartilhamentos, sugestões e troca de ideias entre os seguidores, por exemplo. Pode surgir, com esse diálogo, a solicitação de um novo personagem ou a manutenção de Antônio como o seu personagem protagonista.

A era da galáxia digital eletrônica é, sem dúvidas, a nova face, a nova cara do cotidiano das pessoas. Conceituar tais transformações da cultura oral e manuscrita da Antiguidade e da Idade Média, e, sobretudo, com a chegada do ambiente virtual “*on line e real time*, a expectativa de uma total e completa sincronia entre meios de mensagens e audiência atinge novos patamares” (MARIN, 2019, p. 9).

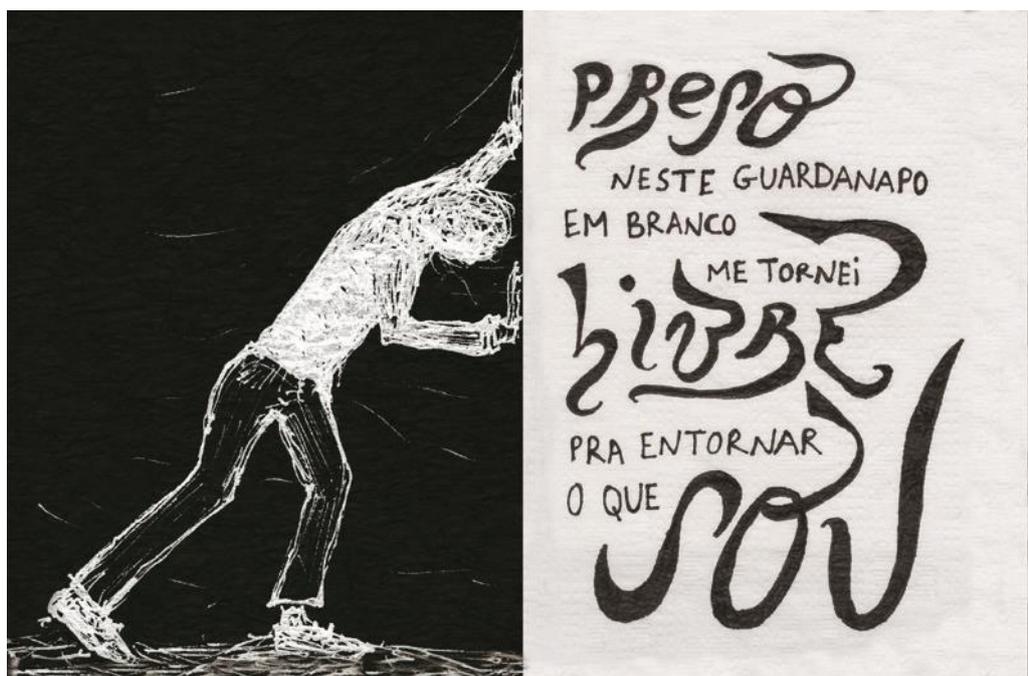
**IMAGEM 38:** Galáxia poética



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 92-93).

A literatura contemporânea está em constante mutação e, segundo Lajolo (2018), perpassa e se aventura pela poesia e prosa, por textos épicos e líricos, pelo popular e pelo erudito, pelo texto escrito e pela literatura cantada, perfazem territórios no seu espaço e tempo. Percorrer um caminho neste momento no qual nos encontramos, deixa claro como a Literatura na nova era da galáxia digital eletrônica vem dialogando, inovando e ganhando cara nova; refletindo a passagem de um tempo em que as palavras ganham liberdade que entusiasma o poeta e inspira, por conseguinte, o leitor.

**IMAGEM 39:** Liberdade de expressão



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 10-11).

Na próxima seção, vamos explorar os livros do autor Pedro Antônio Gabriel. Com a discussão empreendida, pretendemos esclarecer os efeitos dos caminhos trilhados nos canais da Internet com o espaço poético por ele ocupado na contemporaneidade, em especial quando conquista os livros impressos, pretendendo, assim, analisar os efeitos dessa conexão e como isso interferiu na produção literária da poesia contemporânea brasileira.

### 3 OS LIVROS DE PEDRO ANTÔNIO GABRIEL

Apresentamos, ao longo destas páginas iniciais, o caminho percorrido por Pedro Antônio Gabriel até chegar à publicação de seus três livros impressos. Paralelamente, analisamos seus movimentos no espaço virtual percorrendo suas mídias, assim como sua interação com o público (leitor/seguidor). Cabe ressaltar que o mercado editorial nessa última década estimulou a literatura nacional em busca de novos talentos nas redes sociais. O critério de edição dependia única e exclusivamente de interesses de um não muito seletivo grupo editorial que determinava quem seria o escolhido ou a escolhida da vez para ingressar no mundo literário<sup>37</sup>.

Grande parcela dessa inquietação de editores estava justamente na dificuldade em que se encontravam devido ao fechamento de algumas livrarias no mercado nacional. Ao lamentar em seu *blog*<sup>38</sup> os dias mais difíceis para os livros no Brasil, o presidente do Grupo Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, escreveu em novembro de 2018 que “as editoras ficaram sem 40% ou mais dos seus recebimentos” (SCHWARCZ, 2018) por conta da crise nas redes de livrarias. O setor busca se adequar à nova realidade e reinventar: é uma necessidade recorrente sobreviver aos novos tempos. Entre as editoras, existe a tendência da concentração, para que as empresas possam ganhar com as vendas de muitos títulos, agregadas, produzindo alguma receita. Aumenta-se, assim, a importância da publicação digital, ou da autopublicação, que deixa de ser a alternativa de quem foi rejeitado pelas editoras, para aos poucos tomar o lugar do *mainstream*.

Em matéria publicada no site da *Publishnews*<sup>39</sup>, intitulada **O pensamento para os novos tempos do livro**, Thales Guaracy afirma que existe um possível recomeço para o mercado editorial. Ele conclui que

em vez de perder com a crise do mercado editorial e do livro impresso, a literatura ganha força inaudita com o advento da Internet. Ela permite que hoje qualquer um escreva em qualquer lugar do mundo - e seja lido. Como

<sup>37</sup> Isso porque as editoras passaram a priorizar o engajamento dos autores na Internet, e o número de seguidores tornou-se moeda principal para definir quem ou o que deveria ser publicado. A este respeito, Celeste e Defilippo (2017) discutem com mais profundidade em seu texto, anteriormente citado.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Cartas-de-amor-aos-livros>. Acesso em: 01 mar. 2020.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/11/06/a-queda-das-livrarias-e-o-futuro-do-livro-e-da-literatura>. Acesso em: 01 mar. 2020.

atividade profissional, isso exige também uma adaptação aos novos tempos: a formação de redes de leitores e o uso de mecanismos de venda também virtuais. Mas isso não é o fim da literatura ou do livro. É, pelo contrário, sua renovação mais impactante desde Gutenberg (GUARACY, 2018, s/p).

A necessidade de escrever tem mudado o modo de enxergar a percepção dos leitores, bem como aberto os olhos das editoras, visto que a maioria dos jovens escritores tem feito da Internet um ambiente de divulgação literária. Para entender essa nova era, é preciso perceber que a Internet tem criado possibilidades para publicações, pois é no cotidiano que se constrói uma narrativa, criando, assim identidade pessoal nas redes sociais, visto que as publicações postadas por escritores que utilizam diariamente as mídias sociais constituem uma história cronológica e cotidiana. A pesquisadora Goldstein (2014) propõe que as novas interfaces de leitura, escrita e as plataformas digitais servem para

refletir sobre livro e leitura no século XXI, é preciso levar em conta novos aspectos e dimensões, que vão além das publicações em papel, das bibliotecas e livrarias físicas. Por outro lado, não se pode desconsiderar a experiência anterior, os cânones e as convenções que as novas práticas e os novos suportes desafiam (GOLDSTEIN, 2014, p. 9).

Pedro Gabriel é o autor que deu forma e visibilidade a essas criações ao iniciar a página **Eu me chamo Antônio** no *Facebook* e no *Instagram*; de certa forma, encerra uma espécie de trilogia com um pré-romance. A prosa está mais presente e as ilustrações dialogam constantemente com as palavras desenhadas em cada página. Com sua última publicação, o autor dá um passo em direção à promessa do romance. **Ilustre poesia** marca uma ruptura. É uma narrativa que se distancia dos dois primeiros livros, mas que mantém um forte elo criativo com o universo do personagem Antônio. Afinal, como o próprio autor afirma, Antônio é um personagem de um romance que está sendo escrito, vivido. A este respeito, o autor comenta em seu post no *Facebook*, em 01 de dezembro de 2018. Já em entrevista concedida ao repórter Pedro Martins, do jornal britânico *The Guardian*, realizada no dia 29 de junho de 2016, o autor faz uma apresentação de sua trilogia:

o primeiro livro é inteiro feito de guardanapos fotografados, e nele fica bem claro que Antônio é um boêmio. Há até uma linguagem de bar, alguns trocadilhos. No segundo, já existem alguns parágrafos isolados, tímidos, e algumas ilustrações, como se Antônio tivesse saído dos bares e entrado no mundo dos sonhos. No terceiro, haverá um casamento muito forte entre o

guardanapo e a prosa, com textos maiores. Antônio é um personagem de um romance que está sendo escrito e vivido. Minha ideia é que esses três livros formem uma espécie de trilogia de um pré-romance, mantendo o lado visual, claro, que é minha marca. Talvez uma mistura de *graphic novel* com prosa, continua o autor<sup>40</sup> (GABRIEL, 2016, s/p).

Grande parte das produções literárias realizadas pelo autor, conforme já destacado nesta pesquisa, alcança os seus leitores com uma espécie de função social, onde o livro se aproxima do texto obtendo mais fluidez. Exatamente pelo simples fato de que

há sempre espaço para que a atenção do leitor se mova entre palavras e imagens de uma forma diferente cada vez, para que o leitor construa possibilidades fluidas e plurais a partir do que parece à primeira vista ser um texto singular. A página é ainda, um ponto fixo de referência, mas a polissemia dos sistemas de contar histórias abrem novos espaços (MACKEY e McCLAY, 2000 apud SADOKIERSKI, 2010 p. 216).

Essa nova oralidade dos conteúdos postados nas redes sociais vem alterando certa lógica, contribuindo para que nos estudos literários possamos refletir acerca da possibilidade do surgimento de um novo gênero literário. Conforme afirma Llosa (2013):

a cultura pode e deve ser também, experimentação, é claro, desde que as novas técnicas e formas introduzidas pela obra ampliem o horizonte da experiência da vida, revelando seus segredos mais ocultos ou expondo-nos a valores estéticos inéditos que revolucionem nossa sensibilidade e nos deem uma visão mais sutil e nova desse abismo sem fundo que é a condição humana (LLOSA, 2013, p. 67).

Essa pluralidade que Pedro Antônio Gabriel produz em suas publicações e transporta para o livro impresso, segundo explica Santos, faz com que observemos o texto literário como algo que

nunca saberia permanecer idêntico a si próprio, já que sua objetividade não se confunde com uma materialidade que na tradição impressa se assenta no livro. Assim, se este é linear (nem todos os livros, mas aceite-se a simplificação em nome da imensa maioria), se o livro é então limitado e estável, o mesmo não pode ser dito do texto, qualquer que seja ele, sobretudo o literário. O que ocorre com a mudança da base material, da página impressa para o meio eletrônico, é que, em certo sentido, o livro se aproxima do texto, ele se deixa contaminar pela fluidez, por determinada imprevisibilidade, pela não-linearidade que foram, sempre, as do próprio texto. Aquilo que no texto é intertextualidade, no livro eletrônico encontra

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/06/o-brilho-de-escrever-poesia-em-guardanapos>. Acesso em: 01 mar. 2020.

correspondência na pluralidade de percursos e na heterogeneidade de materiais (associações de matéria verbal, imagens, sons etc.) (SANTOS, 2003, p. 22, grifos do autor).

Sendo assim, o grande desafio da editora foi transformar essa nova tendência literária, com desenhos, fotos, caligrafia, frases e poesia fragmentada, em um livro impresso, de modo que pudessem revelar para seus leitores os mais profundos sentimentos e pensamentos. Tanto é que Helena Bernardi (2007) irá afirmar que Pedro Gabriel

reúne poesias escritas, na noite, em guardanapos de botequim, que foram postadas nas redes sociais e, posteriormente, dado o sucesso na recepção, publicadas em livro. Nesse sentido, cabe refletir que tal fenômeno não se resume a um fato de mercado, um produto lançado mediante a certeza de seu sucesso pela aprovação prévia de uma potencial rede de consumidores. Interessa perceber que o sistema literário foi subvertido, ao avalizar-se uma produção literária por meio de uma avaliação que não se enquadra nas tradicionais instâncias críticas, autorizadas pela academia e pelos veículos especializados de imprensa (BERNARDI, 2017, p. 13).

Nos tempos de hoje, é necessário inovar para se apresentar uma literatura, uma música, uma arte; não se querem mais regras para definir um manual de estilo. Romper a tradição do passado visa considerar a inseparável arte de pensar, o que equivale a dizer que é necessária uma arte de escrever, importando, porém, que seja larga e apropriada aos tempos, desembaraçada de quaisquer sutilezas e inutilidades, reduzida ao essencial.

Atualmente, entender a literatura é abrir-se para as possibilidades e reconhecer as conexões existentes entre grupos de leitores, ainda mais porque vivemos na era digital, dos hipertextos<sup>41</sup>, da interatividade, da computação gráfica. Somos levados a identificar o que a literatura poderá vir a ser amanhã ou depois. As inovações culturais têm ocorrido, visto que a literatura está sempre inovando e ganhando cara nova. Nesse “universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo” (CALVINO, 1990, p. 19-20).

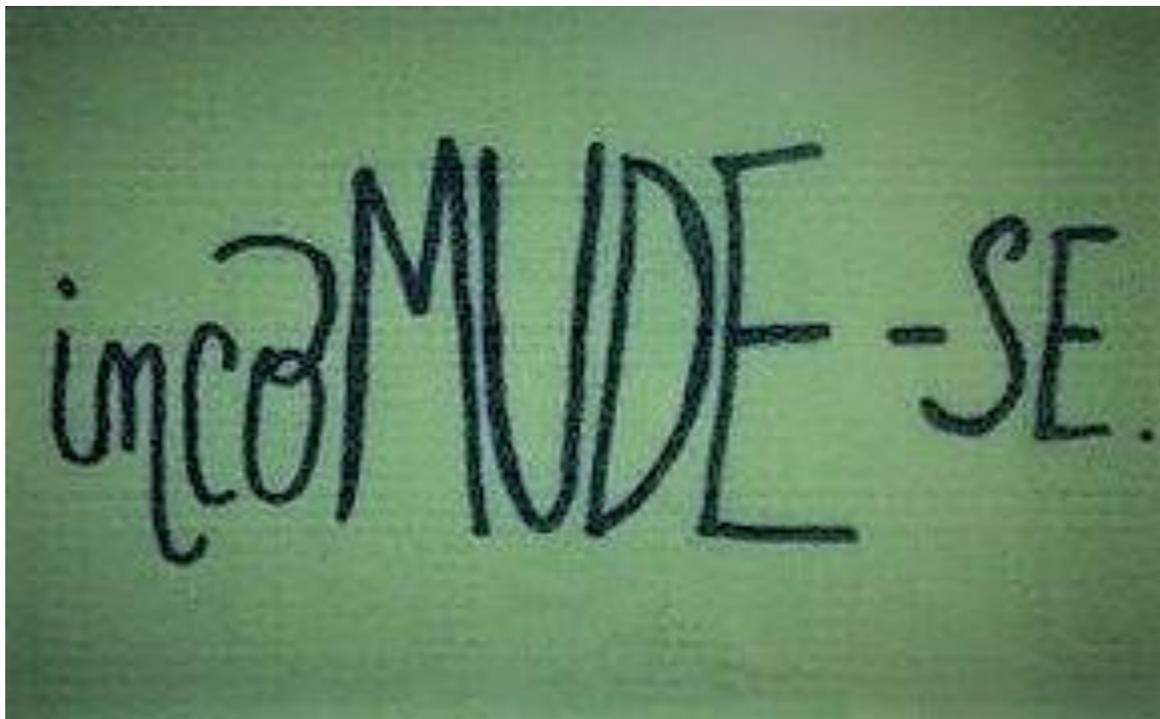
Talvez o poema **incoMUDE-se** (imagem a seguir) parta do princípio de que as pessoas estão incomodadas; na busca constante pela mudança que vivenciam

---

<sup>41</sup> Hipertexto, termo criado em 1965 pelo sociólogo estadunidense Ted Nelson, indica textos verbais em formato digital que estimulam uma escrita e leitura não lineares por meio da ligação de um corpo de texto a outros conjuntos de informação textual escrita, o acesso às quais se produz por meio de referências específicas chamadas hiperlinks.

nestes novos tempos. Da mesma forma que um poema como esse significa, em muitos casos, alterar o ritmo da leitura, fazendo o leitor refletir e acelerar a passagem de uma para outra cena.

**IMAGEM 40:** Construindo Alicerces



Fonte: Postagem do *Facebook* de Pedro Gabriel, publicado em 07 de abril de 2013.

Entender todo esse processo por meio do qual a literatura vem passando com o advento da Internet, tem proporcionado uma nova rede de leitores; os leitores dos ambientes virtuais. Inclusive, “as formas de leitura continuam atravessando processos de redefinição. A relação entre leitor e leitura acompanhou inúmeras transformações ao longo da existência do ser humano” (KRUG, 2016, p. 20). A utilização de uma única palavra, nesse poema, é suficiente para representar o centro reflexivo desse processo renovador que é o incômodo de mudar. Isso confere à palavra uma poderosa ação comunicativa. Suas palavras são compreendidas e dialogam com os seus seguidores nesse ambiente digital, lado a lado também com os livros impressos.

As mutações atuais impõem aos autores e leitores desafios para a escrita e leitura na textualidade digital. Ler e escrever significa atravessar fronteiras em constantes movimentos de ir e vir sempre desbravando escolhas. Romper as ações tradicionais proporciona caminhos criativos que possibilitam novas experiências

acerca de inovação da linguagem. Poucos são os estudos sobre criatividade, mas, apesar disso, “não é difícil concluir que o número existente de teorias, conceitos, definições e técnicas que asseguram desenvolver a criatividade pouco tem contribuído para sua melhor compreensão” (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 34). As pesquisadoras concluem, ainda, que são potenciais de emergências, pois os fenômenos são de natureza complexa e transdisciplinar.

Podemos considerar que o diferencial desse caminho poético que Pedro Gabriel desenvolve está relacionado com as técnicas utilizadas, caracterizando medidas que atingem em cheio o seu público seguidor e leitor. Não há outro caminho, senão o de estimular

o efeito especial do estranhamento que precisamos provocar no estudo de fenômenos como a criatividade [...]. É preciso que se transponha para a criatividade a sensação de um fenômeno que deve ser abordado como visão e não como reconhecimento. Somente assim se tornará possível resgatar-lhe o caráter de singularização, próprio dos objetos complexos (RIBEIRO; MORAES, 2014, p. 35).

Essa diversidade da linguagem poética é capaz de conferir ao poeta e seus três livros uma “classificação em que se transforma em um catálogo infinito” (PAZ, 2012, p. 23). Cada obra tem uma vida própria: novas técnicas são exploradas, o autor adquire seu estilo, com inovação na utilização de cores, metáforas, imagens e outras transmutações, de modo que

ao romper a conexão anterior entre textos e objetos, e entre discursos e sua forma material, a revolução digital introduziu uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos com a palavra escrita. Apesar da inércia de um vocabulário que tenta domar a novidade designando-lhe palavras familiares, os fragmentos de textos aparecem na tela do nosso computador não são páginas, mas composições singulares e efêmeras (CHARTIER, 2014, p. 22).

É interessante notar que o sonho da Internet se fez no Vale do Silício, caracterizando a região como rica na reinvenção, inovação e viabilização de novas ideias. Esse espaço democrático que a Internet proporciona aos usuários é capaz de produzir amadores e talentos, embora essas *expertises*, maestria e experiência existam em qualquer campo do conhecimento. Sendo assim, Keen afirma que “descobrir e cultivar o verdadeiro talento num mar de amadores talvez seja o real desafio no mundo da *Web 2.0* de hoje” (KEEN, 2009, p. 32). Ainda na visão de Chris

Anderson, autor do livro **A cauda longa** (2006), citado por Keen, “sem o cultivo do talento, realmente não haverá mais sucessos, pois, o talento que os cria nunca é alimentado ou consegue oportunidade de brilhar” (ANDERSON, 2006 apud KEEN, 2009, p. 32).

Tal como rompe as tradições para uma nova literatura que foge das regras e dos estilos no meio impresso, a literatura eletrônica tem desafiado, da mesma forma, esse pensar, além de um novo horizonte literário para o século XXI por meio da utilização dos recursos disponibilizados pelas novas tecnologias. Ainda que de modo experimental, a literatura eletrônica figura-se como espécie de continuidade da literatura impressa. Tendo em face que as fronteiras ainda estejam criando os seus conceitos, principalmente pelo impacto de suas limitações, a literatura no século XXI é computacional, e não temos dúvidas de que

quase todos os livros impressos são arquivos digitais antes de se tornarem livros. Essa é a forma em que as obras são escritas, editadas, compostas e enviadas às máquinas computadorizadas que as produzirão livros. Elas devem, então, ser propriamente consideradas textos eletrônicos para os quais a forma impressa é o produto final (HAYLES, 2009, p. 61).

Quando pensamos em inovação, imaginamos as questões ligadas às tecnologias. Nesse caso, as novas tecnologias ligadas à literatura requerem das editoras uma visão renovadora que constitui base para o seu crescimento. Tais progressos se relacionam com o estilo de vida para a melhoria da qualidade de vida e novos conhecimentos. A inovação existe na classe artística e mesmo se ela não existir nas empresas, esse trabalho integrado é crucial como ferramenta para melhor atingir os objetivos de modernização e contemporaneidade de uma empresa.

É possível observar que a Editora Intrínseca, responsável pela publicação dos três livros de Pedro Antônio Gabriel, foi capaz de enxergar nele um jovem potencial talentoso. Apesar do mercado editorial passar por fases de alta e baixa de investimentos, alguns espaços ainda estão sendo criados. Assim ocorre com a referida editora, cujo lema é juventude e competência editorial, desde a sua fundação, em dezembro de 2003, e seu foco é voltado, sobretudo, para o relacionamento com os leitores.

A ideia de sua gestão é buscar nas melhores práticas, os processos mais eficientes. Essa fusão de objetivos e metas como empresa gera no seu catálogo algo além de expectativas, mas também o “espírito inovador de optar pela

publicação de ficção e não ficção priorizando a qualidade, e não a quantidade de lançamentos<sup>42</sup>. Essa perspectiva de planejamento alcança o autor Pedro Antônio Gabriel, principalmente por ter se destacado em suas redes sociais, seu número de seguidores, bem como sua formação acadêmica. Para entender esse momento, os escritores

precisarão encontrar um nicho de mercado e falar com um público específico. A tecnologia e a globalização ultrapassaram as barreiras geográficas e potencializou a descoberta e utilização dos nichos. Um *eBook* ou livro editado no Brasil, em português, por exemplo, pode ser adquirido em qualquer outro país do mundo onde se fale a língua portuguesa. Será cada vez mais raro o lançamento de grandes *best-sellers*, ou seja, um livro que seja feito para todo mundo ao mesmo tempo, para todos os gostos, que todos queiram comprar, já que o mercado de livros está ganhando contornos cada vez mais especializado e direcionado para um público alvo selecionado e que busca produtos e serviços personalizados (MASSOLAR, 2014).

Para entender todo esse processo de publicação dos três livros do autor em estudo e análise, precisamos compreender o mercado editorial, os dispositivos e a materialidade na contemporaneidade e

diferentemente do que muitos profetas chegaram a anunciar, temos ainda uma predominância do papel em relação ao livro digital — o que a crise das duas grandes redes permitiu uma vez mais se constatar. Mais que isso, assiste-se, em determinados nichos, é certo, a uma grande valorização da materialidade dos livros, com o investimento em formatos, papéis e acabamentos diferentes associado a uma preocupação com conteúdos mais inventivos (VERANO, 2019, s/p).

Falar sobre os três livros que surgiram de forma simplificada nas mídias sociais é potencializar os processos criativos e a expansão do poder de liberdade e expressão, atraindo interesse de desenvolvedores e empresários como negócio promissor. Em seu artigo sobre Industrialização da amizade e a economia do curtir, Alex Primo (2015) expressa que

se antes fanzines “xerocados” e rádios livres não conseguiam concorrer com a cara e potente estrutura de produção e distribuição da grande mídia, organizada segundo um modelo tipicamente industrial, hoje um cidadão comum pode usar uma ferramenta igual ou equivalente àquela utilizada por um grande portal (PRIMO, 2015, p. 113, grifos do autor).

---

<sup>42</sup> As informações acerca da editora podem ser encontradas em seu portal: <https://www.intrinseca.com.br/a-editora-intrinseca>. Acesso em: 03 mar. 2020

Esse viés celebratório da *web 2.0* trouxe para nós importantes textos sobre a cibercultura e muito dessa produção discute acerca das novas formas de relacionamento e democratização dos meios de comunicação. A indústria midiática vem se reinventando para competir pela atenção e audiência. Para Primo, “se antes a academia dedicou grande atenção à indústria cultural, é preciso agora observar com o que chamaremos aqui de industrialização da amizade” (PRIMO, 2015, p. 114).

Sem dúvidas, hoje em dia o que conta é a corrida para estar nas mídias sociais, pois assim aponta o *marketing* de relacionamento e o conteúdo, bem como as melhores formas de identificar oportunidades conversando com seus clientes, leitores, amigos. Inclusive explicitando o gosto, um afeto, um interesse de modo que um *post* pode gerar o famoso engajamento. Compreender a lógica de como funciona para conseguir atenção dos seus fãs, da mesma forma de como aplicar os filtros de conteúdos em busca das melhores formas de aproveitar suas ferramentas.

Existem algumas tendências e o que envolve o mercado do livro, conforme afirma Lajolo, “que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões” (LAJOLO, 2018, p. 19). De acordo com a autora citada, pesquisar o que é literatura, “é antes de tudo, abrir os olhos e ouvidos, iniciar o *tablet*, olhar e ouvir em volta, ler livros, meditar sobre as frases pintadas a *spray* em muros e edifícios da cidade, e fazer a eles a pergunta: o que é literatura” (LAJOLO, 2018, p. 19, grifos da autora).

Partindo do pressuposto de que para lançar um livro “é preciso se preparar melhor se quiser encontrar o para quem escrever, o sobre o que escrever, o como e o onde disponibilizar sua obra” (MASSOLAR, 2014). Pensar a sua criação até o seu lançamento e da mesma forma, conceituar o dispositivo<sup>43</sup> tem sua importância, pois ele “é constituído por um conjunto de meios a serviço de uma estratégia, de uma ação finalizada e planejada com o objetivo de obter um resultado” (PERRAYA, 1999, p. 153).

---

<sup>43</sup> Conforme a conceituação de Giorgio Agamben (2009, p. 29):

1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos.

2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.

3) Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber. É algo de geral (um *reseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico.

Assim, articular tais estratégias de comunicação iniciadas no ambiente tecnológico e social, visa alcançar interesse significativo de suas representações, de modo a atingir um público consumidor. Imagens utilizadas, poemas de reflexão, jogo de palavras, páginas coloridas, leituras aleatórias, sumário explicativo, interação de seus seguidores/leitores, dentre outras formas de expressão, são bons exemplos de recursos advindos das relações entre tecnologia, representação e cognição.

**IMAGEM 41:** A sua rota



Fonte: Postagem do *Facebook*, publicada em 27 de janeiro de 2014.

De fato, a travessia dessa nova era tem transformado a oralidade que se estabeleceu na galáxia digital eletrônica em um cuidado de medidas e de saberes, capazes de gerar expectativas nos pensamentos dos homens. Nesse sentido, os *posts* publicados, mostram na realidade o que somos na verdade. E uma relação das redes sociais, a sabedoria é postar assuntos inteligentes e estratégicos a seu favor; para isso, se comportar num espaço específico e de acordo com os objetivos propostos de sua marca. Essa midiaticização da fase capitalista, marcada pela proliferação e acumulação de dispositivos, a fim de transmitir uma mensagem, requer uma preocupação social que vai

além das operações de mídia relacionadas ao *script* de conteúdo e às operações de transposição semiótica para outros registros, também é

necessário levar em consideração a mediação do relacionamento que é estabelecido entre o remetente e o destinatário (PERRAYA, 1999, p. 155).

Diante desse quadro de produção cultural por parte do mercado editorial no país, responder às demandas de seu tempo e seus leitores leva a que o mercado editorial se preocupe em constituir objetos culturais e elementos transtextuais, como os paratextos, que atuam como parte de um dispositivo de mediação e midiatização cultural. Os dispositivos de comunicação articulam três instâncias que não podemos isolar, exceto para analisar melhor suas interações: a semiótica, o social e o técnico (PERRAYA, 1999, p. 154). Para Genette (1982), os elementos constitutivos do paratexto são:

título, subtítulos, intertítulos; prefácios, preâmbulos, apresentação, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim; epígrafes; ilustrações; dedicatórias, tira, jaqueta [cobertura], e vários outros tipos de sinais acessórios, [...], que propiciam ao texto um encontro (variável) e às vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor mais purista e o menos inclinado à erudição externa nem sempre pode dispor tão facilmente quanto ele gostaria e pretende (GENETTE, 1982, p. 10).

É notável a qualidade dos elementos paratextuais dos três livros de Pedro Gabriel, percebe-se nitidamente que eles servem de guia e por mais que pareçam irrelevantes, eles são importantes para o entendimento de seu conteúdo. A leitura da capa, a orelha, o prefácio, os agradecimentos, a lombada, o tipo de folha utilizada, o tamanho do livro, o cheiro; visam exatamente facilitar e representar a compreensão da obra e oferecer aos seus leitores uma imaginação criativa, cheia de pensamentos e que os levem a desfraldar por intermédio desses elementos acessórios, uma pré-conclusão à temática do livro em questão. Entender o atual momento demanda explorar estratégias aos recursos para uma sociedade cada vez mais midiática. E por outro lado, enxergar que as relações transtextuais que seguem com sua arquiteturalidade e paratextualidade são capazes de tornar o texto com forma única de expressar suas palavras.

Os recursos literários utilizados na construção de sua narrativa permitem a descrição de seu personagem, o destino das palavras, a formulação dos diálogos, o trabalho de composição, a ideia de movimento, as transições de passagem, o estilo plástico das imagens e palavras com a realidade, de modo que a harmonia produza ritmo, lógica, equilíbrio e cadência, produzindo efeitos maravilhosos.

Estar à frente do tempo na contemporaneidade é se impor na atualidade, interagir com seus seguidores e mais especificamente, elaborar novos dispositivos. Essa hierarquia está em jogo, criando uma perspectiva e configuração, isso porque ao longo dos séculos

o livro mudou a forma de organização e transmissão do pensamento e conhecimento, como também é de saber notório que, desde o surgimento da imprensa, seus modos de feitura e circulação se alteraram consideravelmente, passando a interferir na produção artística e intelectual dos escritores (FARIA, 2016, p. 8).

Observamos a mesma preocupação na elaboração do mercado editorial que, aliás, coerentemente explora os recursos estéticos e paratextuais para informar dados sobre o autor e reeducar o leitor, abrindo horizontes para esse tipo de mercado dos livros. A capa de seus três livros reflete basicamente a temática que está sendo falada em seu interior. A lombada de cada livro tem as cores primárias: amarelo, azul e vermelho. As primeiras páginas se comunicam com as últimas, estabelecendo um diálogo e uma conclusão. Uma outra característica utilizada foi a mudança de temática no interior do livro, alterando a cor da página, como por exemplo, uma página em branco escrevendo um pequeno conto ou uma sequência de desenhos, servindo de transição. Esses componentes visuais do livro trazem uma capacidade sinestésica aos textos, com diálogos e segmentos da narrativa prendendo a atenção do leitor.

**IMAGEM 42:** A coleção completa de Pedro Antônio Gabriel



Fonte: Acervo pessoal.

No Brasil, não existe uma estimativa tão precisa, mas, segundo a Câmara Brasileira do Livro, um título que vende um total de 15 mil exemplares (não apenas em uma semana) pode ser considerado um *best seller*. A própria CBL calcula que a tiragem média de livros brasileiros é de 2,5 mil cópias<sup>44</sup>.

Estimado como o livro mais vendido publicado pela Editora Intrínseca no ano de 2013 e o segundo mais vendido em 2014, segundo dados compartilhados pelo site da *Publishnews*<sup>45</sup>, a catalogação de sua publicação o classifica como um livro de ficção brasileira. Essa dificuldade de classificação de seus livros pode acontecer em virtude de seu caráter híbrido. Paralelamente, vemos a catalogação como uma análise rasa do conteúdo do livro, fruto, talvez, da inexperiência de um olhar mais aprofundado de suas obras e da originalidade de sua produção. Além disso, uma visão arrazoada do conteúdo compartilhado pelo autor pode levar a uma definição como autoajuda – o que não exclui também uma abordagem mais mercadológica ao adotar essa definição. Essa definição por parte da editora pode, inicialmente, ter passado aos leitores mais especializados a imagem de se tratar de um uma publicação mais superficial ou de entretenimento, parte dos muitos livros de autoajuda publicados à exaustão nas últimas décadas.

### 3.1 EU ME CHAMO ANTÔNIO

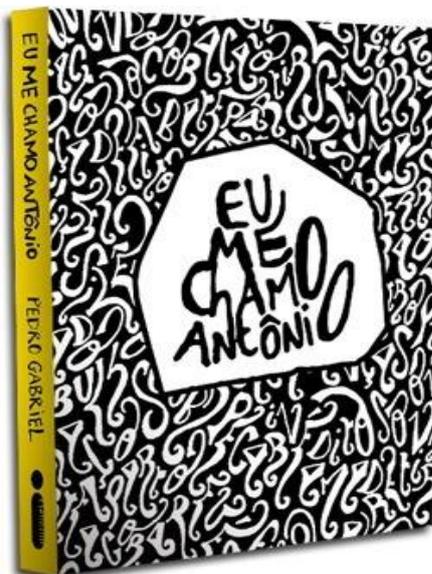
O primeiro livro do escritor Pedro Gabriel é uma narrativa que percorre todas as fases do amor por intermédio de uma linguagem simples, explorando alegrias e tristezas, com frases e metáforas. Assim, o autor divide esse encantamento e essa paixão pela pessoa amada com sensibilidade na sua escrita, de modo que esse processo criativo feito através da vida traga esperança para o leitor.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantas-publicacoes-um-autor-deve-vender-para-ser-considerado-um-best-seller>. Acesso em: 10 mar. 2020.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/5/2014/3/0>. Acesso em: 18 jan. 2020.

IMAGEM 43: O primeiro livro



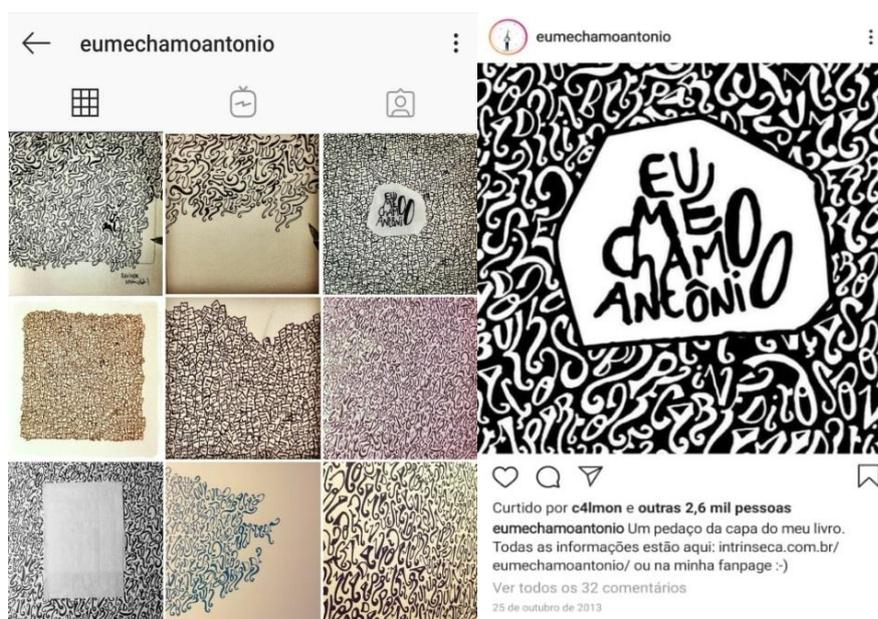
Fonte: <https://www.intrinseca.com.br/eumechamoantonio>. Acesso em: 10 mar. 2020.

As primeiras impressões da capa do primeiro livro de Pedro Gabriel trazem a presença de sua logomarca. Seu personagem, Antônio, faz parte do título do livro. O autor utiliza as cores preto e branco, com uma caligrafia ainda um pouco confusa para uma primeira compreensão, letras maiúsculas e minúsculas misturadas, sem alinhamento, e palavras soltas de seu cotidiano que passam uma por cima das outras, aleatoriamente, tais como: **coração, poemas, futuro, sempre, inédito, partir, parto, primeira vista, encontros, contos, foco**, dentre outras. Pedro Gabriel explica como foi esse processo criativo no *blog* da Editora Intrínseca:

Apesar de ser a porta de entrada do livro, a capa costuma ser a saideira do processo criativo. Quando eu comecei a rabiscar as palavras numa folha em branco, ainda não sabia que elas poderiam se tornar o desenho que formaria a arte final. A escolha das palavras não foi aleatória. Eu quis que a capa tivesse uma relação direta com todo o conteúdo encontrado no livro. Reli cada guardanapo buscando palavras que soassem bem ou ficassem simplesmente bonitas escritas, ali, sozinhas para compor essa arte que eu nomeei **O labirinto do que sinto**. Ou seja, todas elas estão de alguma forma presentes em algum lugar das 192 páginas. Depois, foi só encaixar uma a uma, num jogo de paciência que levou pouco mais de 3 horas e um leve princípio de tendinite na mão direita. O desenho acabou ganhando vida própria. Algumas palavras parecem soltar mais aos olhos. Outras se escondem e só se revelam de acordo com o momento de quem as lê. Eu, apesar de conhecer de cor e coração cada traço desse desenho de palavras, todo dia acabo encontrando uma novidade<sup>46</sup> (GABRIEL, 2013, s/p).

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2013/11/o-labirinto-do-que-sinto>. Acesso em: 11 mar. 2020.

**IMAGEM 44:** Labirinto do que sinto – processo de construção da capa do primeiro livro



Fonte: *Instagram* do autor, publicações do mês de outubro de 2012.

Podemos observar nitidamente o processo de construção dessa capa icônica, cuja representação é exata ao que Pedro Gabriel foi desenvolvendo na sua mídia social. Essa capa também se tornou sua marca registrada, e de imediato fixa no subconsciente do seu público leitor/seguidor, inclusive, despertando a curiosidade em seus seguidores, que passaram a aguardar a chegada do lançamento de seu primeiro livro. Além de definir a construção da capa e de criar uma divulgação nas mídias sociais, o autor reforça o nome da obra e, ao mesmo tempo, o seu personagem. A linha espessa separa as palavras de dentro do guardanapo das que estão de fora, o fundo branco representa o clareamento, ou seja, a identidade da obra:

Esta limitação do eu, o uso do nome próprio, representam a busca pelo auto reconhecimento característico das obras literárias contemporâneas, o estabelecimento de fronteiras que define o ser, si mesmo, da complexidade de informações a sua volta. Contudo, este auto reconhecimento aparece de maneira frágil, em um guardanapo, retratando desta forma as incertezas deste indivíduo que precisa se auto afirmar. Autoafirmação que é exprimida no título da obra “Eu me chamo...”, ou seja, eu me reconheço, eu existo e me distingo dos demais pelas características que me personificam (SILVA; VIEIRA, 2018, p. 107, grifo dos autores).

Este primeiro livro já nasce com maior destaque no mercado editorial. Por meio da regência de sua contemporaneidade, ele cumpre o seu papel com o desejo de descortinar e de abrir novos caminhos poéticos. Em **Apocalípticos e integrados**,

Umberto Eco analisa, de modo aprofundado, que a indústria cultural atual se encontra articulada aos “vários fenômenos e da sua interpretação com base no contexto histórico em que aparecem” (ECO, 1990, p. 15). O autor ainda complementa que, na tomada de consciência, “a indústria cultural não apresenta a cômoda possibilidade de dois níveis independentes” (ECO, 1990, p. 15).

A modernização dos sentidos que suas palavras promovem aos leitores os torna capazes de abandonar um tempo de trevas. Com a invenção da imprensa, “os artistas começam a atentar para uma vocação diversa. É no momento em que os romances populares satisfazem as exigências de evasão e de suposta elevação cultural do público [...] então é que a arte começa a elaborar o projeto de uma vanguarda” (ECO, 1990, p. 78).

Eco (1990) destaca a mudança de paradigmas de um tempo aristocrático em que apenas a sociedade burguesa e letrada era considerada superior, para pensar o presente no qual somos capazes de compreender a partir da história e com sensibilidade, o alargamento das informações por meio dos meios tecnológicos, vivenciando a arte e observando-a se tornar acessível a uma grande plateia. A sensação de pertencimento à comunidade, à primeira vista ao olhar e abrir a capa do livro, Pedro Gabriel gera em seu público leitor/seguir uma identificação com a marca do autor, que foi pré-publicada nas suas mídias sociais. Com essa pré-consciência sinestésica é que forma o material introdutório do livro, onde adquire características perceptíveis por meio de sinais particulares, apresentando seus tons em amarelo e enfatizando uma variedade de olhares que se debruçam sobre essa apresentação:

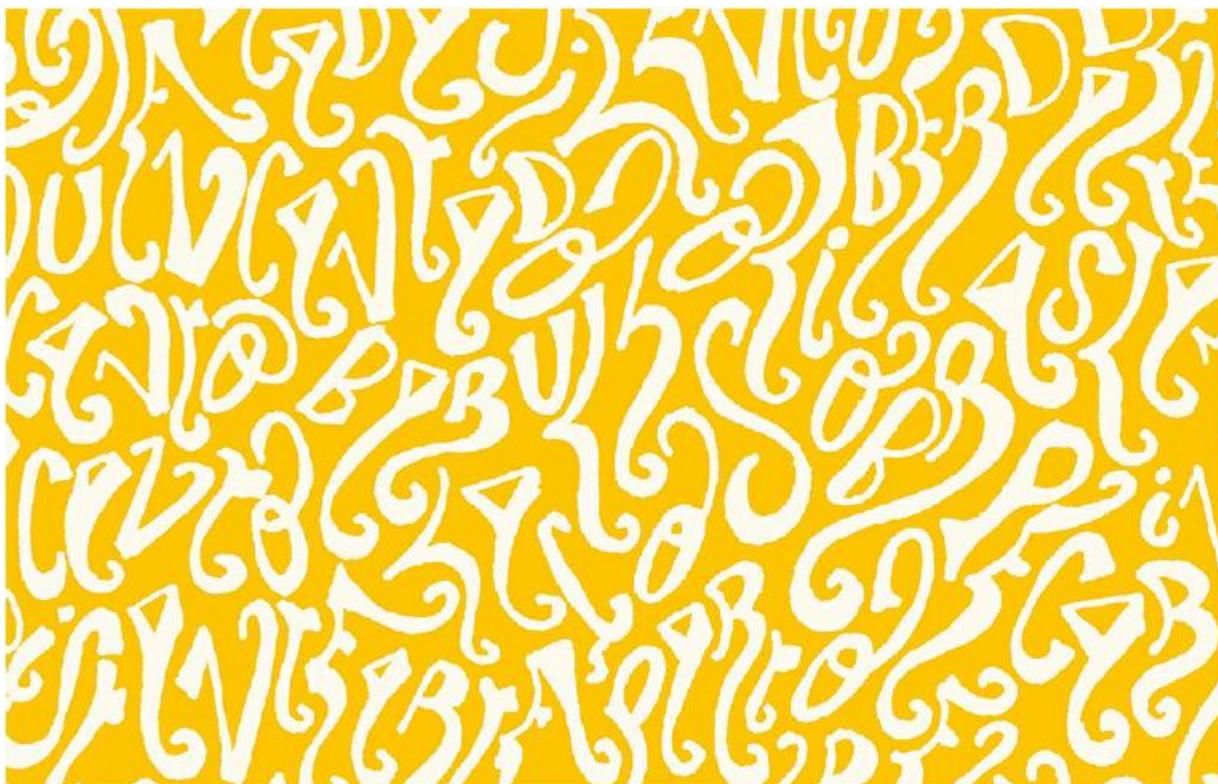
Estas qualidades representam iconicamente o princípio do ato criativo, o “dar à luz”, isto é, levar para a luz, para fora algo que estava no escuro, no interior, por meio do contraste da cor amarela sucedendo o preto e branco da capa. A cor amarela pode ser analisada em sua relação com o objeto que denota como um símbolo, ou seja, uma convenção que a afirmou como uma qualidade de cor que simboliza a luz (SILVA; VIEIRA, 2018, p. 109).

Em contraste com o preto e branco presente na capa, o tom de amarelo parece iluminar a primeira página do livro:

**IMAGEM 45:** Iluminado Antônio

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2013, p. 1).

Interessa-nos notar o estilo adotado por Pedro Gabriel em seu emprego contemporâneo, englobando “o fundo, a expressão e a composição” (COMPAGNON, 2003, p. 169). Isso torna seus traços mais precisos e com características próprias, da mesma forma em que “o estilo para o escritor tanto quanto a cor para o pintor, é uma questão não de técnica, mas de visão” (PROUST, 1989 apud COMPAGNON, 2003, p.170). Essa linguagem constitui um novo modo de ver e de expressar, de modo que os esquemas perceptivos constroem argumentos e elementos de mediação da sua obra e que se inserem como pano de fundo de uma vanguarda sem medo de propostas inovadoras.

**IMAGEM 46:** Contracapa iluminada

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2013, p. 2-3).

Podemos salientar ainda que essa criação estética e poética do primeiro livro do autor possibilita que ele assine suas ideias e propague sua luz própria, direcionando a claridade de suas luzes aos seus fiéis seguidores e leitores. É evidente que esse recurso da policromia e da cor quente amarelo dão a sensação de alegria, calor, movimento e dinamismo. Aqui também, nessa foto representando cada palavra tanto na capa do livro quanto nessa página amarela com fonte branca, o autor vem simbolizar e expressar seus sentimentos e emoções na existência de sua poesia. Nesse universo de criação, seu cartão de visitas, sua criação silenciosa no Café Bar Lamas, conduz à vida iluminativa capaz de reiterar que, na atmosfera de poucas palavras, há sentido imediato e convincente de revelação.

IMAGEM 47: Material de trabalho



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2013, p. 4-5 e 170-171).

Cabe notar a presença, nas páginas iniciais e finais de seu primeiro livro, do objeto de trabalho representado pelas canetas sobre a bolsa que guarda material, seu nome escrito em amarelo iluminado em destaque e um recorte de guardanapo do personagem título do livro **Eu me chamo Antônio**. A página final dialoga com a primeira, apresentando uma caixa de madeira contendo o guardanapo original do Café Bar Lamas, seus óculos, alguns guardanapos desenhados e escritos, um bloco de anotações poéticas, um guia de viagem e um tabuleiro de xadrez – o leitor

adentra a intimidade do autor, e livro e vida se misturam de modo a alimentar o voyeurismo cada vez mais estimulado pelo ambiente virtual.

A arte por meio da qual Pedro Gabriel se manifesta, que pode parecer rudimentar, feita à mão, possui uma fusão de elementos sincréticos com elementos das novas tecnologias, tal como Bernardi (2017) nos aponta. Há momentos de simplicidade estética da caneta esferográfica e estética aprofundada, despontando possibilidades renovadas de associação de múltiplas fontes e influências:

nos procedimentos que parecem fugir de uma técnica aprimorada, em uma estética que se expõe em construções aparentemente prosaicas, triviais, quase como um arremedo de elaboração artística. Escrever em guardanapos de bar é um ato muito voltado a uma expressão íntima de sentimentos, à solidão da noite, à melancolia do distanciamento afetivo “à mão” a falta de outro, o sujeito amado, pode reconfigurar-se em texto literário para uma recepção ao associar-se a quirografia de bar às potencialidades do meio digital (BERNARDI, 2017, p. 32, grifo do autor).

Essa fusão entre texto literário e imagens é um exercício significativo para desenvolver o que se lê a partir da própria imagem. Essa alfabetização visual adquire conhecimentos e traz sensibilidade no olhar, de maneira que o pensamento construa, por meio da linguagem visual, um entendimento com o que imaginava e o que se queria falar; ou seja, a função cognitiva e a função mágica.

**IMAGEM 48:** Meu nome, meu personagem



Eu me chamo Antônio e sou o personagem de um romance que está sendo escrito, vivido. A mão esquerda se levanta como se quisesse alcançar a altura inalcançável do pé-direito para pedir ao garçom mais próximo:

— Um chope, por amor!

É um botequim, sim. Tradicional. Com direito a balcão confuso, contes e mais contas penduradas, balas com validade quase vencida, charutos importados, promoções-relâmpago: pague um, leve dois; lave três, pegue dois, o fiel café de todo santo dia, a demoníaca chopeira a todo vapor, a chapa quente, a bandeja de frios, o cardápio de couro na mesa, o canário em cor na gaiola e centenas de palitos afilidos que esperam seu último destino.

É assim, nesse botequim,

Sem pretensã alguma de ser poesia

Que nasceu a minha poesia.

— Saideira!

Tim-tim!

Admito. Às vezes, bebo além da conta e a minha letra acaba perdendo um pouquinho de sobriedade também. Por isso, coloquei no final do livro a legenda de todos os meus escritos.

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2013, p. 6-7).

Diante dessa confusão inicial de caligrafia ao longo das páginas do livro, ele repete de maneira simples um sumário com toda a poética das páginas desenvolvidas. Nesse sumário, o autor divide seu livro em 10 partes. Percebe-se nitidamente que no interior dessas partes existe uma poesia contínua, que revela uma narrativa e uma transição descontínua, com outro enredo e temas específicos, tais como: **à primeira vista; encantado; atire; fragilidade; brutalidade; retirada; coragem; acorda; futuro; apresente-se; liberdade; e desperte.**

Diante das análises empreendidas nesta pesquisa, podemos supor que o livro de Pedro Gabriel possui um efeito criativo de vários caminhos, não só na questão da editoração técnica, mas como um antídoto, uma luz, uma fonte de inspiração de sua vida cotidiana, de seus amores, livros, discos, conversas e chopes – imagens fragmentadas de sua vida, inseridas em suas mídias sociais.

Em carta endereçada a Octávio Paz, Julio Cortázar, exemplifica que na publicação de seu **O arco e a lira** (2012), “o que conta é a soma das múltiplas reflexões que foram construindo a obra, dando-lhe seu sentido último”. Pedro Gabriel utiliza esse nosso tempo como um despertar de sua poesia, escapando “da solidão e da rebelião mediante uma mudança na sociedade e no próprio homem. A ação do poeta contemporâneo só pode ser exercida sobre indivíduos e grupos. Nessa limitação residem, talvez, sua eficácia presente e sua fecundidade futura” (PAZ, 2012, p. 50).

A construção das imagens feitas ao longo de suas postagens nas mídias sociais serve de termômetro e indica uma narrativa para que se possa contar, associando histórias diversas em um determinado tempo. Por meio dessas ficções construímos um enredo, criamos personagens que inventamos para dar vida e sentido de pequenas escolhas imaginárias.

**IMAGEM 49:** Estendendo as mãos

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2013, p. 168-169).

Romper a barreira da timidez do poeta pode representar para seus leitores uma grande história de amor. Podemos concluir que seu primeiro livro tem como temática principal o amor, a partir do qual os silêncios são quebrados com habitual espontaneidade, marcada por trocadilhos, frases espontâneas e metáforas. Assim, a “poesia é tudo o que não cabe no poeta” (GABRIEL, 2013, p. 46). Ele ainda afirma que talvez essa seja a melhor definição encontrada sobre o termo poesia. Tudo o que o poeta não guarda para si, se torna poesia. É a sensibilidade visível de quem escreve. Isso não quer dizer que seus silêncios não sejam formas de manifestações poéticas, mas é quase impossível tentar interpretar o que não se diz. No *Facebook*, em publicação do dia 19 de janeiro de 2014, ele afirma que:

por um tempo achei que meu personagem fosse apenas esse par de olhos fechados. Sem tronco, sem braços, sem mãos, sem pernas, sem pés, sem corpo ou coração. Minto. Sempre houve coração. Um coração vazado: um abismo no peito. Mas aos poucos a necessidade acabou desenhando mais alto. Rabisquei um tronco para ele poder se curvar diante do amor com mais facilidade; e inventei braços e mãos para ele agarrar o mundo com mais coragem; e implantei pernas e pés para ele também poder fugir quando se sentisse acuado. E, para ele não morrer de frio ou não viver da frieza da sua amada, eu o vesti com um casaco listrado. Inútil: o buraco no peito continua (GABRIEL, 2014, s/p).

No final do primeiro livro, o autor divide com seus leitores um guardanapo em branco e os convida a soltar a imaginação, escrever uma frase ou fazer uma ilustração. Essa interação com seu público leitor e seguidor permite uma nova linguagem onde “as tecnologias em rede possibilitam (hipertexto, imagem, áudio, vídeo, animação, linguagens de programação) e suas convergências (o que alguns autores chamam **hipermídia**)” (CONDORELLI, 2015, p. 13-14, grifos do autor). Segundo Santaella (2015), o conceito de hipermídia deve ser definido como:

o produto da confluência de hipertextos com sons, imagens, vídeos, animações e programas informáticos propiciada pela digitalização da informação, isto é, pela tradução em sinais digitais binários e a combinação em um mesmo suporte de informações diferentes: escritas, sonoras, imagéticas, audiovisuais. A hipermídia possibilita percursos de leitura múltiplos e não lineares, permitindo o acesso a conjuntos de informações codificadas em uma determinada linguagem a partir de outros conjuntos de informações codificadas em linguagens diferentes, via hiperlinks, e a criação colaborativa pela possibilidade que o formato digital fornece aos usuários de interagirem diretamente com cada conjunto de informações e modificá-lo. (SANTAELLA, 2010 apud CONDORELLI, 2015, p. 14).

A partir desse convite feito, o leitor foi estimulado a fotografar e publicar no *Facebook*, *Twitter* e ou no *Instagram* com a *hashtag* #livrodoantônio. Nas fotos a seguir, apresentamos o guardanapo em branco deixado no final do livro e uma postagem da seguidora @viajecomday\_ publicada no *Twitter* em 02 de fevereiro de 2014:

**IMAGEM 50:** Guardanapo do leitor



Fonte: Publicação no *Twitter* de @viajecomday\_, publicada no dia 02 de fevereiro de 2014.

Analisando especificamente esse livro, lançado em 2013, podemos afirmar que **Eu me chamo Antônio**, mesmo após transcorridos sete anos, é um livro que ainda vem surpreendendo os leitores e despertando interesse na transmissão de informações nos meios de comunicação. Da mesma forma que esse primeiro livro é o cartão de visitas e o fio condutor do escritor Pedro Gabriel. É onde ele abarca o jornalismo, o audiovisual, a publicidade e as mídias sociais, de modo que sua poética contribui socialmente com estratégias sensoriais, perceptivas e cognitivas de um mundo contemporâneo. Logo abaixo, destacamos duas fotos nas quais há a divulgação do livro na novela **Bonsucesso**, da TV Globo, bem como sendo usado como objeto de decoração de um quarto no programa **Decora**, no canal GNT, pertencente à rede privada.

IMAGEM 51: Reconhecimento TV'S



eumechamoantonio • Seguindo  
Bonsucesso, Rio De Janeiro, Brazil

eumechamoantonio 📺 Hoje foi ao ar o último capítulo de #bomsucesso, a novela que colocou a #literatura clássica e contemporânea em horário nobre. Uma obra fundamental que, com a mais absoluta certeza, semeou o grão do amor pela palavra em muitos brasileiros e brasileiras!

Eu tive a surpresa de ver duas vezes o meu primeiro livro #EuMeChamoAntonio nas mãos da atriz Ângela Vieira, a Vera da editora Prado Monteiro. Obrigado, obrigado! 🙏

Recomendo o #podcast Clube do Livro por @antoniofagundes. Ouçam, leiam, se interessarem por esse...



Curtido por aninhacruzreiro e outras 2.180 pessoas

24 DE JANEIRO

Adicione um comentário...

Publicar



eumechamoantonio • Seguindo

eumechamoantonio Meu primeiro livro fez parte da decoração do novo quarto no programa #decoragnt de ontem. Muito obrigado. @mauricioarruda! 🙏❤️

1 sem

davinascimento1985 Incrível né 🙏🙏🙏

1 sem 2 curtidas Responder

Ver respostas (4)

alexia\_monteiro Que maravilhoso! ❤️

1 sem 1 curtida Responder



Curtido por rodrigociriaco e outras 616 pessoas

17 DE ABRIL

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Instagram do autor, fotos publicadas nos dias 14 de janeiro e 17 de abril de 2020.

Em novela ou canal de decoração, a poesia sai do sagrado lugar de apreciação de uma elite intelectual para o grande público:

Eu me chamo Antônio se inscreve numa nova tendência literária chamada **visual writing**, em que tipografia, desenhos e fotos se integram ao texto. Não são meras ilustrações, como nos acostumamos a ver no passado. A grande inovação é que são parte do texto. Leitores e críticos mais conservadores podem ficar perplexos, mas para as novas gerações

está claro que o caminho da inovação literária passa pelo rompimento dessa barreira entre texto e visual (COSTA, 2013, s/p, grifo do autor).

**Eu me chamo Antônio** revela um boêmio apaixonado, cuja vida é marcada por seus desenhos e sua caligrafia marca uma poética reveladora que ultrapassa as páginas virtuais e impressas, unindo-as, assim como une seu público leitor.

### 3.2 SEGUNDO – EU ME CHAMO ANTÔNIO

Após o sucesso do primeiro livro, o segundo intitulado **Segundo - Eu me chamo Antônio** foi lançado em 12 de novembro de 2014. Neste, a publicação explora guardanapos com fundos coloridos, desenhados e ou fotografados, cuja temática passa pela poesia em sequência, como *graphic novels*. O autor extrapola as fronteiras dos guardanapos e se aventura timidamente por entre seus poemas, pequenas prosas, cujas transições são feitas por meio de páginas na cor cinza claro. As ilustrações refletem a temática desenvolvida, relacionada a universo, galáxias, planetas, estrelas, sol, bailarinas e lua. Até o momento da realização desta pesquisa e conforme informado anteriormente, esse livro alcançou a vendagem de 56.732 exemplares.

**IMAGEM 52: Segundo - Eu me chamo Antônio**



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, capa).

A capa do **Segundo - Eu me chamo Antônio** apresenta ilustrações do autor e tem assinatura da designer Laura Escorel. Ainda sobre as características desse título, segundo o *blog* de notícias da Editora Intrínseca:

a capa do livro representa o mundo onírico do Antônio, com o casal no topo do mundo observando o céu estrelado e o labirinto de palavras presente na capa do primeiro livro, prontos para virar a página. Com o que será que eles sonham? Ainda sobre a capa, o personagem Antônio aparece acompanhado de uma mulher. Já na contracapa, ele se encontra sozinho. Quem seria ela e onde foi parar? (INTRÍNSECA, 2016, s/p).

Essa capa chama bastante atenção, de modo que o “arranjo estético ou artístico encontra-se, preferencialmente, no olhar do sujeito, personagem e ou narrador, cuja intenção consciente de produzir um efeito artístico é, assim, revelada” (DINIZ, 2012, p. 57). Tal revelação, proporcionada pela capa, é a aproximação de dois amores que o autor busca permanentemente encontrar. Também segundo Diniz, “a midialidade, é a capacidade intrínseca de uma mídia de representar e comunicar essa representação” (DINIZ, 2012, p. 122). Evidentemente, a “presença do léxico da visão e o ponto de vista identificado em relação a um focalizador fazem da cena um quadro” (DINIZ, 2012, p. 53).

Repaginar o curso da história é substituir a fotografia e o cinema, e incorporar “a arte computacional e a *web* como fenômenos estéticos em si – que incidem sobre a história da arte e da técnica” (BENJAMIN, 2019, p. 30). Vivemos hoje cercados por imagens visuais e esses novos aparatos determinam nosso modo de ver e perceber o mundo contemporâneo, onde o olhar não se limita apenas ao desenrolar das letras, mas passa também a incorporar “as relações entre palavra e imagem, entre o texto, a foto e a legenda, entre os tamanhos de tipos gráficos e o desenho da página, entre o texto e a diagramação” (SANTAELLA, 2012, p. 7).

Diante dessa realidade, em que as imagens partiram do desenho feito à mão e se deslocaram do papel para as telas eletrônicas, criou-se um efeito visual capaz de representar e significar a existência de cada imagem integrada no centro e dentro de cada poema. Para Santaella (2012), o domínio das imagens que são criadas como representações visuais e correspondem a “desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas, televisivas, holográficas e infográficas (também chamadas de imagens computacionais)”.

Interpretar o poema presente abaixo serve para conectar seus indicadores de imagens ao texto em si, da mesma forma que sua tipologia vê as relações com a sintática (a existência de objetos a serem combinados, no caso da relação texto e imagem), semânticas (servem para facilitar a compreensão e interpretação da estrutura) e pragmáticas (seria a capacidade de entender o locutor). Na medida em que essas associações dependem sintaticamente aos textos verbo-visuais, sua leitura e interpretação, não podem ser feitas sem levar em conta o texto como um todo. Outro recurso utilizado nas imagens desse poema é o efeito de cinema, por meio da passagem rápida das folhas; o seu poema progressivo.

Você existe.

Em algum lugar, existe.

Está lá e,

Ao mesmo tempo, aqui:

Em mim:

Feito um órgão vital ou um poema inacabado (GABRIEL, 2014, p. 142-157).

Nesse poema, seu personagem, Antônio, segue na busca incessante por seu amor, mesmo que ela se encontre em um outro planeta ou no seu mundo onírico, no qual as figuras mentais brotam no domínio de sua imaginação. A mente é livre para interpretação, pois vemos na realidade a percepção de mundo das imagens verbais, construídas por meios linguísticos ou de domínio ópticas. Diante dessa experiência, temos a noção exata desse movimento, que

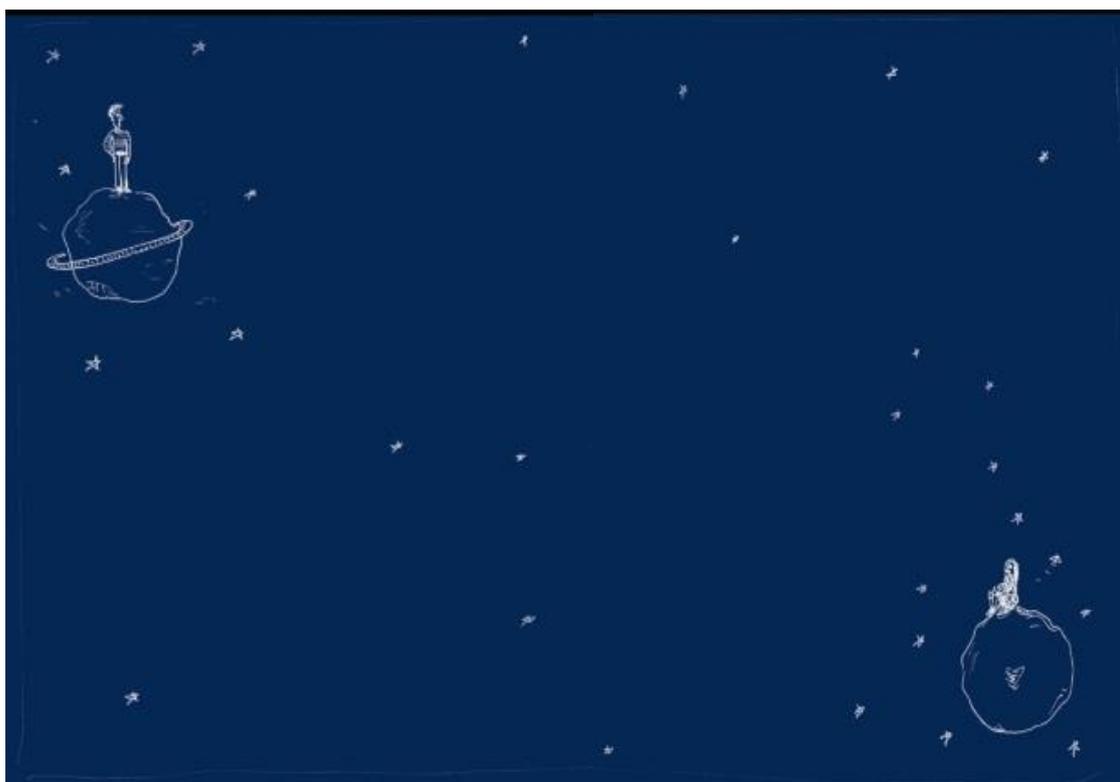
significa a variação da posição espacial de uma imagem ou de uma sequência de imagens no decorrer do tempo. Exemplo típico da imagem em movimento encontra-se no cinema, que resulta da gravação de imagens fotográficas com câmeras. Por meio do dispositivo técnico de projeção, os fotogramas são acionados a uma velocidade de 24 (ou mais) imagens por segundo, criando a ilusão de movimento contínuo devido ao fenômeno da persistência de visão. Embora a imagem animada possa ser aplicada ao cinema e ao vídeo e usada como sinônimo de imagem em movimento, seu emprego tem sido mais frequente no campo da imagem digital, no qual o processamento computacional aumentou vertiginosamente a manipulação de imagem a imagem, gerando uma verdadeira coreografia de formas dinâmicas (SANTAELLA, 2012, p. 13, grifo da autora).

Essa capacidade perceptiva tem a finalidade de aguçar e ampliar nossa sensibilidade visual, onde temos a sensação de que ele está levando a mensagem até a mulher e declarando-a com base dos elementos visuais sua representação poética. Inclusive, cabe ao nosso olhar uma atenção concentrada, pois no “cinema não é somente a imagem em movimento, é sobretudo o olho em movimento, uma

certa figuração da mobilidade e da velocidade” (SANTAELLA, 2012, p. 84). O livro recria esse movimento, exigindo que seu leitor passeie não apenas os olhos, mas suas mãos pelas páginas para então ressignificar um poema construído com palavras e imagens.

Nesse processo criativo que notamos tanto no poema em análise quanto nas suas mídias sociais, o escritor esboça ferramentas em miniatura que são orientadas para a prática, desenvolvidas por meio do *design* para compreensão da interação entre palavra e imagem, além das estratégias de incentivo a reflexão sobre como os dispositivos gráficos habitam a página e como eles se relacionam no contexto do todo textual. Na imagem a seguir, reproduzida nas próximas quatro páginas da presente pesquisa, buscamos reproduzir e destacar um dos poemas visuais do livro, ratificando a ideia e movimento com palavras e imagens, a qual viemos abordando até este momento:

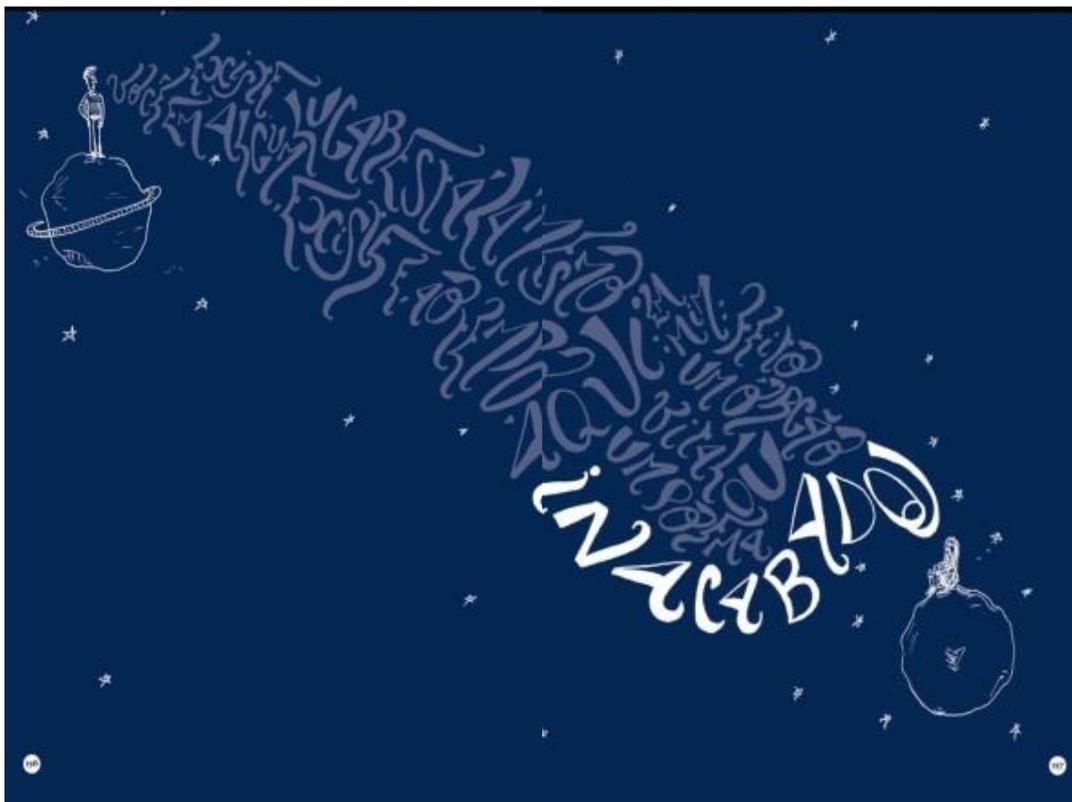
**IMAGEM 53:** Poema em movimento











Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 142-147).

A passagem do primeiro livro **Eu me chamo Antônio** para **O Segundo – Eu me chamo Antônio** demonstra algumas transformações técnicas de informação e comunicação, mudanças capazes de serem observadas na reprodução do texto, na forma e nas práticas de leitura, como situações não exploradas anteriormente. Entretanto, as formas de tais inovações práticas, como o projeto gráfico ou os desenhos mais elaborados e artísticos, compõem, na sua leitura, um contexto mais impactante de editoração. “Fatores da tridimensionalidade como o formato, a textura e até o cheiro do papel impresso, por mais superficiais que pareçam, são extremamente importantes e permanecem na memória afetiva do leitor, marcando sua relação com o objeto livro” (GALHARDI, 2015, p. 6). Ainda sobre “os livros, por serem objetos tridimensionais, proporcionam sensações visuais, táteis, olfativas, auditivas e sinestésicas a cada virada de página” e “estas sensações definem parte da qualidade da interação entre leitor e objeto” (FONTOURA, 2007 apud SEHN, 2009, p. 84). Tais aspectos são explorados nos livros do autor com muito mais intensidade do que nas publicações de gênero mais habituais. Com tudo isso, por “ora, hoje, estas três revoluções - técnica, morfológica e material – estão perfeitamente interligadas” (CHARTIER, 2002 apud FURTADO, 2003, p.1).

Nesse contexto, em que o livro teve sua morte precocemente anunciada e a poesia ainda ocupa lugar de exclusão<sup>47</sup>, o autor recria uma ordem poética para um novo tempo e espaço em recepção e representação. Discutir a recirculação de conteúdos na atualidade e buscar compreender um sentido de texto mais amplo – ou de transtextualidade, como pensado por Genette (1982 apud DALMONTE, 2014, p. 2) – nos leva à discussão do conceito de paratexto. Tal ação decorre, segundo o autor, da capacidade de apresentar e, sobretudo, de tornar presente “por assegurar sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo” (GENETTE, 1987 apud DALMONTE, 2014, p. 3, grifos do autor). Assim, convida

o leitor, que avançou até mesmo com certo direito para o posto de realizador do texto, a intertextualidade se complicou ainda mais, pois surgiram os “pós-textos”, sem falar dos “paratextos”, os quais passaram freqüentemente a ter uma influência considerável sobre a construção textual por parte do leitor. Entre esses paratextos se encontraram também textos não-verbais, como, por exemplo, imagens de capa e ilustrações. Foi decisivo para uma parte das exigências que se associam hoje aos Estudos Interartes o reconhecimento recente de que a intertextualidade sempre significa também intermedialidade – pelo menos em um dos sentidos que o conceito abrange (CLÜVER, 2006, p. 14, grifos do autor).

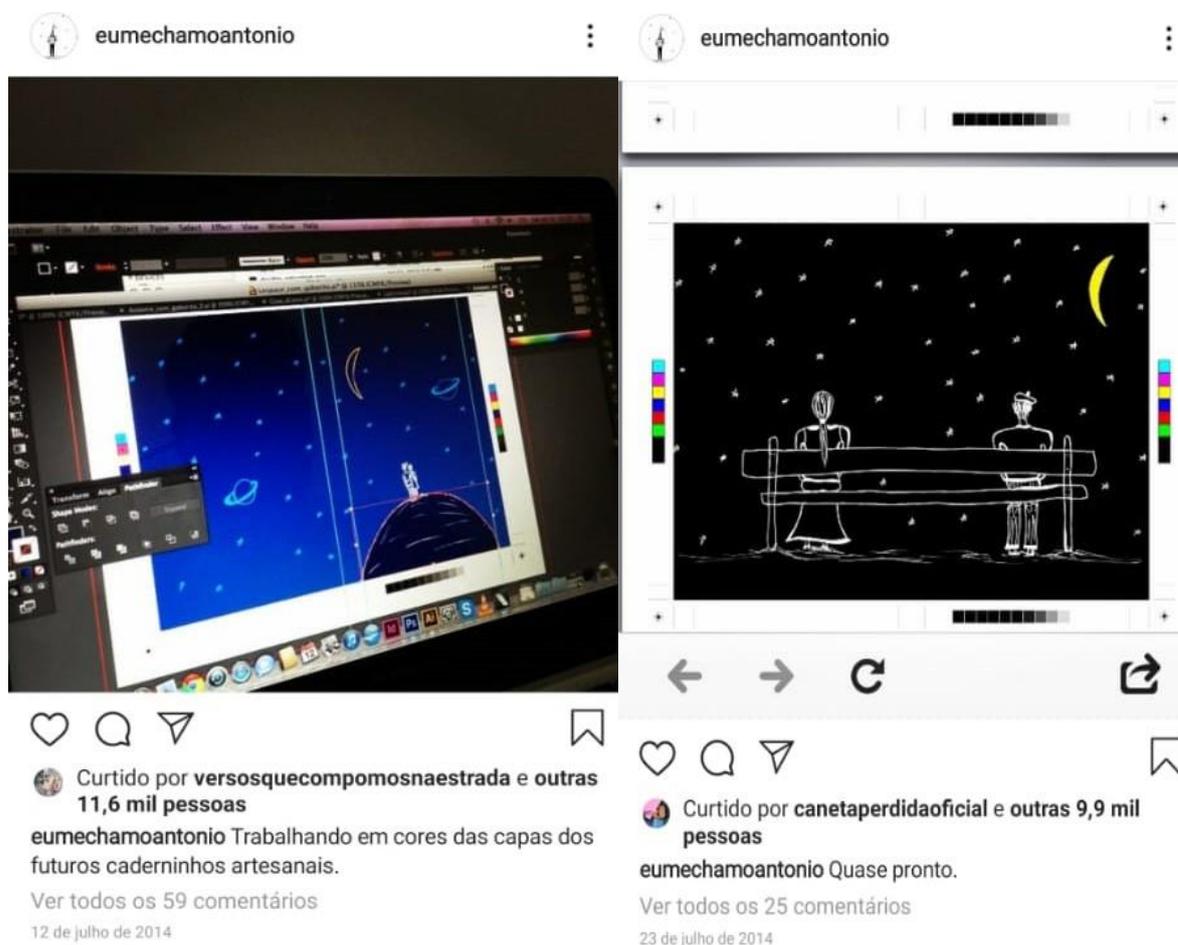
Esse arcabouço da nova literatura contemporânea brasileira passa longe de certo comodismo que o passado ritualizou. Encontramos, no seu lugar, as inovações tecnológicas, as perspectivas transdisciplinares, as interações poéticas, as relações sociais e o mercado editorial, atingindo uma plateia e afetando significativamente as edições futuras. Resta saber, ao retratar essa época em que vivemos: qual é o desafio para que jovens escritores e, principalmente, os editores, promovam a migração de seguidores virtuais para o livro de papel? Ao que nos parece, diante da análise aqui empreendida, os desafios são pequenos se comparados aos tantos outros enfrentados pelo mercado editorial. Diríamos até que em se tratando de mídias digitais quando uma editora resolve publicar um autor já consagrado virtualmente, os bônus são exponencialmente superiores aos ônus.

---

<sup>47</sup> Não vamos explorar a morte do livro porque já fora amplamente discutida na academia. Publicações resultantes do GT **A literatura e os cibercaminhos** afirmam, não sem um pouco de euforia, que o livro “apesar de e graças a” Internet, está mais vivo e acessível do que jamais esteve. Tais publicações exploram a temática com mais fôlego do que nossa proposta atual. Basta destacar que a poesia, neste caso e nos últimos anos, sobretudo, ainda não galgou lugar de destaque. Os catálogos das editoras são mais do que suficientes para comprovar que seu espaço é incipiente se comparado ao de outros gêneros mais consagrados no mercado editorial.

Nesse sentido, o autor passa a partilhar com seu público não apenas o seu produto poético e literário, mas, inclusive, o processo de concepção desse produto, conforme é possível visualizar em postagem do *Instagram* do autor:

**IMAGEM 54:** Projeto Gráfico



Fonte: *Instagram*, publicações dos dias 12 e 23 de julho de 2014.

É como “uma espécie de corredor pelo qual passa a obra antes que se cumpra sua natureza social de criar um espaço de interação entre dos sujeitos: o autor e o leitor” (LAJOLO, 2018, p. 26). Tanto o autor, o editor e o leitor, nessa contemporaneidade, são responsáveis por esse tipo de curadoria, com cuidados e atenção a toda produção artística envolvida. Segundo Costa (2013), um fenômeno como Pedro Gabriel, com seu livro-arte-literatura, “é um grande sucesso, um divisor de águas que abrirá as portas para grandes inovações. E que o projeto gráfico criado entra como um terceiro elemento, além do texto e da imagem, enriquecendo ainda mais essa equação” (COSTA, 2013, s/p).

Nesse comunicar entre os sujeitos, há uma “onipresença da mídia audiovisual rivalizando com a mídia impressa, em especial com o livro, representa um dos aspectos importantes da discussão no contexto dos estudos de literatura” (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 63). O leitor na contemporaneidade não é um sujeito qualquer; ele está antenado às múltiplas sensações e significados, e torna-se, assim, um agente literário.

Ao passar a capa do **Segundo – Eu me chamo Antônio**, vemos uma contracapa com um fundo mais suave, desenhado com uma imagem de seu personagem, na qual há uma dedicatória ao leitor. Observamos, ainda, a comunicação entre as páginas iniciais e finais, onde o autor agradece a todos os envolvidos na publicação do livro, bem como o público leitor. Dessa forma, o escritor faz uma referência a todos os envolvidos nesse projeto:

Se no mundo esportivo o segundo carrega a amargura de uma quase vitória, na literatura poder publicar um livro depois do primeiro é um privilégio. Agradeço à Editora Intrínseca por me dar todas as condições de realizar mais uma etapa do meu sonho. Desde o ano passado, tive oportunidade de passar por diversas cidades do Brasil e ter um contato mais direto com vocês que me acompanham diariamente pelas redes sociais. Palavras não seriam suficientes para descrever o bem que me fizeram. Obrigado por vocês terem saído do mundo virtual e ido às livrarias. Obrigado por acreditarem no meu primeiro livro e, assim, terem possibilitado a publicação do *Segundo*. A gentileza (e a paciência!) de cada pessoa que ficou na fila para pegar um autógrafo ou simplesmente me dar um abraço, os presentes que ganhei, os sorrisos que pude ver, as lágrimas de felicidade estampadas no rostinho de cada um... Isso é indescritível! Ah, amigos e amigas reais ou virtuais, saibam que todos os agradecimentos que coloquei no primeiro livro continuam válidos para este segundo, viu? Mas, o bom da vida é que ela possibilita novos encontros; uns efêmeros, outros eternos. Michele, espero que o nosso seja para sempre. Obrigado, Pedro Gabriel. (GABRIEL, 2014, p. 189, grifos do autor).

**IMAGEM 55:** Dedicatória e agradecimentos



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, contracapa e p. 187-188).

A técnica de editoração feita no primeiro livro foi também bastante utilizada ao longo das páginas e principalmente nas folhas iniciais do **Segundo – Eu me chamo Antônio**. Os elementos pré-textuais são vistos, por alguns,

como uma continuação da capa, uma vez que devem ambientar e preparar o leitor para o que vem a seguir. As primeiras páginas que recebem o leitor são a de ante-rostro e em seguida a página de rosto. [...] a página ante-rostro ou falsa folha de rosto foi inventada quando os livros eram vendidos sem a capa, para proteger sua sucessora, que seria a página “protagonista”, com o título e autor do livro (SEHN, 2009, p. 74, grifo do autor).

A página de abertura desse livro cria elementos e relaciona-os com o contexto presente dentro do livro. O universo de **Segundo - Eu me chamo Antônio** circula por entre as estações do ano e pelos elementos terra, água e o ar. A escrita de seus pequenos fragmentos de prosa poética cria, aos olhos dos leitores, uma interpretação participativa com a narrativa de sua poesia pela busca permanente do seu amor.

Da mesma forma, versamos a respeito dos personagens, e na busca incessante por seu grande amor, certos momentos causam afetividade e questionamentos. No percurso do livro em análise, vemos situações inusitadas

diante de certa confusão, dores e tempestades que são transformadas em lágrimas de prantos. E assim, no enredo de seu segundo título, o autor demonstra medo para confessar que dizer eu te amo pode ser difícil demais e “de vil repasto transformam-se em metáforas obsessivas, prontas a repetir a cada instante quem somos, o que queremos, aonde vamos, ou mesmo o que não somos e o que não queremos?” (ECO, 2003, p. 17).

Em entrevista à Santos (2016) sobre o título do livro, o autor esclarece que tentou brincar com os vários significados da palavra **segundo**:

para ele pode dar a ideia de continuidade, o segundo como unidade de tempo. Pode também representar uma característica de seus poemas visuais que podem ser pensamentos que duram um segundo, pois são breves, sucintos e espontâneos. Segundo é também preposição, o que dá a entender que os pensamentos são do personagem Antônio (SANTOS, 2016, p. 140).

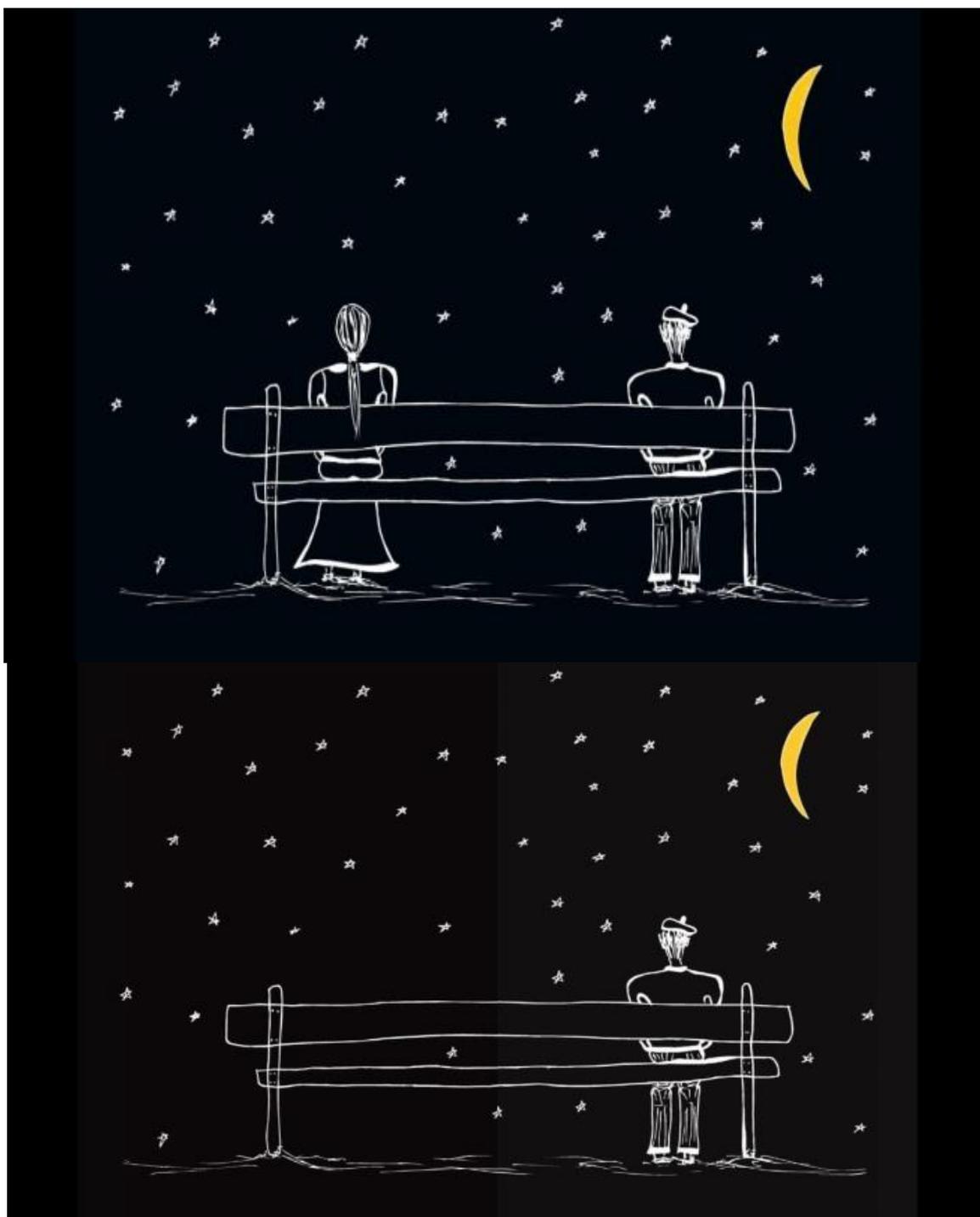
Diferente do primeiro livro publicado em que o amarelo preenche toda a página inicial dando a ideia de iluminação, neste ele está presente em apenas uma palavra, destacando-a. Cabe destacar a ambiguidade presente no título, já que faz referência tanto ao fato de ser o segundo livro do autor como a expressão “de acordo”, “conforme”.

**IMAGEM 56:** Título Segundo - Eu me chamo Antônio

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 1).

Logo após essa apresentação inicial, o autor caracteriza, nas segunda e terceira páginas, uma passagem de tempo ou uma transição em que os bancos da praça serviam de inspiração e bate papo noite adentro, até o dia amanhecer. Faz isso contando casos mais profundos de amor, como se estivesse ali dividindo a leitura com seu leitor. Nas primeiras páginas, temos a presença de uma mulher que desaparece nas páginas finais.

**IMAGEM 57:** Um convite ao leitor - Antônio na solidão



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 2-3 e 180-181).

O próprio autor tenta explicar sobre os silêncios e bancos das praças movimentadas, escrevendo a esse respeito em sua postagem no *Facebook*, em 29 de maio de 2019:

já esperei grandes histórias em pequenos bancos. E elas nunca apareceram. Eu já esperei pequenas paixões em bancos imensuráveis. Algumas até vieram. A gente nunca sabe exatamente a medida do que nos espera. Mas não há motivo para perder a esperança. O amor não precisa chegar, o amor já está. Ele é um banco silencioso e tímido e atento e cansado que aceita todos que passam por ele, mas só acomoda os que resolvem ficar (GABRIEL, 2019, s/p).

Essa capacidade reflexiva e de interpretação que o autor propõe aos seus leitores faz aproximar ainda mais os corpos de uma recepção, não apenas da palavra escrita, mas também de uma capacidade perceptiva mais apurada dos olhos, promovendo grande movimento do corpo, articulando a visualidade e a escrita nos seus processos multissensoriais.

**IMAGEM 58:** Um olhar sobre o **Segundo - Eu me chamo Antônio**



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 4-5).

Concluimos as páginas iniciais com o raiar do dia, iluminando o alcance das imagens ao título do livro, acrescentando seu nome

na transparência da linguagem. Embeber-se em sentimentos, transmitir emoções, amarrar-se em verdades científicas do tempo, fazer o sentido emergir de contornos claros e realçados por torrentes de luz que destacam massas e volumes...são alternativas de que se valiam prosadores e poetas (LAJOLO, 2018, p. 146).

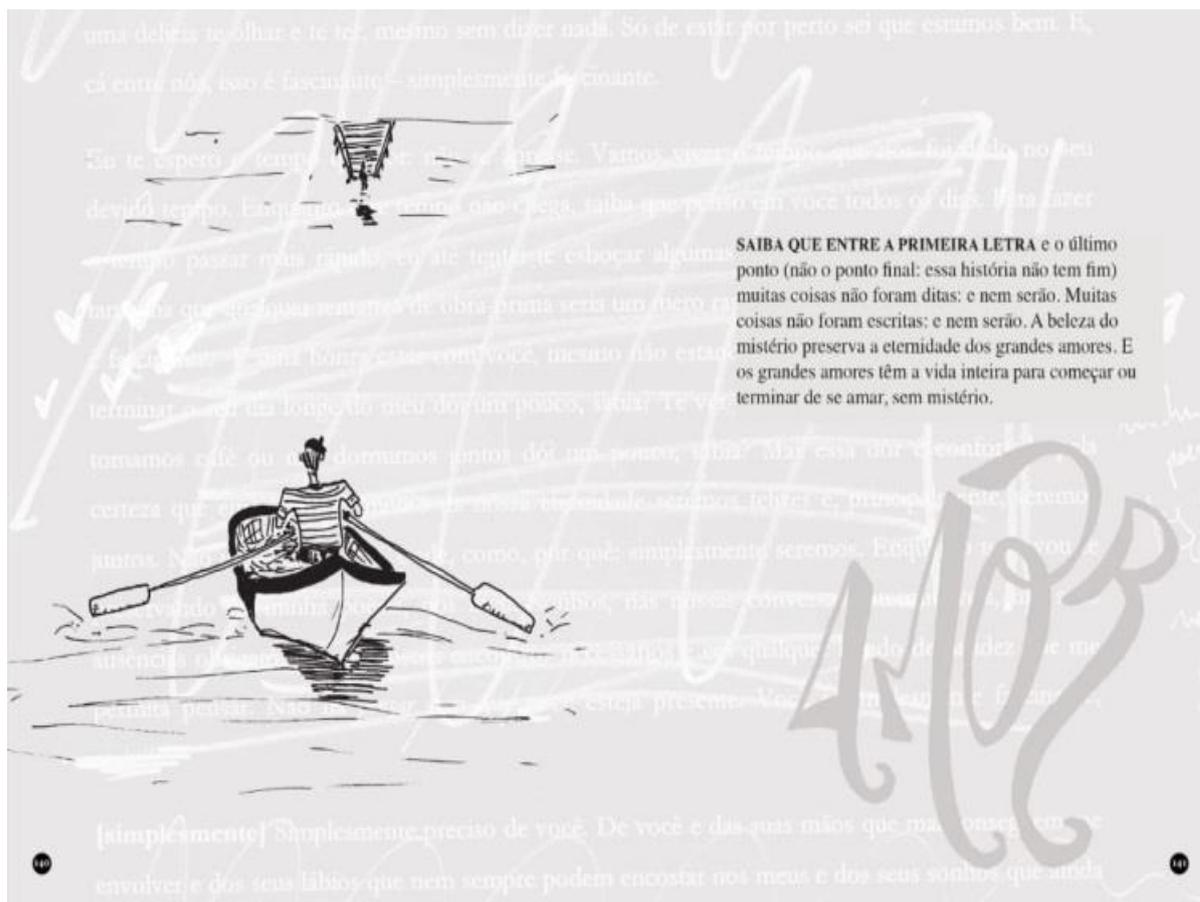
Essa caracterização dos livros de Pedro Gabriel é composta, de certo modo, por alternâncias de ritmos e estilos, sinais específicos e pontuações, de maneira que tal composição no estilo de ler e ver cria, com seu público, uma maior audiência. Sendo assim, o poder de criatividade e a capacidade de extrair novas formas aos sentimentos traz para esse segundo livro um momento de inovação ao longo de suas páginas.

Um conto é escrito ao longo do livro em pequenos trechos, alternados com suas poesias fragmentadas em guardanapos. Os trechos aparecem também nos intervalos de desenhos, bem como na comunicação de uma página com a seguinte. Antônio é o personagem de um romance que está sendo escrito, vivido, como ele mesmo afirma. E isso, inclusive, fica bem claro por meio da afirmação recorrente em suas páginas da Internet e, principalmente, nos escritos de seu segundo livro, onde

a novidade no traço fica por conta das técnicas de nanquim e xilogravura que se juntam à caneta hidrográfica para apresentar com delicadeza a busca de Antônio por sua amada. Segundo - Eu me chamo Antônio revela fragmentos do personagem, uma espécie de caderno de referências, rico em experiências amorosas, de encontros e desencontros (INTRÍNSECA, 2014).

Na sequência desse conto, em que as características da publicação têm formato próximo às de um desenho, observamos que Pedro Gabriel escreve um pequeno romance. Em um primeiro momento, ele fala de **saudade**, **silêncio**, **gentileza**, **liberdade**, **poesia**, **adeus**, **encanto**, **mentira** e **coragem**, para então concluir com a palavra **amor**.

**IMAGEM 59:** EnConto o meu amor



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 140-141).

Analisando o contexto do escrito desse pequeno conto, temos a convicção de que essa imagem próxima serve de alerta para o personagem de que a busca pela amada pode reivindicar grandes consequências. O recurso também chama atenção junto aos leitores para os seus versos. No entanto, segundo Chartier (2014):

A descontinuidade e a fragmentação da leitura não têm o mesmo significado quando são acompanhadas por uma percepção da totalidade textual contida pelo objeto escrito e quando a tela iluminada que nos possibilita ler fragmentos de escritos não mais exhibe os limites do *corpus* do qual são extraídos (CHARTIER, 2014, p. 23).

Estar em contato com o seu público leitor muitas vezes é expandir suas palavras, alternando ritmos para dar voz, que o amor há de vencer as adversidades, e nesse campo perceptivo, expor as fragilidades amorosas que de certo modo, para cada ausência, possibilita um novo conto e uma perspectiva poética de que ainda podemos ser felizes.

IMAGEM 60: Corazón



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 56-57).

Chama-nos bastante a atenção que essa forma de escrita literária ao longo da exposição desse pequeno conto traga certo experimentalismo, utilizando da prosa reduzida e buscando objetividade a fim de trazer, de certa forma, um olhar mais contemporâneo aos seus leitores. Fica evidente entre esses contos a transição dos guardanapos, que se articulam como no enredo dos antigos folhetins, dividindo as histórias em pequenos capítulos.

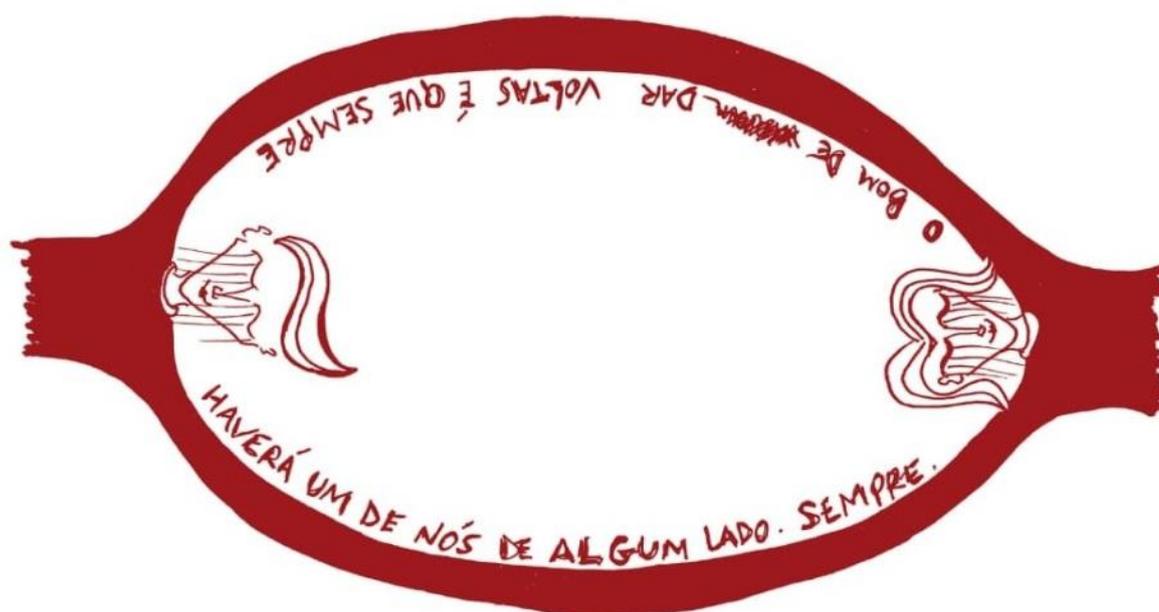
Na última parte do livro, ele escreve em primeira pessoa: o discurso do EU em **Lembrança Portátil**. Aqui, seu personagem Antônio opina sobre os clássicos de **Dom Quixote**, confessa não ter entendido o livro **Odisseia** e não ter lido **Ilíada**, mas afirma que leu um poema de sua amada. Fala dos poetas que compõem a sua estante, de seus choros através de seus personagens, da falta de amor entre as pessoas. Ainda em sua fala, escapa da vergonha de nunca ter lido um clássico, mas acusa a vergonha maior dos que nunca leram um poema seu. Essa capacidade confessional que Antônio declara, cuja tendência se mostra evidente na contemporaneidade, faz dele uma figura de destaque para o público leitor, já que

personagem e criador se confundem. Existem também, segundo Perrone-Moysés (2016),

evidências de que jovens escritores de hoje se sentem aprisionados por sua identidade étnica ou de gênero – incapazes de cruzar fronteiras, desencorajados por uma cultura na qual a televisão nos condicionou a aceitar apenas o testemunho literal do EU (PERRONE-MOYSÉS, 2016, p.105, grifo da autora).

Não é à toa que grande parte dessa experimentação surge diariamente no cotidiano das pessoas e esse formato em que as palavras ganham na contemporaneidade, vai mudando com o tempo. E, sem dúvidas, esse segundo livro do Pedro Gabriel, o significado de sua escrita, tornam-se fluidas assim como é uma criança que aprendeu a falar. Esses elementos, na forma de explicar, tornam as suas palavras livres de qualquer esconderijo que a mente humana deixou de nos compartilhar.

**IMAGEM 61:** A conexão de nós



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2014, p. 178-179).

Assim, concluímos a análise do **Segundo - Eu me chamo Antônio**, identificando que esse livro nos permite e convida à capacidade de enxergar e transcender os gêneros da contemporaneidade, percebendo sua capacidade de falar a muitas vozes, pois tratar as palavras requer também ouvir e de maneira correta expressar o que se pretende dizer. Entretanto, com o surgimento de novas formas híbridas de literatura e com os seus mais variados suportes, tal fazer literário descortinou novos caminhos, de maneira a provocar o estímulo da leitura e consequentemente despertar talentos, escritores e o surgimento de novas formas literárias, passíveis e possíveis graças aos cibercaminhos.

### 3.3 ILUSTRE POESIA

Pedro Gabriel lançou o seu terceiro livro chamado **Ilustre poesia** em 23 de agosto de 2016, após quase dois anos em processo de gestação. Um período relativamente curto, haja vista que o lançamento dos livros anteriores se deu simultaneamente, nos anos de 2013 e 2014. O autor afirma que existem mais de 2.000 mil guardanapos já produzidos e digitalizados, o que significa que há material para muitos livros. Mesmo assim, o conteúdo presente em sua terceira publicação não ficou restrito apenas ao universo dos guardanapos:

Desta vez, Antônio procura escapular do confinamento nos quadradinhos de papel dos guardanapos e ganhar a liberdade. Ao mesmo tempo, Pedro Gabriel explora galáxias, as profundezas do mar e os confins da terra em textos de prosa poética que podem ser lidos como uma espécie de correspondência com o personagem. O senso de humor, a irreverência e o gosto pelos trocadilhos são compartilhados pelo personagem e seu poeta (INTRINSECA, 2016, s/p).

Conforme é possível perceber na apresentação da editora, Antônio é um personagem de uma obra poética, o que corrobora com o caráter cada vez mais híbrido das publicações do autor. Analisando de uma maneira mais ampla, Antônio é o personagem de uma **ficção poética de autoajuda**, conforme catalogado nas fichas dos três livros.

**IMAGEM 62:** Ilustre Poesia



Fonte: Postagem do *Tumblr* do autor, dia 29 de agosto de 2016.

Uma característica comum nos livros de Pedro Gabriel é a **visual writing** (em livre tradução: escrita visual). Tal característica pode ser verificada, sobretudo, em virtude de serem textos migrados do hipertexto. Conforme aponta Bolter (1991):

O texto eletrônico é, como um texto oral, dinâmico. Os ouvintes homéricos tiveram a oportunidade de afetar a narração da história com seus aplausos ou desaprovação. Esses aplausos e desaprovação compartilhavam o espaço auditivo em que o poeta se apresentava e tornava-se parte daquela performance particular, assim como hoje o aplauso do público é frequentemente preservado nas gravações de músicos de jazz. O espaço da escrita eletrônica também é compartilhado entre autor e leitor, no sentido de que o leitor participa da convocação e da definição do texto de cada leitura particular. O imediatismo e a flexibilidade da apresentação oral, que foram marginais na cultura antiga e ocidental por mais de dois milênios, emergem mais uma vez como definidores da qualidade do texto no computador. No entanto, permanece uma grande diferença entre a poesia oral e o silêncio da escrita eletrônica. Com o texto eletrônico, tanto o escritor quanto o leitor estão cientes de que estão manipulando signos dentro de um sofisticado sistema de escrita visual. A capacidade de resposta do meio do

computador é equilibrada pelo distanciamento e abstração da própria escrita visual (BOLTER, 1991, p. 59)<sup>48</sup>.

Analisando as publicações impressas do autor, temos a impressão de que suas histórias parecem reais. Poucos escritores sabem escrever visualmente, o que constitui a busca pela “totalidade do meio visual na criação de um efeito, incluindo todas as coisas que acompanham uma imagem visual para transmitir um reflexo da vida. Isso também se aplica aos livros, porque as descrições de cenário e drama do autor criam imagens mentais” (COLE, 2003, s/p).

Tais características passam pela construção e pelo entendimento de seu personagem principal, Antônio, incluindo seus dramas, amores, símbolos, motivos e conjunto de caracteres. Dentro da perspectiva que aqui analisamos, sobretudo em função da identidade visual e digital que seu texto ganha, principalmente na parte estética, compreendemos que a formação acadêmica do poeta em muito colabora para definir seu método de criação.

Como apresentamos anteriormente, o primeiro livro, **Eu me chamo Antônio**, tem como característica principal os guardanapos produzidos no Bar Café Lamas, considerando um livro **mediático**. Neste abrir de portas para o livro impresso, o autor deixa o seu *alter ego* à vontade e apresenta-se como um bom amigo, dando as boas-vindas ao seu universo literário. Já no **Segundo – Eu me chamo Antônio**, comporta-se com uma característica mais sólida, explorando momentos poéticos de seus guardanapos e extrapolando os limites dos guardanapos com ilustrações, e inclusive, explorando os limites do próprio livro. Escrevendo ao longo do livro pequenos contos que se somam a uma breve prosa poética cuja temática debruça-se sobre a busca de um grande amor – permitindo-nos, dentro da hibridez a qual identificamos os livros, considerá-lo como um **folhetim**. Nesse caso, a diferença está na mudança de suporte, pois em sua formação inicial os folhetins eram escritos em

---

<sup>48</sup> Em livre tradução do original: “Electronic text is, like an oral text, dynamic. Homeric listeners had the opportunity to affect the telling of the tale by their applause or disapproval. Such applause and disapproval shared the aural space in which the poet performed became part of that particular performance, just as today the applause of audience is often preserved in the recordings of jazz musicians. The electronic writing space is also shared between author and reader, in the sense that the reader participates in calling forth and defining the text of each particular reading. The immediacy and flexibility of oral presentation, which had been marginal in ancient and Western culture for over two millennia, emerges once again as defining quality of text in the computer. However, there remains a great difference between oral poetry and the silence of electronic writing. With electronic text both writer and reader are aware that they are manipulating signs within a sophisticated visual writing system. The responsiveness of the computer medium is balanced by the distancing and abstracting of visual writing itself” (BOLTER, 1991, p. 59).

jornais e, posteriormente, publicados em livros. Logo, Pedro Gabriel faz uma análise de suas publicações nas mídias sociais, escrevendo pequenos fragmentos poéticos e transferindo-os para os livros. Por entre suas páginas, ele também traz a prosa com uma pequena história de amor.

Este longo caminho percorrido por Pedro Gabriel fecha um ciclo de uma história de amor vivida em seus espaços digitais e que ainda continua viva e escrita, assim como ele mesmo a forma em suas plataformas. Na sua forma de pensar, a chegada do **Ilustre poesia** marca uma ruptura. De acordo com a matéria publicada no site da Editora Intrínseca, Pedro Gabriel explica o verso da criação – a escolha do nome:

Ilustre é um adjetivo de dois gêneros que qualifica uma pessoa estimada, que se destaca por ser conhecida, que tem qualidades dignas de apreço. Ilustre também adjetiva o que é nobre. Logo, ser ilustre é ser digno, é ser importante, é ter destaque. Mas ilustre também representa a primeira e a terceira pessoas do singular do verbo “ilustrar”. Ilustrar nada mais é do que tornar ilustre, esclarecer, elucidar ou adornar algo com ilustrações (GABRIEL, 2016c, s/p, grifo do autor).

Ou seja, Antônio torna-se uma ilustração ilustre, digna de um percurso de sucesso, capaz de migrar das páginas gratuitas da Internet para as pagas nas livrarias e, ainda assim, manter o sucesso e um público leitor amplo. À luz dessa análise e reflexão a respeito dos três livros de Pedro Antônio Gabriel, podemos elucidar, conforme apontam as pesquisadoras Aniceto e Nogueira (2019), em conformidade às discussões propostas por Nicholas Carr (2011), que

os avanços da tecnologia do livro mudaram a experiência pessoal de leitura, mas também da escrita. Compreendemos assim, mais nitidamente, que a tarefa significativa do autor diante do advento do impacto tecnológico tem sido libertar a literatura da ideia de obra fechada e de acesso limitado. Com isso, a produção literária adquire um caráter mutante e uma abertura para a leitura, mas, sobretudo, para a criatividade e a construção do fazer literário (CARR, 2011 apud ANICETO E NOGUEIRA, 2019, p. 57).

O autor explica por meio de uma nota (2016, p. 222) que **Ilustre poesia**, “fecha um ciclo de três livros que começou a ser desenhado no final de 2012”. Assim, a lombada deste livro apresentada agora na cor vermelha, encerra a trilogia. Além disso, ele “explora um terreno novo em textos de prosa poética que podem ser lidos como uma delicada correspondência com seu personagem” (GABRIEL, 2016, primeira orelha). Ainda que a capa e a primeira orelha deixem para os leitores um

farol, um guia de orientação para o que se espera dessa publicação, a apresentação do livro continua dizendo que:

Antônio, personagem de um romance que ainda está para ser escrito, ficou famoso por despejar traços e versos em guardanapos durante suas noitadas no bar. O que ninguém imagina é que, depois de aparecer em dois livros de sucesso, ele se sinta um tanto oprimido pelos limites impostos pelos quadrinhos de papel. Pedro Gabriel é o autor que deu forma e visibilidade a essas criações ao iniciar a página *Eu me chamo Antônio* no *Facebook* e no *Instagram* e publicar *best-sellers* *Eu me chamo Antônio* (2013) e *Segundo* (2014). Em seu terceiro livro, *Ilustre Poesia*, fantasia e realidade colidem. Criador e criatura dialogam por meio de palavras e ilustrações. Viajam pelo espaço sideral, pelas profundezas do mar e pelos confins da terra em busca do mesmo sentimento: a liberdade. Nas primeiras páginas fica evidente a rebeldia de Antônio, que se dirige diretamente ao leitor de uma forma inédita, numa sequência influenciada pelas *graphic novels*. Por sua vez, Pedro Gabriel também explora um terreno novo em textos de prosa poética que podem ser lidos como uma espécie de delicada correspondência com seu personagem. O senso de humor, a paixão pelas palavras e o lirismo são características compartilhadas por Antônio e seu poeta. O desfecho inesperado abre um universo de possibilidades para os dois (GABRIEL, 2016, primeira orelha, grifos do autor).

**IMAGEM 63:** Ilustre Poesia – Dedicatória



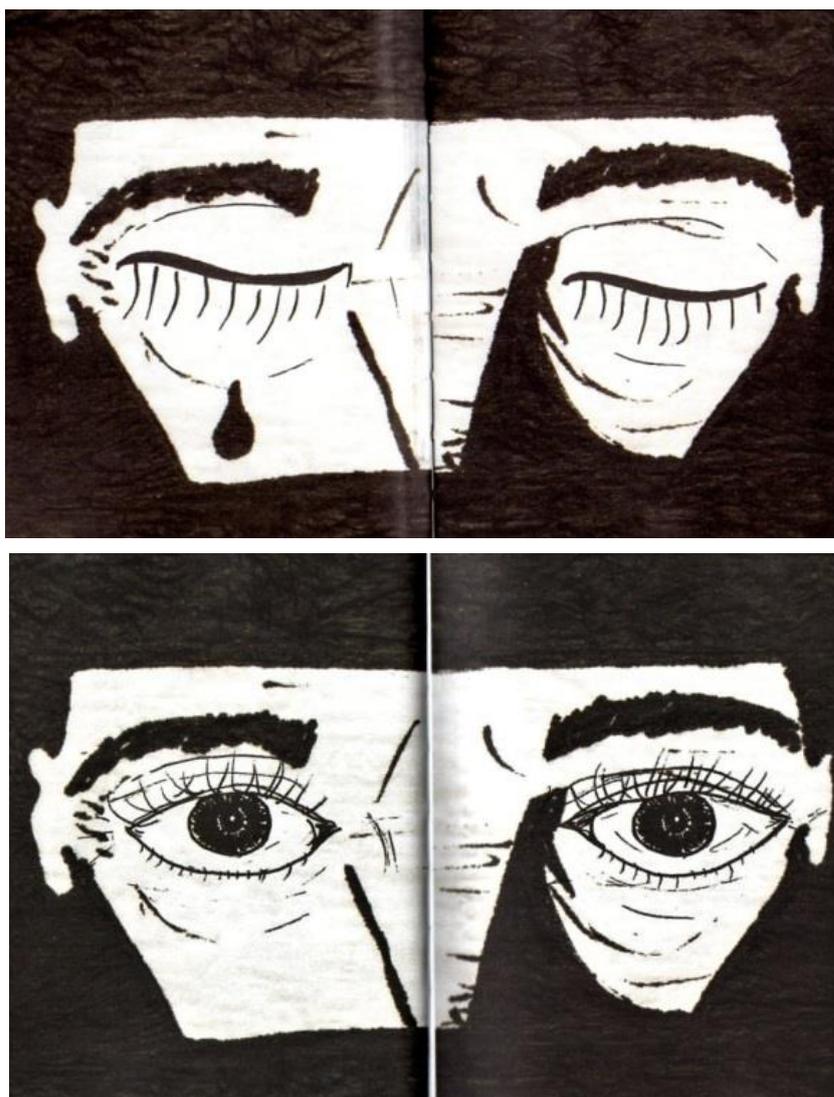
Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, guarda).

É interessante notar que os guardanapos de Pedro Gabriel alcançaram na Internet a sua popularidade e caracterizaram uma trilogia coerente de postagens e imagens em geral. A esse respeito, Aniceto e Nogueira (2019) relembram Domingues (1997), afirmando que as publicações no meio impresso

não se limitam a um começo e a um fim, pois são interativas, podendo ser interrompidas, sem que se obedeça a uma sequência linear das obras, pois elas não se fixam. Sendo assim, o que se tem a partir da arte tecnológica, é “o fim das verdades acabadas, do imutável, do linear” (DOMINGUES, 1997 apud ANICETO E NOGUEIRA, 2019, p. 60, grifo das autoras).

As páginas dos livros continuam se conectando. A folha de guarda e a folha anterior ao sumário do livro, que se encontra na página 212, chamam nossa atenção para a imagem publicada, e é exatamente nesse cuidado e compromisso de trabalhar pela mudança de percepção que tais performances, ao longo de **Ilustre poesia**, causam sensações sinestésicas e efeitos cinematográficos.

**IMAGEM 64:** Olhos Tristes - Olhos da realidade



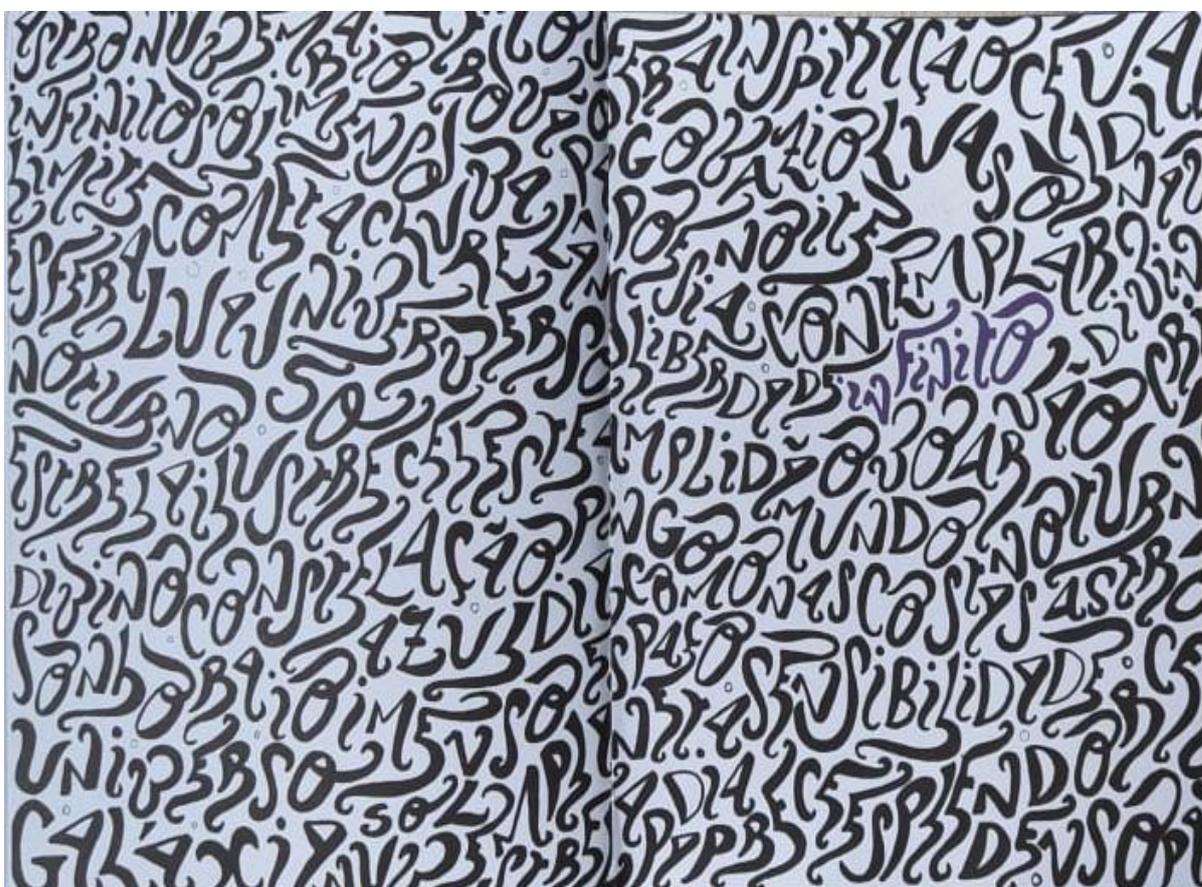
Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 2-3 e 212-213) e publicações do *Instagram*, em 15 e 16 de Abril de 2019.

A folha de guarda de **Ilustre poesia** traz novamente a capa do livro, o seu universo particular, “onde ele dirige diretamente ao leitor de uma forma inédita, numa

sequência influenciada pelas *graphic novels*” (GABRIEL, 2016a, orelha, grifo do autor). Após essa folha, há um poema com os guardanapos que conta a história de seu personagem, Antônio. Essa sequência é estendida das páginas 7 a 37 e, inclusive, foi transformada em música pelo grupo **Versos que Compomos na Estrada**, tendo sido lançada na 24ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no ano de 2016.

É interessante notar que após a apresentação inicial do personagem Antônio, o livro se divide em três partes. Na primeira parte, a cor predominante é preta, na segunda, a cor é o azul e, na terceira parte, há o predomínio da cor vermelha. Para cada transição dos capítulos, o autor utiliza um labirinto de palavras e um desenho com o título na sequência, antes de desenvolver a sua prosa poética.

**IMAGEM 65:** Labirinto de palavras – Parte I



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 38-39).

As capas que fazem a transição das três partes de **Ilustre poesia** servem para prender a atenção do leitor. Estabelece-se uma expectativa de continuar a

leitura e as alternâncias entre cada prosa poética, produzindo um efeito sígnico cuja potencialidade de conexão possui

cada uma com sua personalidade, sua força, sua fraqueza. Cada uma com suas cores, seus temas, seus sentimentos. Cada uma com sua aparente independência. Digo *aparente* porque nenhuma é capaz de sobreviver por muito tempo sem a existência da outra (GABRIEL, 2016c, grifo do autor).

**IMAGEM 66:** Parte I – À espera de uma colisão



Fonte: Postagem do *Tumblr*, publicado dia 29 de setembro de 2016.

Ao longo da primeira parte do livro, Pedro Gabriel explora a visão do universo com os olhos da imaginação, dialogando com os avanços da tecnologia. Ele intercala sua prosa narrativa com a poesia fragmentada, rica em metáforas e imagens: “Nesse momento de esgotamento do moderno e superação das vanguardas, instaura-se o consenso de que é possível recolher as forças em decomposição da modernidade numa espécie de apoteose pluralista” (SIMON, 2011, s/p).

Essa multiplicidade, na qual a literatura contemporânea se expande, amplia o olhar e grau de liberdade em que goza o artista. Os acontecimentos extrapolam os limites do papel em branco, criam um alcance por intermédio de sua poesia e uma

capacidade de deixar o leitor livre para aquilo o que pode dar sentido à sua vida. Nesse contexto, híbrido e plurívoco, a diversidade tem encontrado seus modos de produção, exposição, reprodução e recepção, caracterizando e ampliando uma variedade de estilos, formas e práticas cada vez mais crescentes na contemporaneidade. A literatura explode em sonoridade, tons e semitons, reconquista em movimentos, visualidade, sonoridade e improviso. Essa capacidade de transformação da linguagem completou o homem, e certas palavras revivem o fascínio pela linguagem e o poder que ela nos aponta para o provisório da criação. A poesia ultrapassa o espaço dos versos e das estrofes, espalha-se para além do hipertexto e ganha, nas páginas impressas, formas, cores e um ritmo para além da versificação clássica: o poeta dança com as possibilidades.

**IMAGEM 67:** Dança do Universo

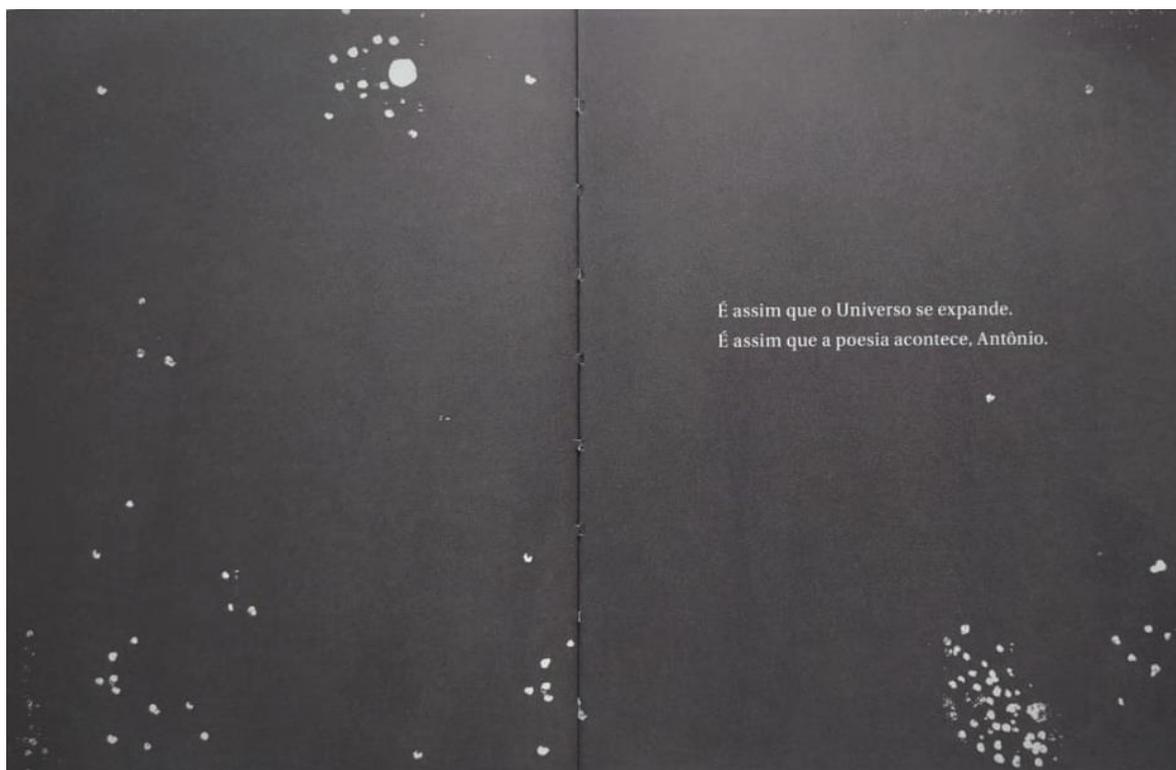


Fonte: Publicação do *Facebook*, publicada dia 10 de outubro de 2019.

A poesia à espera de uma colisão traduz o lado onírico de Antônio: “É a busca pelo mundo da inspiração, da imaginação. É o despertar da poesia dentro do personagem. Ele descobre que o espaço, às vezes, se expande para dentro de nós. Somos maiores quando nos encolhemos em nosso próprio universo” (GABRIEL, 2016c).

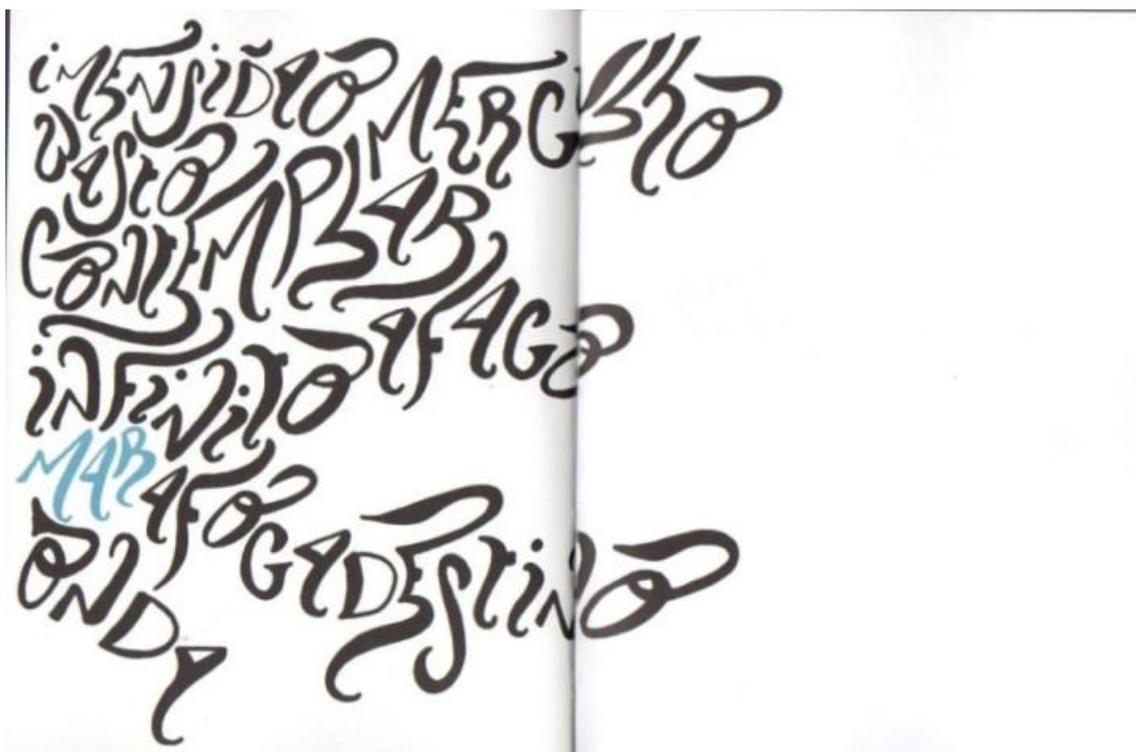
Ainda nessa parte do livro, “esse infinito”, Pedro Gabriel extrai ao máximo de sua criatividade e vem relacionar ao nascimento da poesia a uma colisão, a galáxia ao poema, às estrelas, à lua, aos planetas, ao átomo; onde “dessa dança, nascem todas as mudanças do Universo” (GABRIEL, 2016, p. 48). As diversas formas de linguagem funcionam com uma riqueza de sentidos e sentimentos capazes de deixar o personagem Antônio marcado ao longo de seu poema com uma cicatriz ou uma exclamação vinda de uma estrela cadente. Esses traços marcantes de Pedro Gabriel são fontes inesgotáveis de inspiração e trazem para os seus leitores um encantamento capaz de deixar suas palavras mais visíveis aos olhos do leitor.

**IMAGEM 68:** A expansão da poesia



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 94-95).

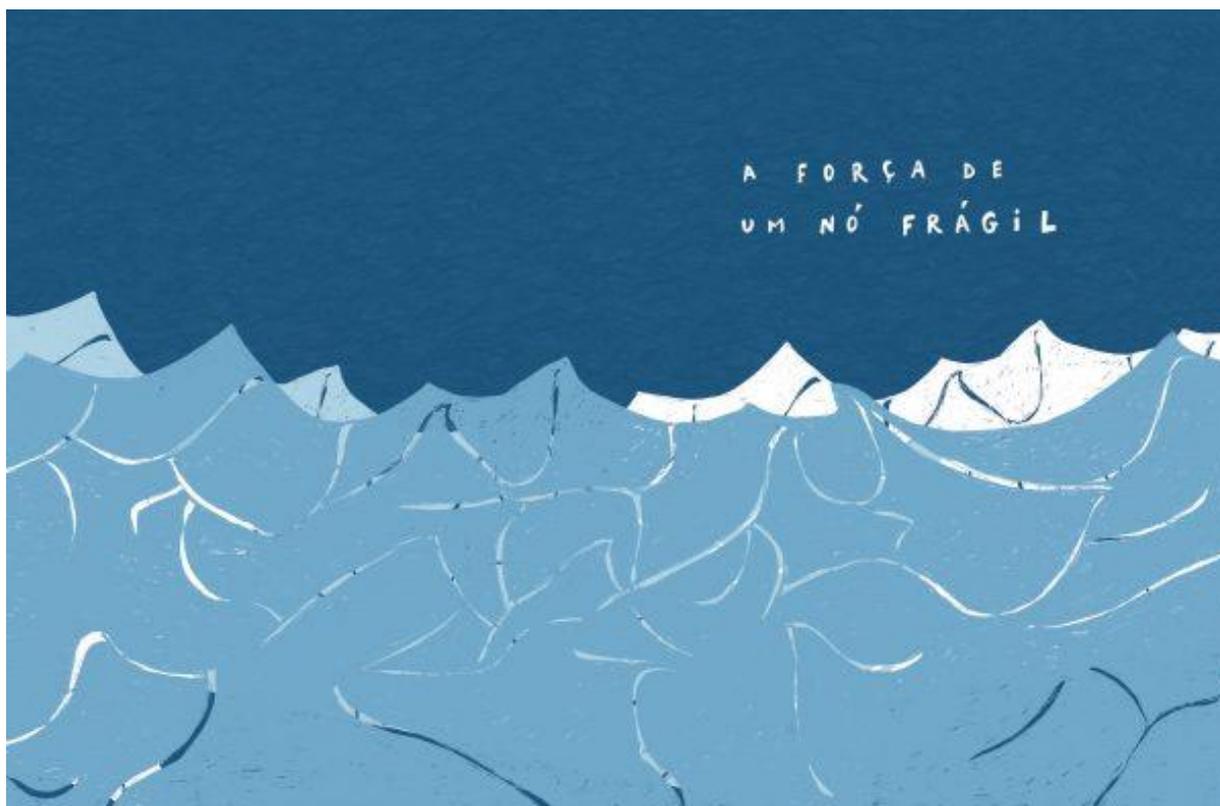
A expansão da poesia de que tanto o poeta fala parte do princípio de poder articular a ideia de cultura na contemporaneidade, e “experimentar a necessidade de recorrer à evocação lírica, chegando mesmo a inserirem versos no curso de uma narração” (ECO, 1990, p. 73).

**IMAGEM 69:** Labirinto de palavras – Parte II – Infinito Mar

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 96-97).

Na segunda parte do livro, Pedro Gabriel emerge do mar à procura do sujeito poético dialogando com seu personagem Antônio, suas dúvidas e seus incômodos que, segundo ele, consegue se “conhecer a fundo quando abandono de vez a minha superfície” (GABRIEL, 2016, p.100). Tanto é que mergulha fundo em seus oceanos à procura da melhor palavra, de modo a demonstrar que a “poesia existe justamente para transcrever ou tentar descobrir, com uma linguagem própria” (GABRIEL, 2016, p. 101).

**IMAGEM 70:** Parte II – A força de um nó frágil



Fonte: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/09/o-verso-da-criacao-a-colisao-o-no-e-as-palavras>.  
Acesso em: 26 mar. 2020.

Os medos com os quais o poeta se assusta apresentados em seus livros impressos revelam certo desconforto. É a força de um nó frágil, que

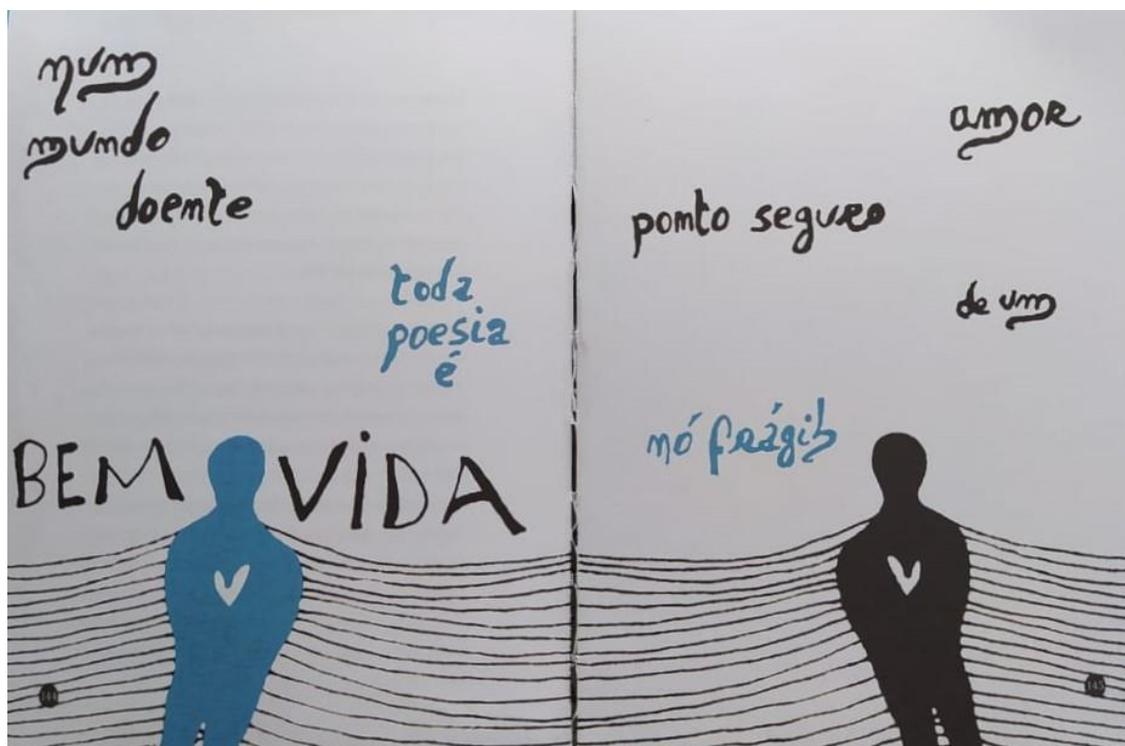
aborda assuntos mais confusos, imprecisos: o caos da criação. As ideias chegam feito ondas gigantes. Elas precisam de calma. Os traços surgem feito incontroláveis. Eles necessitam de tranquilidade. Essa parte representa a busca pelas referências no processo criativo. A própria imagem do mar reforça essa ideia de movimento constante, de bagunça infinita, de rumo impreciso, mas sempre em busca de algo preciso. A originalidade? Talvez (GABRIEL, 2016, s/p).

Notamos a trajetória das vanguardas iniciadas no Modernismo no Brasil, e que tal movimento emplaca até hoje e projeta na contemporaneidade do século XXI um abrigo para ir mais fundo e descobrir uma linguagem própria. Com o advento da Internet, a poesia se reinventa, e há de se esperar uma novidade do Brasil e sua forma para produzir cultura e aspirações. Do ponto de vista para este momento e visão de mundo, traz o desejo de ser livre para o uso das palavras e atesta que

nossa pele também esconde nossas profundezas. Para os menos delicados, ela age simplesmente como a primeira linha de blindagem do nosso físico. Ela é apenas um limite. Um órgão como qualquer outro do nosso corpo. Pessoas indelicadas não entendem os nossos mistérios. Elas só sentem por fora (GABRIEL, 2016, p. 103).

Percorrer os caminhos de Pedro Gabriel é navegar por espaços múltiplos. É necessário sentir o que sua poesia quer dizer de maneira concreta para depois aprofundar nossos conhecimentos teóricos sem o preconceito de rejeitar esse algo de inovador que suas palavras têm: “Parece que temos medo de nos aproximar definitivamente do que somos. Parece que nos falta coragem para nos encontrarmos permanentemente conosco” (GABRIEL, 2016, p. 138).

#### IMAGEM 71: Porto Seguro



Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 144-145).

A necessidade de (se) fazer poesia nasce da capacidade de enfrentar as tempestades, assim como acontece com o personagem Antônio, ao acreditar que o amor precisa ir, no amor-próprio ou no do outro, pois é nesse sentido que se cria uma obra literária, ancorada na realidade da imaginação, conforme Lajolo (2018):

Assim, até mesmo os mundos fictícios [...], os olhos oblíquos e dissimulados [...], os labirintos degradantes e assustadores [...], a terra do nunca [...], tudo

[...] – tem um fundo de verdade. Ou seja, o compromisso da literatura com um mundo possível não abandona o projeto de fazer do presente seu ponto de partida ou de chegada (LAJOLO, 2018, p. 59).

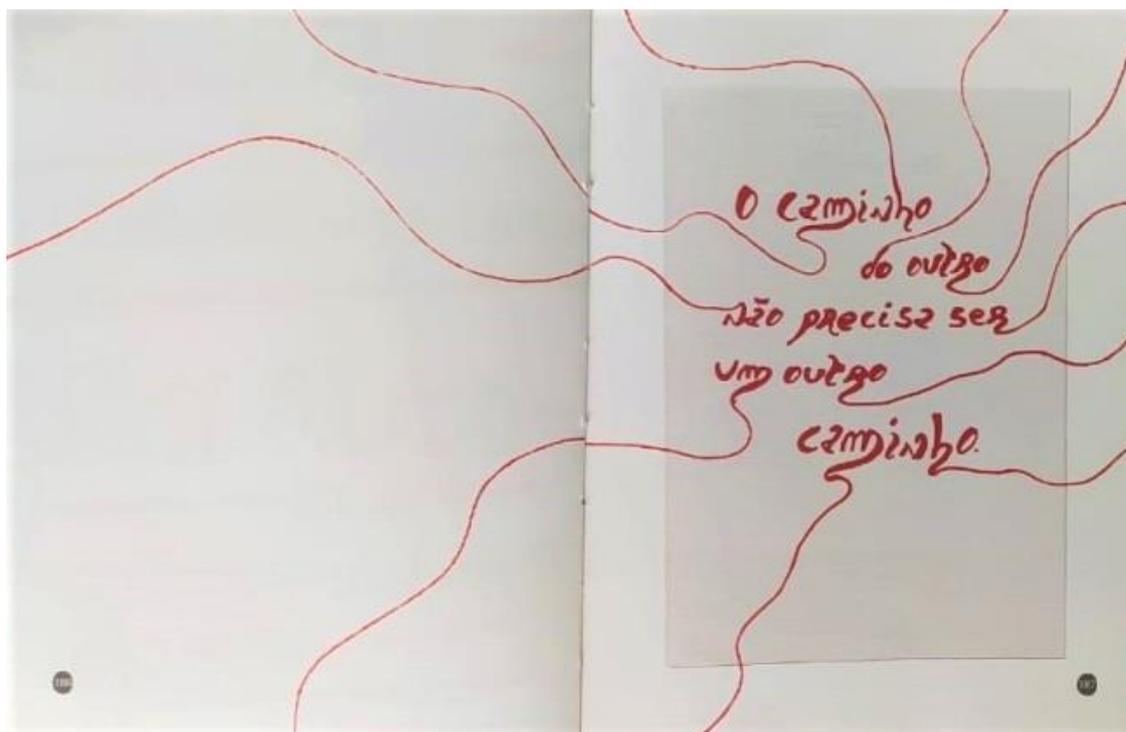
É diante dessa compreensão do mundo, do eu e do outro, que as palavras encontram um destino.

**IMAGEM 72:** Parte III – O destino das palavras



Fonte: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/09/o-verso-da-criacao-a-colisao-o-no-e-as-palavras>. Acesso em: 26 mar. 2020.

Nas primeiras páginas da terceira parte do livro, o autor traz uma introdução tecida pelos guardanapos com sua poesia fragmentada, promovendo significativo impacto com sua leitura. Esse momento de apresentação do seu EU lírico expressa a importância das palavras e a necessidade do personagem Antônio na busca de autoconhecimento. Assim, justifica que “o caminho do outro não precisa ser um outro caminho” (GABRIEL, 2016, p.187).

**IMAGEM 73:** O caminho

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 186-187).

Essa consciência que o poeta demonstra dialoga com o cuidado de suas palavras e com o caminho a seguir. Seus pontos de vista fazem com que tais discursos ganhem

uma tal complexidade de forças atuantes que ela é reveladora de uma compreensão de arte como algo pulsante e vital para o artista e para a sociedade, mesmo que em tempos de falta de definições precisas para o que estava situado no âmbito do sagrado ou do profano (SCRAMIM, 2015, p. 16).

Para tanto, o caminho iniciado nas vanguardas do Modernismo, ao redor dos anos de 1920, como formas reivindicadoras de uma literatura brasileira moderna, bem como o trabalho desenvolvido nas décadas de 1950 e 1960, que inovaram uma linguagem experimentalista, são perspectivas “mas aproximáveis pela sua concepção de lírica entre moderna e tradicional [...] vistos por um ângulo estreito da sobrevivência de certos hábitos estilísticos” (BOSI, 2017, p. 519-520).

Certos hábitos estilísticos tornam-se referências para muitos poetas. Já nos “anos 1970 exigiriam um discurso à parte sobre a poesia mais nova que vem sendo escrita” (BOSI, 2017, p. 521). Atualmente, os poetas do século XXI têm feito do uso

das plataformas digitais uma presença marcante, indefectível, de uma forte autoconsciência literária.

Diante do quadro atual, a literatura aparece como um divisor de águas, um marco para entender a importância do que é o contemporâneo. Na terceira parte do livro **Ilustre poesia**, o autor destaca que

o destino das palavras, é a parte mais consciente do livro e é marcada por um desfecho inesperado que abre infinitas possibilidades sobre o futuro do Antônio – o personagem – e do Poeta Desconhecido – o narrador desse final. Todo livro, no fundo, é uma tentativa de responder a uma grande pergunta. *Ilustre Poesia* não busca respostas, mas, sim, mais e mais e mais perguntas. Não me pergunte por quê (GABRIEL, 2016, s/p).

Entretanto, buscar respostas para tais questionamentos é talvez abrir os olhos para enxergar na escuridão uma inalcançável luz. O mundo de hoje ganhou uma nova significação com valores, crenças e “todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão” (TODOROV, 2010, p. 90). O estudioso ainda afirma que “é nessa comunicação inesgotável, vitoriosa do espaço e do tempo, que se afirma o alcance universal da literatura” (BÉNICHOU, 1995 apud TODOROV, 2010, p. 94).

Esse encontro com as palavras – momentos que Pedro Gabriel consegue eternizar – mesmo que incomode seus sentimentos, evidencia diante de seus caminhos pequenas rugas e “esses são o destino dos que acreditam nos sonhos. Ser feliz deixa marcas, Antônio” (GABRIEL, 2016, p. 193). Muitas indagações são criadas em torno das características do poeta, mas quis o destino certificar que,

em algum lugar dentro da sua pele tão delicada, nossas futuras palavras estão à espera do tempo exato para romper essa gramatura frágil de papel para poder, enfim, emergir – com toda a força que elas têm – na cara, no corpo e na alma do poeta (GABRIEL, 2014a, s/p).

Seria impossível se Pedro Gabriel não tivesse se identificado à sua linguagem literária e à sua marca inconfundível, criada por meio de suas mídias sociais. Ele revoluciona sua tipografia, suas formas, seus desenhos, imagens, metáforas, dentre outras, e encontra um sentido particular de comunicação com seu público<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> A título de repetição, é importante frisar que a estatística de vendas do livro **Ilustre poesia** inclui o livro impresso e os *e-books*, totalizando 12.596 exemplares vendidos. Se comparado aos dois primeiros, este foi o menos vendido do autor. Consideramos esse livro um grande marco transformador do amadurecimento do poeta, mas resta aos estudiosos da literatura brasileira

**IMAGEM 74:** Antônio o personagem

Fonte: Reprodução do livro (GABRIEL, 2016, p. 200-201).

A história da poesia não se faz sem a análise e apreciação de textos e observações estilísticas. A literatura procura estabelecer as vastas teias que ampliam o nosso movimento, de modo a transmitir o que de mais significativa possa revelar, nesses vieses, nossa arquitetura e referencialidade. É necessário encontrar um terreno firme que se estende a um novo horizonte: “nesta perspectiva é possível analisar a estratégia alternativa de representação, em que a tendência experimental modernista de criar formas heterogêneas e híbridas em diversos regimes expressivos” (OLINTO; SCHØLLHAMMER, 2002, p. 78).

**Ilustre poesia** percorre caminhos narrativos que levam os leitores a pensarem por si mesmos e a seguirem o seu próprio coração. O autor revela também os mistérios escondidos, na certeza de que “a poesia não me bastava. [...] Inclusive precisava aflorar o acúmulo de palavras adormecidas” (GABRIEL, 2016, p. 203). A obra possui menos poemas em relação aos outros dois livros já produzidos:

A poesia de Pedro Gabriel, antes concebida única e exclusivamente em guardanapos, agora também divide espaço com poemas confeccionados para além deste suporte, utilizando-se das páginas pertencentes ao próprio produto literário. Notamos o espelhamento de alguns poemas com o auxílio

---

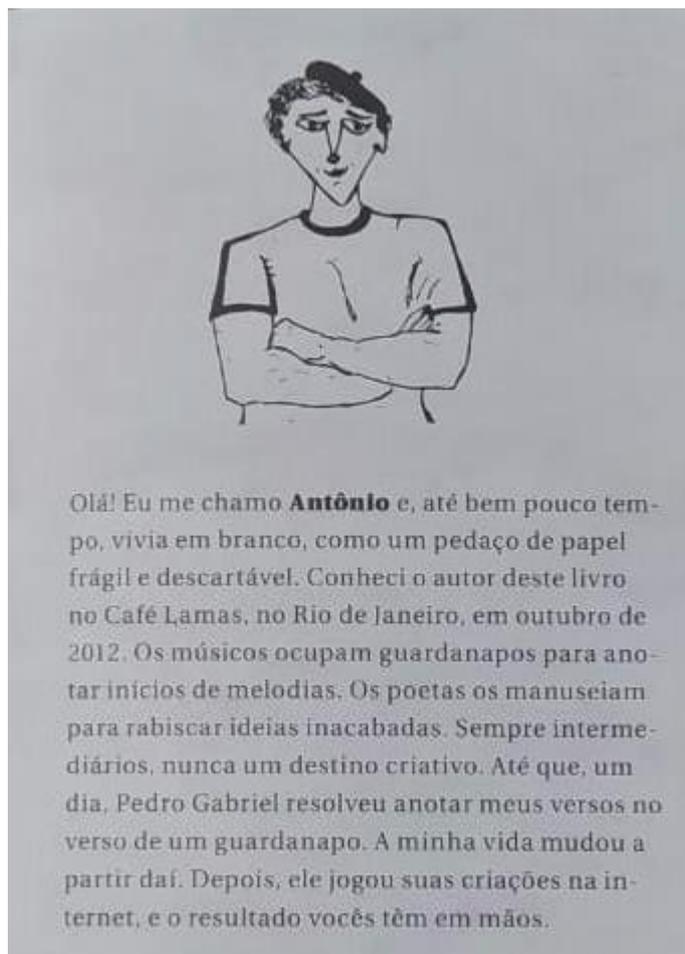
contemporânea aprofundarem e investigarem os motivos que justifiquem uma baixa vendagem se comparado com os anteriores – esta discussão não é, por enquanto, o foco da presente pesquisa.

de programas computacionais, bem como montagens repletas de palavras complexamente desenhadas pelo autor; intrincadas teias de vocábulos que, a cada leitura, se resignificam (CELESTE, 2018, p. 105).

Essa inquietação provocada pela literatura contemporânea revela que “um pensamento do hibridismo é necessário, nas suas manifestações. De certo modo, a própria poesia aponta para ele, ao colocar em primeiro plano a difícil questão de seus limites, de suas margens; ou seja, no fundo, a questão de seu outro” (SCRAMIM, 2015, p. 33).

A linguagem de Pedro Gabriel, sem elevar a sua voz, é repleta de uma sensibilidade capaz de “sair do esconderijo – o verso do guardanapo” (GABRIEL, 2016, p. 207). Manifestar essa obra e explorar seus rabiscos em **Eu me chamo Antônio** poderia evocar **esperança, ausência, saudade, coragem, amor, distância**. Essa nova prática de libertar a sua poesia é retrato, é ponta de lança, “uma nova forma de lidar com o tempo e com a poesia que nascia naquele momento” (MARINHO apud SCRAMIN, 2015, p. 145).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Pedro Antônio Gabriel

O presente estudo teve como característica principal apontar possíveis perspectivas para a poesia contemporânea brasileira e suas mutações, debruçando-se a respeito da produção poética de Pedro Antônio Gabriel no espaço digital e impresso. Com a expansão da galáxia digital eletrônica em nosso cotidiano, a literatura vem dialogando, inovando e ganhando cara nova, refletindo a passagem de um tempo em que as palavras ganham liberdade, capazes de permitir ainda mais e outros caminhos aos poetas. Olhar para a literatura na contemporaneidade é reconhecer essa nova faceta, na qual os recursos estéticos e interartísticos atuam em uma arquitetura participativa que envolve a colaboração e a expansão da inteligência cognitiva.

As mudanças são muitas e constantes, o que torna o seu estudo um grande desafio: isso porque os fatos, os dispositivos e os fenômenos mudam no momento exato em que os observamos. Essa multiplicidade de criação literária influencia a

expansão dos recursos gráficos, estéticos e na inovação em relação às formas anteriores, potencializando a cultura brasileira e realçando essas práticas de leitura e de escrita, abarcando, como consequência, uma nova identidade. Nesse cenário, nos deparamos com a poesia de Pedro Antônio Gabriel, e o ponto de partida da análise contida nesta dissertação percorreu alguns caminhos, tais como o conhecimento de sua biografia, suas mídias sociais e seus três livros publicados, de modo que tivemos a preocupação de observar, também, suas inspirações poéticas.

A realidade da poesia contemporânea vem decidida a ser a nova face no cotidiano das pessoas e coube investigar a importância de textos escritos, os quais migraram da superfície das telas eletrônicas para o papel, e vice-versa. Assim, os seus guardanapos tornam-se parte de um circuito comunicacional que abarca o ciber caminho, o ciberespaço, a cibercultura e a ciberarte.

Diante do estudo aqui empreendido, pudemos perceber que com o advento da Internet, os poetas estão ganhando mais destaque, sobretudo porque adolescentes e adultos estão produzindo e consumindo muito mais do que as gerações anteriores. Assim como Gutenberg nos transformou em leitores e a fotocopiadora nos converteu em editores, o computador pessoal está fazendo com que todos sejam autores e está, principalmente, desmistificando o fazer poético, tornando-o acessível ao grande público leitor – muito porque é também compartilhável.

Diante de uma nova geração de conteúdos e de engajamentos, os caminhos literários se refazem, como neste caso: primeiro o público valida o escritor para, depois, as editoras o consolidarem nos espaços impressos. Nesse sentido, pudemos ver que a figura do escritor vem ganhando cada vez mais importância na contemporaneidade, tornando não apenas sua produção, mas “ele mesmo” um “objeto” de desejo e consumo por parte de seu público leitor. Com essa visibilidade, os escritores que ainda não exploravam esses espaços com a mesma consciência com a qual o fazem na atualidade, ganham legitimidade pelo público de hoje, obtendo mais chances de vender seus livros e produtos.

Essa reconfiguração e identidade literária na contemporaneidade a qual observamos nesta pesquisa vem ganhando força na rede. Com essa visão, as novas tecnologias vêm alavancando a literatura e trazendo perspectivas renovadoras às editoras. O universo criado pelo poeta Pedro Gabriel, que se iniciou a partir de seus poemas feitos e desenhados nos guardanapos, seguindo para as páginas **Eu me**

**chamo Antônio** nas mídias sociais (*Facebook* e *Instagram*), expandiu-se para novas fronteiras, tornando-se um fenômeno transmidiático.

Essa multiplicidade de espaços nos quais o fazer poético está presente permite-nos observar manifestações de uma cultura plural, que por ora pode exercer influência e ampliar sua performance para diferentes públicos. Estar no mundo *Crossmedia*, como é o seu caso, presente nas redes sociais, vídeos, mídia impressa, dentre outras plataformas, como é o caso do *Spotify*; é uma forma contemporânea de atingir cada vez mais um público capaz de se interessar por suas histórias, alavancar a sua marca e manter-se constante nos veículos de comunicação de massa, de modo que o engajamento mantenha audiência.

Essa expansão multimidiática, na qual sua produção poética está inserida, faz com que as novas tecnologias transportem suas ideias e comuniquem novos comportamentos, tornando-se poderosas ferramentas que servem de suporte sociocultural e que se fundem em diversos cibercaminhos. Trabalho este, rico em linguagem sincrética ou híbrida, que opera com palavras e imagens, desenhos gráficos, figuras, cores, fotografia, sons, movimento, entre outros. Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nossa percepção e pensamento.

O presente estudo buscou responder a problematização diante das transformações na produção e recepção da literatura e demais artes – por conta das novas tecnologias caracterizadas pela produção poética realizada em ambiente virtual, especificamente do poeta Pedro Antônio Gabriel no espaço de mídias digitais como o *Instagram*, e de que maneira este contingente de publicações pode vir a interferir/influenciar em questões relativas à Literatura e suas mutações. De fato, pudemos verificar que sua formação acadêmica e sua experiência pessoal foram importantes para o seu processo de criação e, sobretudo, sua inserção no universo virtual foi essencial para a gênese de Antônio. O autor fez do uso da palavra e das imagens, um trabalho artístico de performance, incluindo ainda um conhecimento extenso e profundo das formas de letras, convenções do meio impresso e estilos literários. O processo criativo que Pedro Gabriel utiliza nos suportes das mídias sociais ganha um caráter híbrido e alcança um ponto em que suas ideias se aproximam à publicação dos livros; assim como, na construção de seus personagens, caligrafia e distribuição das cores. Sua poesia faz referência aos escritores que significam muito para sua formação poética. Seus objetos

estabeleceram novas conexões, criando sua própria lógica, marcando sua obra e proporcionando novas respostas à sua escrita e à criação de seu personagem.

Ler um livro de Pedro Gabriel é, sem dúvida, uma experiência pessoal única, pois nossa capacidade multissensorial é aguçada por sua escrita, pela qualidade do projeto gráfico, dos desenhos elaborados e artísticos, capazes de compor ao longo da leitura um contexto no qual o processo estético e visual está presente e é relevante ao fazer poético: tudo o que está no livro importa e dialoga entre si. Vivemos hoje cercados por imagens visuais, e esses novos aparatos determinam nosso modo de ver e perceber o mundo contemporâneo, onde o olhar não se limita apenas ao desenrolar das letras, mas entre imagem e texto, a foto e a legenda, entre tipos gráficos, o desenho da página e a diagramação. O alargamento das informações e seu acesso menos restrito por meio dos meios tecnológicos permitem que a poesia chegue a um público muito maior. **Eu me chamo Antônio** se inscreve numa nova tendência literária chamada *visual writing*, em que tipografia, desenhos e fotos se integram ao texto, tornando-o híbrido e em constante diálogo com o digital.

Logo, o título desta pesquisa, extraído de um guardanapo-poema de Pedro Gabriel, **incoMUDE-se**, é suficiente para representar o centro reflexivo desse processo renovador que é o incômodo de mudar e escrever um novo capítulo sobre a poesia literária brasileira, a literatura e sua inseparável – e nova – relação com a Internet.

## REFERÊNCIAS

A CASA TOMBADA. **Gestos de escrita**: Curso de extensão universitária. Disponível em: <<https://acasatombada.com.br/gestos-de-escrita/?fbclid=IwAR3dWiQH3BI6-Qg0bdEuMZkcTbOJWibH9VJJH0EkwnoNLIImKMD5H0sFJJ0>>. Acesso em: 07 out. 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Argos: Chapecó, SC, 2009.

AHLGREN, Matt. **Facebook**: estatísticas e fatos para 2020. Disponível em: <<https://www.websitehostingrating.com/pt/facebook-statistics/>>. Acesso em: 15 set. 2019.

ANGIOLILLO, Francesca. **Os que têm o poder continuam nos velhos caminhos modernos, diz Michel Maffesoli**. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/os-que-tem-o-poder-continuam-nos-velhos-caminhos-modernos.shtml>>. Acesso em: 21 jan. 2020.

ANICETO, Patrícia de P.; NOGUEIRA, N. H de A. Eu me chamo Antônio: o enlouquecimento do subjétil. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 20, n. 35, p. 55-65, jan./jun. 2019.

BENJAMIN, Walter. **A obra na era de sua reprodutibilidade técnica**. Org. e prefácio Márcio Seligmann-Silva; Tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

BERNARDI, Heloisa. **Poesia, escrita quirográfica, leitura digital**: a literatura de Pedro Gabriel. Passo Fundo: UPF, 2017.

BERND, Zilá. **Híbrido**. 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/hibrido>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

BOLTER, Jay David. **The computer, hypertext, and the history of writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRESSAN, Renato Teixeira. Dilemas da rede: Web 2.0, conceitos, tecnologias e modificações. **Anagrama**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35306>>. Acesso em: 25 maio 2020.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Disponível em: <<https://laracoutouv.files.wordpress.com/2016/02/seis-propostas-para-o-procc81ximo-milecc82nio-italo-calvino.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CELESTE, Jennifer da S. G.; DEFILIPPO, J. G. **De Paulo Leminski a Pedro Antônio Gabriel**: Diálogos atemporais na literatura brasileira contemporânea. **Miguilim**, Crato, v. 6, n. 1, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1201>>. Acesso em 08 mar. 2020.

CELESTE, Jennifer da S. G. **Lugares da/para a poesia na contemporaneidade digital**: Desbravando a(s) poética(s) e a(s) subjetividade(s) de Pedro Antônio Gabriel em Ilustre Poesia. **Interfacis**, Belo Horizonte, v. 4, n. 4, 2018. Disponível em: <<http://facisaead.com.br/ojs/index.php/interfacis/article/view/144>>. Acesso em 29 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **O livro nos tempos dos #likes**: transfigurações na literatura brasileira contemporânea. 2018. 239 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura Brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2018.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CICERO, Antonio. **A poesia e a crítica**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CLÜVER, Claus. Inter Textus/ Inter Artes/ Inter Media. **Aletria**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 11 - 41, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>>. Acesso em: 26 fev. 2020.

COLE, Dorian S. **O que é escrita visual**. 2003. Disponível em: <<http://www.visualwriter.com/ScriptDr/WhatIsVis.htm>>. Acesso em: 22 maio 2020.

COMPAGNOM, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução Cleonice Mourão e Consuelo Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CONDORELLI, Antonio; GOMES, Bruno S. F. F.; DANTAS, Juliana B. A. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre a comunicação: linguagens, narrativas, práticas, mediações**. Natal, RN: EDUFRRN, 2015.

COSTA, Cristiane. **O desenhador de palavras**. Blog da Editora Intrínseca. 8 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2013/11/o-desenhador-de-palavras/>>. Acesso em: 01mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das letras, 2005. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10683791/Pena\\_de\\_aluguel\\_escritores\\_jornalistas\\_no\\_Brasil\\_-\\_arquivo\\_final](https://www.academia.edu/10683791/Pena_de_aluguel_escritores_jornalistas_no_Brasil_-_arquivo_final)>. Acesso em: 28 jul. 2020.

DALMONTE, Fernando Edson. **Relações interdiscursivas: os paratextos como modo de existência dos textos contemporâneos**. Disponível em: <<http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/vGT14-Edson-Fernando-Dalmonete.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

DEFILIPPO, Juliana G.; CELESTE, Jennifer da S. G.; NASCIMENTO, Camile C. Investimento na materialidade do conteúdo digital de blogueiros e *youtubers*: perspectivas para a Literatura Brasileira Contemporânea. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1. p. 61-76, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/4455>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

DINIZ, Thaís F. N. **Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

\_\_\_\_\_. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FAILLA, Zoara. **Retratos de um jovem leitor**. Revista Observatório Itaú Cultural - N. 17 (ago./dez. 2014). - São Paulo: Itaú Cultural, 2014.

FARIA, Tatiana L. **Interseção entre mercado editorial e pesquisa acadêmica: análise da coleção Vereda Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-03042017-125156/pt-br.php>>. Acesso em: 25 de fev 2020.

FURTADO, José Afonso. **O papel e o pixel. Do impresso ao digital: continuidades e transformações**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2006.

GABRIEL, Pedro. **[A poesia está na mesa!]**. Blog da Editora Intrínseca. 04 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2014/11/a-poesia-esta-na-mesa/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Eu me chamo Antônio**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

\_\_\_\_\_. **Segundo – Eu me chamo Antônio**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

\_\_\_\_\_. **Ilustre poesia: eu me chamo Antônio**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

\_\_\_\_\_. Facebook: **Eu me chamo Antônio**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eumechamoantonio/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Instagram: **@eumechamoantonio**. Disponível em: <<https://www.instagram.com/eumechamoantonio/?hl=pt-br>>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **O verso da criação – a escolha do nome**. Blog da Editora Intrínseca. 23 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/08/o-verso-da-criacao-a-escolha-do-nome/>>. Acesso em: 05 de mar de 2020.

GALHARDI, Pedro P.; SEHN, Thaís C. M. **Considerações sobre a resistência do livro impresso na era digital**. Anais da Alcar 2015, Porto Alegre, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-impressa/consideracoes-sobre-a-resistencia-do-livro-impresso-na-era-digital/view>>. Acesso em: 20 maio 2020.

GAGLIANONE, Isabela. **Filósofos e literatos que pontuam Mallarmé como o principal marco de ruptura com a poesia progressiva**. O Benedito. Resenhas e ensaios literário-filosóficos, 2015. Disponível em: <<https://obenedito.com.br/filosofos->

e-literatos-que-pontuam-mallarme-como-o-principal-marco-de-ruptura-com-poesia-progressa/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: La littérature au second degré. Paris: Ed. du Seuil, 1982. Disponível em: <<https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3032/GENETTE-Gerard-Palimpsestes.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

GOLDESTEIN, Ilana S. Aos leitores. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 17, ago./dez. 2017.

GUARACY, Thales. **A queda das livrarias e o futuro do livro e da literatura**. Publishnews, 06 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2018/11/06/a-queda-das-livrarias-e-o-futuro-do-livro-e-da-literatura>>. Acesso em: 20 maio 2020.

HAMBURGER, Michel. **A verdade da poesia modernista desde Baudelaire**: Michel Hamburger. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAYLES, N. KATHERINE. **Literatura eletrônica**: novos horizontes para o literário. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. 1. ed. São Paulo: Global: Fundação Universidade Passo Fundo, 2009.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KRUG, Flavia S. Textualidade Digital e Texto Eletrônico. **Hipertexto**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 19 - 29, jan./jul. 2016. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=hipertexto&page=article&op=view&path%5B%5D=852&path%5B%5D=0>>. Acesso em: 22 abr. 2020.

INTRÍNSECA, **5 novas no segundo**. 07 nov. 2014. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2014/11/5-novas-no-segundo/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Um novo emaranhado de palavras.** 26 set. 2014. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2014/09/um-novo-emaranhado-de-palavras/>>. Acesso em: 20 maio 2020.

LAJOLO, Marisa. **Literatura:** ontem, hoje, amanhã. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LEMINSKY, Paulo; SUPLICY, João. **Winterverno.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Toda poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LEMOS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **Logos:** comunicação e universidade, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan/jul. 1997, p. 15 - 19. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/issue/view/71/showToc>>. Acesso em: 28 set. 2019.

LÉVY, Pierre. **O futuro da internet:** em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo. Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo:** uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LOPES, Artur Louback. **Quantas publicações um autor deve vender para ser considerado um best-seller?** 4 jul. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quantas-publicacoes-um-autor-deve-vender-para-ser-considerado-um-best-seller/>>. Acesso em: 24 maio 2020.

LYRA, Pedro. **A poesia de vanguarda.** In: Tempo Brasileiro, v. 83, out./dez., 1985.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedade de massas. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

\_\_\_\_\_. **A palavra do silêncio.** São Paulo: Palas Athena, 2019.

MALINI, Fábio. **A economia dos Likes e do RTS dos usuários-fãs de literatura brasileira nas redes sociais**: Leminski, Clarice, Machado e Caio F. Abreu Disponível em: <<https://www.labic.net/publicacao/a-economia-dos-likes-e-do-rts-dos-usuarios-fas-de-literatura-brasileira-nas-redes-sociais-leminski-clarice-machado-e-caio-f-abreu/>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Sesc, 2017.

MARIN, Davi Junqueira. **A galáxia de Zuckerberg e a formação do narrador eletrônico**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2019.

MARTINS, Pedro. **O brilho de escrever poesia em guardanapos**. Blog da Editora Intrínseca. 29 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.intrinseca.com.br/blog/2016/06/o-brilho-de-escrever-poesia-em-guardanapos/>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MASSOLAR, Pablo. **Cinco tendências atuais do mercado editorial**. Blog da Publik. 2014. Disponível em: <<https://publiki.me/cinco-tendencias-atuais-do-mercado-editorial/>>. Acesso em: 31 ago. 2020.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. Tradução Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MITCHELL, Willian J. T. Mostrar o ver: Uma crítica à cultura visual. **Interin**, v. 1, n. 1, 2006, p. 1 - 20. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504450754009>> Acesso em: 30 ago. 2020.

MORAES, Layse. **Eu me chamo Antônio**. 2013. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/eu-me-chamo-antonio>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MORICONI, Italo. Poesia e crítica, aqui e agora (Ensaio de síntese e vocabulário). In: **Suplemento Literário de Minas Gerais**. Edição nº 1.348 – Maio/Junho. Secretaria de Estado de Cultura: Belo Horizonte, 2013.

\_\_\_\_\_. **Poesia e crítica, aqui e agora (ensaio de vocabulário)**. In: Possibilidades da nova escrita literária no Brasil. Org. Beatriz Resende e Ettore Finazzi-Agró. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

NÓVOA, Antônio. As palavras das imagens. **Retratos de Professores (Séculos XIX-XX)**. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/671>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

OLINTO, Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl. **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERAYA, Daniel. **Médiation et médiatisation**: le campus virtuel. Hermès, La Revue, n. 25, p. 153 - 167, 1999. Disponível em: <[https://www.cairn.info/load\\_pdf.php?ID\\_ARTICLE=HERM\\_025\\_0153](https://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=HERM_025_0153)>. Acesso em: 24 fev. 2020.

PERRONE, Leyla Moisés. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

PLAZA, Julio. Brasil, país do futuro. In: \_\_\_\_\_. **Arte e interatividade**: autor-obra-recepção. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/cap/ars2/arteeinteratividade.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

PRIMO, Alex. **Industrialização da amizade e a economia do curtir. Estratégias de monetização em sites de redes sociais**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/13208711/Industrializa%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_amizade\\_e\\_a\\_economia\\_do\\_curtir\\_estrat%C3%A9gias\\_de\\_monetiza%C3%A7%C3%A3o\\_em\\_sites\\_de\\_redes\\_sociais](https://www.academia.edu/13208711/Industrializa%C3%A7%C3%A3o_da_amizade_e_a_economia_do_curtir_estrat%C3%A9gias_de_monetiza%C3%A7%C3%A3o_em_sites_de_redes_sociais)>. Acesso em: 03 mar. 2020.

RIBEIRO, Olzeni C.; MORAES, Maria C. **Criatividade em uma perspectiva transdisciplinar**: rompendo crenças, mitos e concepções. Brasília: Liber Livro, 2014.

ROSSETTI, R.; ALMEIDA, M. Duas leituras do livro Eu me chamo Antônio: análise da visualidade semiótica. **Estudos Semióticos**, São Paulo, 2017, v. 13, n. 1, p. 52 - 64. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/131141>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SADOKIERSKI, Zoë. **Redação visual**: Uma crítica de dispositivos gráficos em romances híbridos, da perspectiva do design de comunicação visual. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade de Tecnologia, Sydney, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/644367/Visual\\_writing\\_a\\_critique\\_of\\_graphic\\_devices\\_in\\_hybrid\\_novels\\_from\\_a\\_visual\\_communication\\_design\\_perspective](https://www.academia.edu/644367/Visual_writing_a_critique_of_graphic_devices_in_hybrid_novels_from_a_visual_communication_design_perspective)>. Acesso em: 30 maio 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. Melhoramentos: São Paulo, 2012.

SANTIAGO, Silviano. Alfabetização, Leitura e Sociedade de Massa. In: NOVAES, Adauto (Org). **Rede imaginária: Televisão e democracia**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/ Companhia das Letras, 1991.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Leitura de nós: ciberespaço e literatura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SANTOS, Diêgo R. P. dos. **Leia, curta e compartilhe!** Uma análise da literatura em tempos de redes sociais. UESC. Ilhéus, 2016.

\_\_\_\_\_. **Ciber literatura: a produção literária em tempos de redes sociais**. Itabuna: A5 Editora, 2019.

SCWARCZ, Luiz. **Cartas de amor aos livros**. Blog da Companhia. 27 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Cartas-de-amor-aos-livros>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SCRAMIM, Suzana, et al. **O duplo estado da poesia: modernidade e contemporaneidade**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

SEHN, Thaís C. M. **O livro como objeto de desejo**. 2009. 224 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Design Gráfico) - Centro de Artes e Design, Universidade Federal de Pelotas, 2009.

SIMON, Iumna Maria. **Condenados à tradição: o que fizeram com a poesia brasileira**. Out. 2011. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/condenados-a-tradicao/>>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, Rhadly E; VIEIRA, Wellington N. **Semiótica e metalinguagem: uma análise da construção dos sentidos metalinguísticos na apresentação da obra "Eu me chamo Antônio"**, de Pedro Gabriel. Anais FLIPA, Paulo Afonso, p. 99 - 117, 2018. Disponível em: <[https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/semiotica\\_e\\_metalinguagem.pdf](https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/semiotica_e_metalinguagem.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, Eneida M. de. **Crítica cult**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. **Até segunda ordem não me risque nada**: os cadernos, rascunhos e a poesia-em-vozes de Ana Cristina Cesar. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

TEIXEIRA, Lucia; CARMO JR., José R. do (Org.). **Linguagens na cibercultura**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

\_\_\_\_\_. Poderes da poesia. In: \_\_\_\_\_; CICERO, Antônio (Org.). **Forma e sentido contemporâneo**: poesia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 19 - 41.

VERANO, Paulo. **O mercado editorial brasileiro em tempos ambivalentes**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-mercado-editorial-brasileiro-em-tempos-ambivalentes/>>. Acesso em: 26 abr. 2020.